ENVER HOXHA

O EUROCOMUNISMO É ANTICOMUNISMO

EDITORA ANITA GARIBALDI

ENVER HOXHA

O EUROCOMUNISMO É ANTICOMUNISMO

TRADUÇÃO: Aníbal Jardim

Copy-desk: Editora Anita Garibaldi

EDITORA ANITA GARIBALDI
1983

Traduzido da edição em espanhol do Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas adjunto ao Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia. Casa Editora “8 Nentori” — Tirana — 1980.

Editora Anita Garibaldi Ltda.
Rua Major Quedinho, 300-s/3 - Cep: 01050
fone: 37-7298

APRESENTAÇÃO

Tem enorme interesse a publicação em português da obra de Enver Hoxha "O Eurocomunismo é Anticomunismo". É uma critica cientifica ao revisionismo, feita num estilo simples e direto. Particularmente agora, quando todos os recursos são mobilizados pela burguesia para difundir as mais grosseiras tergiversações do marxismo, as opiniões do destacado dirigente do Partido do Trabalho da Albânia representam uma bússola segura para os defensores do socialismo cientifico.

Neste livro, Enver Hoxha analisa as diversas variantes do revisionismo contemporâneo, principalmente o eurocomunismo. Indica que o seu surgimento não deve ser encarado como uma simples traição de pessoas ou grupos, mas como um "fenômeno social, produto da pressão da burguesia sobre a classe operária e sua luta". Mostra concretamente as condições objetivas e subjetivas que possibilitaram o seu aparecimento, polemiza e destrói, com uma sólida argumentação marxista-leninista, as suas falsas concepções.

A degenerescência dos partidos eurocomunistas já havia começado há tempos, no período da segunda guerra mundial. Na luta contra o fascismo, estes partidos ficaram a meio caminho, vacilaram em levar adiante a luta revolucionária. Aferraram-se à defesa das liberdades democráticas mas desligaram esta tarefa do objetivo socialista; não souberam ligar os objetivos imediatos com os interesses mais gerais do proletariado. Iludiram-se com a democracia burguesa e acalentaram o sonho de alcançar o socialismo através de eleições, pela via parlamentar.

Estas fragilidades seriam úteis para os planos da burguesia, que trataria de aprofundá-las em seu interesse. Neste período, depois da guerra, o imperialismo estava em dificuldades. A derrota do fascismo representou ao mesmo tempo um forte abalo para as posições do capitalismo em todo o mundo. Os povos elevaram o seu nível de luta em busca da libertação. O prestigio da União Soviética e do socialismo espalhou-se por todo lado. Formou-se um poderoso campo socialista com a URSS e os países de democracia popular da Europa e da Ásia. Os partidos comunistas reforçaram a sua influência junto às massas. As forças da revolução cresciam enquanto os defensores do capitalismo se isolavam.

O imperialismo rapidamente elaborou uma estratégia para sabotar a revolução, minar os partidos comunistas e destruir a ditadura do proletariado. Passou a usar a pressão econômica, política, ideológica

e militar em grande escala. Aos oportunistas e revisionistas, nesta estratégia, cabia o papel de cavalo de Tróia, de atuar dentro do movimento operário para destruir a organização e as ações revolucionárias, privar o proletariado de seu Estado-Maior dirigente, confundi-lo ideologicamente, desorientá-lo politicamente.

Sem condições para combater frontalmente o marxismo-leninismo, os revisionistas apresentam-se como "continuadores" de Marx e tratam de "desenvolver de forma criadora'' a teoria do proletariado. Substituem a luta revolucionária pelos "compromissos históricos" com os partidos burgueses e pelos "caminhos democráticos" de reforma do capitalismo. Salientam as mudanças verificadas na sociedade com o intuito de encobrir o fato de que as leis que regem o seu desenvolvimento permanecem as mesmas. A tal ponto chegaram, afirma Enver Hoxha, que "os programas dos partidos revisionistas são programas dos partidos burgueses, socialistas e social-democratas que navegam nas mesmas águas."

0 precursor do revisionismo contemporâneo foi Earl Browder, que chegou a defender a transformação do Partido Comunista dos Estados Unidos numa associação cultural e de propaganda para aperfeiçoar a democracia americana e, desta forma, abrir o caminho para o socialismo. Enver Hoxha analisa sua evolução e demonstra como estas idéias tinham semelhanças com certas concepções já expressadas por Mao Tsetung neste período.

0 browderismo proclamava o fim das diferenças de classes nos EUA, manifestando-se pela "unidade nacional" entre burgueses e proletários. Suas concepções causaram danos nos EUA e em alguns partidos da América Latina. Blas Roca, dirigente do PC cubano chegou a escrever um livro para defender estes pontos de vista capitulacionistas. Codovilla na Argentina, assim como outros dirigentes no Uruguai e no Chile também embarcaram neste barco furado. No Brasil, Prestes chegou a elogiar as "novidades" de Browder, mas recolheu rapidamente o seu entusiasmo diante da vigorosa resposta dada pelo movimento comunista mundial a esta traição descarada da teoria revolucionária. Enver desmascara também o "maoísmo" — que chegou a se apresentar como adversário do revisionismo — mas que se revelou como uma amálgama de idéias que, a pretexto de "achinezar" o marxismo, negava as suas leis fundamentais. Demonstra também como o titismo cumpriu um papel chave na estratégia imperialista, num momento crucial do combate entre capitalismo e socialismo, dividindo o campo socialista quando a correlação de forças mundial tendia para o lado do proletariado.

Enver Hoxha destaca o papel particularmente nocivo do revisio-

nismo krushovista ao usurpar o poder na URSS, restaurar o capitalismo e transformar o primeiro pais socialista e grande centro da revolução mundial em um pais imperialista e em foco de contra-revolução. Os revisionistas soviéticos transformaram-se numa nova burguesia no poder, explorando os trabalhadores de seu pais e espalhando a sua influência por todo o mundo. A traição krushovista deu alento ao oportunismo por todo lado e transformou-se numa corrente agressiva, de proporções internacionais.

A obra de Enver Hoxha detém-se pormenorizadamente no eurocomunismo — na verdade anticomunismo — e mostra a sua manifestação principalmente nos partidos da França, Itália e Espanha. Estes renegados da revolução embelezam o quanto podem o capitalismo. Dizem que o proletariado "inseriu-se" a tal ponto no capitalismo que não tem mais interesse na revolução. E que as transformações ocorridas na sociedade fizeram com que as demais camadas sociais, em particular os intelectuais, se igualassem ao proletariado. Falam de "reformas estruturais" que levariam a mudanças na correlação das forças sociais, permitindo a passagem gradativa ao socialismo através da democratização em todos os sentidos da sociedade burguesa. Estas mudanças contariam inclusive com o apoio da maior parte da burguesia.

Na Itália, os eurocomunistas de Berlinguer defendem que a passagem ao socialismo será efetivada através da linha definida pela Constituição Republicana, em aliança com a democracia cristã. Na França pregam a formação de um bloco de esquerda, com os socialistas de Mitterand e outras forças burguesas, para construir o "socialismo democrático, de autogestão". Na Espanha, sob a batuta de Santiago Carrillo, tornam-se admiradores da Monarquia — democrática, segundo eles — e tratam de adaptar as atuais instituições aos interesses populares. Dizem inclusive que o exército espanhol — o mesmo que sustentou Franco no poder durante décadas — pode ser educado para que abandone as suas idéias direitistas.

Com tudo isto, não é de se admirar que para os eurocomunistas os conceitos de luta de classes e de ditadura do proletariado sejam peças de museu — o próprio conceito de proletariado eles já jogaram no lixo. Trocam a arma de combate que é o partido de vanguarda, marxista-leninista, por um aglomerado amorfo, voltado unicamente para as lides parlamentares. Substituem a revolução pela conciliação de classes.

No Brasil, o chamado Partido Comunista Brasileiro, dividido em um sem número de facções, segue este mesmo caminho. A pretexto de lutar pela sua legalização, os seguidores de Giocondo Dias caem na

mais completa subserviência diante da burguesia. Trocam qualquer coisa pela permissão oficial para ter um lugar no parlamento e certamente sonham em mais tarde, quem sabe, conseguir senão uma cadeira pelo menos um banquinho mais próximo do poder. Recentemente estes revisionistas foram ao Congresso Nacional apresentar o seu projeto de estatutos e programa — elaborados dentro dos padrões estabelecidos por todos os partidos burgueses. 0 que há de mais "radical" em tal documento é a defesa de "transformações substanciais", para "modificar o caráter e as funções" das instituições estatais. Concluem que a "democracia de massas é a via para o socialismo no Brasil" e explicam que o socialismo é o "ordenamento societário no qual a democracia política realiza-se na democracia econômica e social". E, para completar, dizem que seus militantes devem "aceitar a teoria social fundada por Marx e desenvolvida por Lênin, como método cientifico de análise da realidade".

Tudo muito esterilizado, ao gosto da burguesia. Para eles, o marxismo é apenas um método *de análise — nada de teoria da revolução. E o socialismo é um* ordenamento *para realizar a democracia.*

Mas, infelizmente para os oportunistas, a vida é adversa a estas falsidades. É claro que vivemos numa situação diferente da época de Marx e Engels. E mesmo em relação ao período de Lênin e Stálin o capitalismo desenvolveu-se bastante. Mas pode-se por acaso falar em alteração do conteúdo *da exploração capitalista? Mudaram as condições materiais e sociais que separam o proletariado da burguesia? Transformou-se o* caráter *opressor e explorador do capitalismo? Os operários deixaram de ser os despossuidos que trabalham sob o comando do capital para fornecer a mais valia aos capitalistas? Pelo contrário. Em particular com a crise atual, a mais profunda e mais extensa de sua história, o capitalismo acirra todas as suas contradições básicas, aprofunda ainda mais o fosso entre operários e patrões. A luta de classes torna-se cada dia mais aguda e a revolução é, mais do que nunca, "um problema candente que exige solução" — com afirma Enver Hoxha.*

Como falar em nivelação de todas as camadas sociais e em integração do proletariado nos "benefícios'' do capitalismo para os 10 milhões de desempregados dos Estados Unidos, os 2,5 milhões da França e outros tantos na Alemanha, Inglaterra, Itália e todo o mundo capitalista? Como explicar as "maravilhas" deste sistema social aos operários que têm os seus *salários rebaixados por imposição dos governos, a serviço dos patrões, para salvaguardar os lucros da burguesia? E as reduções das conquistas já existentes em relação à previdência*

social e a piora em particular do atendimento da saúde? Como falar em ampliação da democracia quando a burguesia trata, pelo contrário, de aprovar novas leis de caráter fascistizante e de recrudescer a repressão policial sobre os trabalhadores?

A realidade, longe de negar, confirma cabalmente a teoria marxista-leninista. Os revisionistas de tódos os tipos, nos seus esforços desesperados para esconder esta verdade, apenas revelam-se como agentes da burguesia para perpetuar o capitalismo. Enver Hoxha assinala que "a estratégia e as táticas da burguesia, que foram também adotadas pelos eurocomunistas, tendem a dividir a classe operária a fim de impedir que se forme uma força de combate única com a qual tenham que se defrontar".

Com sua critica de princípios ao revisionismo, Enver Hoxha trata de manter afiado o aço da teoria revolucionária e do partido do proletariado, armas indispensáveis para unir a classe operária, conquistar a liberdade, o socialismo e o comunismo. Ele afirma que "A revolução e o socialismo representam a única chave de que o proletariado e as massas precisam para resolver as contradições irreconciliáveis da sociedade capitalista, para acabar com a opressão e a exploração, para alcançar a verdadeira liberdade e igualdade. E enquanto houver opressão e exploração, enquanto houver capitalismo, o pensamento e a luta das massas se orientarão sempre para a revolução e o socialismo".

O combate ao revisionismo é tarefa permanente. Desmascaradá e derrotada num determinado momento, esta erva daninha ressurge mais adiante, com roupa nova, sempre travestida com um linguajar revolucionário, para servir à burguesia, pregando a conciliação de classes. É uma luta que faz parte da guerra de classes no terreno ideológico.

Enver Hoxha sempre se destacou como defensor do marxismo-leninismo e crítico intransigente do revisionismo. Na direção do PTA, enfrentou uma dura batalha contra o titismo que, tomando o poder na Iugoslávia, pressionou o Partido e o governo da Albânia nos terrenos político, econômico, ideológico e militar. Da mesma forma, desde o tristemente famoso XX^{o} Congresso do PCUS, ofereceu combate ao krushovismo e à máquina de poder da URSS, transformada em superpotência social-imperialista.

"O Eurocomunismo é Anticomunismo" esclarece importantes problemas teóricos e ajuda a compreender o papel do revisionismo na estratégia hegemonista da URSS e dos EUA. É uma leitura essencial para os trabalhadores e todos os estudiosos do marxismo-lenisnismo.

Rogério Lustosa
Diretor do Semanário Tribuna Operária.

Durante o IX Congresso do Partido Comunista da Espanha, realizado em abril de 1978, os revisionistas carrillistas declararam que seu partido não era mais um partido marxista-leninista, mas sim um "partido marxista-democrático e revolucionário". "Considerar o leninismo como o marxismo do nosso tempo, declarou Carrillo, é algo inaceitável".

Os dirigentes revisionistas franceses propuseram ao seu XXIII Congresso, que se reuniu em maio de 1979, que nos documentos do partido se evitasse toda referência ao marxismo-leninismo e em seu lugar se utilizasse a expressão "socialismo científico".

Também os revisionistas italianos, em seu XV Congresso de abril de 1979, suprimiram dos estatutos a exigência de que os membros do partido devem assimilar o marxismo-leninismo e aplicar seus ensinamentos. "A fórmula 'marxismo-leninismo' não reflete todo o valor de nosso patrimônio teórico e ideológico", disseram os togliattistas. Agora pode pertencer ao partido revisionista italiano todo aquele que quiser, independentemente da ideologia que professe ou ponha em prática.

Deste modo, os revisionistas eurocomunistas confirmaram pública e formalmente seu divórcio definitivo do marxismo-leninismo, o que na realidade já haviam feito há muitos anos. A propaganda burguesa, muito satisfeita por esta rápida e completa transformação destes partidos em partidos de cunho social-democrata, passou a denominar o ano de 1979 de "ano de eurocomunismo".

Numa situação em que a burguesia européia se encontra diante de grandes dificuldades provocadas pela grave crise econômica e política, e a revolta das massas com as conseqüências desta crise, com a opressão e a exploração capitalistas marcha em contínua ascensão, nada pode ser mais útil a esta burguesia do que os pontos de vista antimarxistas e a atividade antioperária dos eurocomunistas. Nada melhor para auxiliar a estratégia do imperialismo de sufocar a revolução, minar as lutas de libertação e dominar o mundo, do que as correntes revisionistas pacifistas, capitulacionistas e colaboracionistas, entre as quais se inclui o eurocomunismo.

A burguesia ocidental não oculta seu entusiasmo ao ver que os revisionistas eurocomunistas têm-se alinhado com os social-democratas e os fascistas para atacar conjuntamente e com todas as suas armas a revolução, o marxismo-leninismo, o comunismo. Os capitalistas sentem uma grande satisfação ao preparar seus novos administradores destinados a substituir gradualmente os social-democratas, os quais, por haverem permanecido longos anos nas engrenagens do Poder burguês e haverem combatido abertamente a classe operária e a causa do socialismo, acabaram em muitos países nas fileiras da reação extrema e se desmoralizaram inteiramente aos olhos dos trabalhadores. Os social-democratas fundiram-se com a grande burguesia, não só ideológica e politicamente, como também do ponto de vista social. Hoje a burguesia abriga muitas esperanças em que os revisionistas eurocomunistas se convertam nos principais guardiães do regime capitalista, em porta-bandeiras da contra-revolução. Porém, os grandes senhores do capital se apressam cedo demais a tocar os clarins da vitória.

Há mais de um século que o comunismo semeia o pânico entre a burguesia capitalista e os latifundiários, entre os imperialistas, os oportunistas e os renegados do marxismo-leninismo. Há mais de um século que o marxismo-leninismo vem orientando os proletários em suas batalhas para aniquilar o capitalismo e fazer triunfar o socialismo. Sua triunfante bandeira tremulou durante anos em muitos países e os operários, os camponeses, a intelectualidade popular, as mulheres e os jovens gozaram os frutos daquela vida plena de liberdade, justiça, igualdade e humanidade pelas quais haviam lutado Marx, Engels, Lênin e Stálin. Ainda que o socialismo tenha sido destruído na União Soviética e em outros países onde a contra-revolução triunfou, isto não quer dizer que o marxismo-leninismo fracassou e seja inútil, como querem os burgueses e os revisionistas.

Os grandes dirigentes do proletariado, Marx e Lênin, assinalaram e repisaram que a revolução não é uma marcha triunfal em linha reta. Alcançará vitórias mas também sofrerá derrotas; avança em ziguezagues e ascende gradualmente. A história do desenvolvimento da sociedade humana demonstra que a substituição de um sistema social por outro superior não se realiza num só dia, mas abranje toda uma época histórica. Tampouco as revoluções burguesas, que substituíram o sistema de exploração feudal pelo capitalista, puderam se salvar da contra-revolução em numerosos casos e países. Um exemplo deste fato é dado pela França, onde a revolução burguesa, não obstante ser a revolução mais profunda e radical da época, não logrou instaurar nem consolidar de imediato o

regime capitalista. Após sua primeira vitória em 1789, a burguesia e as massas trabalhadoras viram-se obrigadas a lançar-se de novo e repetidas vezes à revolução para pôr abaixo a monarquia feudal dos Bourbons e o sistema feudal em geral e instaurar definitivamente o regime burguês.

A época das revoluções proletárias mal começou. O aparecimento do socialismo representa uma necessidade histórica que emana do próprio desenvolvimento objetivo da sociedade. Isto é algo inevitável. As contra-revoluções que se têm produzido, os obstáculos que se lhe antepõem, podem prolongar por certo tempo a existência do ultrapassado sistema explorador, porém são impotentes para conter o avanço da sociedade humana em direção ao seu futuro socialista.

O eurocomunismo trata de contrapor à revolução uma barricada de arbustos e espinhos com a finalidade de proteger o sistema capitalista. No entanto, as chamas da revolução têm destruído e reduzido a pó e cinzas não só este tipo de barricadas, mas também fortalezas inteiras erigidas pela burguesia.

Os revisionistas, em particular os eurocomunistas, não são os primeiros a atacar o marxismo-leninismo e a lançar-lhe os maiores anátemas. A reação burguesa e os imperialistas têm assassinado, torturado e atirado às prisões milhares e centenas milhares de comunistas combatentes da revolução que abraçaram as idéias do marxismo-leninismo e lutavam pela libertação do proletariado e dos povos. Os fascistas têm queimado em praças públicas os livros de Marx, Engels, Lênin e Stálin e, em muitos países ainda são passados pelas armas aqueles que são descobertos com estes livros, murmurando com admiração e esperança seus nomes. Não existe biblioteca que dê conta de armazenar os livros, revistas, jornais e demais publicações que atacam o marxismo-leninismo; nenhum cálculo ou suposição pode dar uma idéia exata da intensidade e amplitude da propaganda anticomunista do imperialismo.

Apesar de tudo isto, o marxismo-leninismo não desapareceu. Vive e floresce como ideologia e como realidade, materializado no sistema social socialista erigido conforme seus ensinamentos. Exemplos disso são a Albânia socialista, os partidos marxistas-leninistas, os milhões de operários e camponeses que combatem diariamente pela derrocada da burguesia, pela democracia e pela libertação nacional. Não há força, tortura, intriga ou mentira que possa arrancar o marxismo-leninismo da mente e do coração das pessoas.

A doutrina de Marx e Lênin não é um esquema elaborado nos gabinetes dos filósofos e dos politiqueiros. Esta doutrina reflete as leis objetivas do desenvolvimento da sociedade. Os trabalhadores, ainda que

não conheçam o marxisrno-leninismo, lutam para se salvar da opressão e da exploração, para destruir amos e tiranos, para viver livres e gozar os frutos de seu próprio trabalho. Mas, conhecendo os ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, encontram o caminho justo nesta luta, a bússola que os orienta na selva capitalista, adquirem a luz que ilumina seu seguro porvir socialista.

Os revisionistas querem quebrar esta bússola, apagar esta luz e fazer com que os trabalhadores percam esta perspectiva.

Até há pouco tempo os partidos revisionistas do Ocidente estavam unidos na campanha anticomunista kruschovista-imperialista contra Stálin. Falavam com grande alarde da "libertação do stalinismo" para retomar supostamente ao leninismo que, segundo eles, fora deformado por Stálin. Agora preconizam a renúncia ao leninismo "para unirem-se" aos fundadores do socialismo científico, Marx e Engels.

Estes renegados pretendem apresentar esta rápida ascensão pelos degraus da traição ao marxismo-leninismo como uma cansativa escalada à montanha para encontrar a fonte da verdade comunista. Porém, os revisionistas, quer sejam kruschovistas, quer sejam eurocomunistas, combatem igualmente, com a mesma ferocidade e perfídia, tanto Stálin como Lênin e Marx.

Não passava de uma simples tática concentrar no início seu fogo contra Stálin, deixando temporariamente Lênin de lado. Sua lógica de classe indicava aos imperialistas e revisionistas que em dado momento era preferível destruir primeiramente o socialismo na União Soviética, golpear o marxismo-leninismo onde havia sido levado à prática. A burguesia e a reação compreendiam que a degenerescência capitalista da União Soviética contribuiria em grande medida em sua luta para fazer degenerar os partidos comunistas que não estavam no poder.

O nome e a obra de Stálin estavam vinculados à criação do Estado da ditadura do proletariado na União Soviética e à construção do socialismo naquele país. Ao denegrir Stálin e o sistema social pelo qual ele lutou e trabalhou durante toda sua vida, a reação e toda a escória anticomunista não só pretendiam destruir a base maior e mais poderosa do socialismo, como também o sonho comunista de centenas e centenas de milhões de pessoas do mundo inteiro. Atacando Stálin e sua obra, pretendiam inculcar nos combatentes da revolução o espírito do pessimismo, o amargo sentimento dos que se decepcionam ao ver que inconscientemente se têm guiado por um ideal ultrapassado.

No entanto, apesar das grandes esperanças que depositaram em sua campanha contra Stálin e no triunfo da contra-revolução na União

Soviética e em outros países, a revolução não foi esmagada, o marxismo-leninismo não desapareceu, o socialismo não deixou de existir. Grande foi a traição kruschovista, porém jamais conseguiu arriar a gloriosa bandeira do marxismo-leninismo, que tem sido mantida sempre no alto pelos autênticos revolucionários, e por milhões de pessoas que confiam em sua força inesgotável. Ao passo que o kruschovismo se desmascarou como ideologia contra-revolucionária da restauração capitalista e como política de grande Estado para a dominação do mundo, o marxismo-leninismo continuou sendo a ideologia que conduz ao triunfo da revolução e à libertação dos povos.

Agora os revisionistas se voltaram contra o leninismo. É natural perguntar: por que se empreende este ataque contra o leninismo e por que precisamente os eurocomunistas são seus porta-bandeiras?

Assim como Kruschov, que com seu ataque a Stálin buscava golpear a teoria e a prática da edificação do socialismo, os eurocomunistas, com seu ataque a Lênin, querem golpear a teoria e a prática da revolução proletária. A obra de Lênin é muito vasta, mas é uma obra que se atém precisamente à preparação e à realização da revolução. Portanto, assim como Kruschov não podia destruir o socialismo na União Soviética sem tirar Stálin de seu caminho, tampouco os eurocomunistas podem sabotar e minar até o fim a revolução sem tirar Lênin da mente e do coração dos trabalhadores.

Em sua luta para negar e denegrir o marxismo-leninismo, a burguesia tem sempre a seu lado, conforme as circunstâncias, oportunistas de toda espécie, renegados de todas as cores. Todos eles têm pregado o fim do marxismo, considerando-o inadequado aos novos tempos, enquanto procuram propagar suas idéias "modernas" como ciência do futuro. Porém, que foi feito de Proudhon, Lassalle, Bakunin, Bernstein, Kautsky, Trotski e seus sequazes? Deles, a história nada diz de positivo. Suas pregações serviram unicamente para frear e sabotar a revolução, para minar a luta do proletariado e o socialismo. Em seu enfrentamento com o marxismo-leninismo sofreram derrotas após derrotas e todos foram parar no lixo da história. São retirados desse lixo de vez em quando pelos novos oportunistas, que procuram fazer passar por suas as fórmulas e as teses fracassadas e desacreditadas desses seus predecessores, e opô-las ao marxismo-leninismo. Assim atuam também hoje os eurocomunistas.

Em seus esforços para negar o marxismo-leninismo, apresentando-o como "caduco", e sob o pretexto de encontrar teorias supostamente novas para passar ao socialismo todos unidos, proletários e

burgueses, padres e policiais, sem luta de classes, sem revolução, sem ditadura do proletariado, os eurocomunistas não são nem os primeiros nem tampouco originais.

Há muito tempo que nosso Partido do Trabalho analisou e desmascarou as teorias antimarxistas e a atividade contra-revolucionária dos revisionistas iugoslavos e soviéticos. Além disso, destroçou os pontos de vista e as posições oportunistas e burguesas dos revisionistas chineses. Tampouco tem deixado de criticar a degenerescência ideológica e organizativa dos partidos comunistas da Europa Ocidental. No entanto, neste livro deter-nos-emos mais detalhadamente a analisar e criticar os conceitos e as teses anticomunistas da corrente revisionista que está ocasionando um grave dano à causa da revolução e do socialismo não só na Europa, mas também em todo o mundo. Os padrinhos capitalistas batizaram esta corrente do revisionismo contemporâneo de eurocomunismo, enquanto que, para nós, os marxistas-leninistas, trata-se de anticomunismo.

I

A NOVA ESTRATÉGIA IMPERIALISTA E O SURGIMENTO DO REVISIONISMO CONTEMPORÂNEO

O oportunismo, aliado permanente da burguesia

O surgimento do revisionismo contemporâneo, assim como do velho revisionismo, constitui um fenômeno social condicionado por diferentes e numerosas causas históricas, econômicas, políticas etc. Considerado em seu conjunto, este fenômeno é produto da pressão da burguesia sobre a classe operária e sua luta. O oportunismo e o revisionismo têm estado estreitamente vinculados, desde o início, à luta da burguesia e do imperialismo contra o marxismo-leninismo, têm sido parte integrante da grande estratégia capitalista orientada para minar a revolução e perpetuar a ordem burguesa. A medida que avança a causa da revolução e o marxismo-leninismo vai-se difundindo entre as amplas massas populares, o imperialismo tem dedicado uma maior atenção à utilização do revisionismo como sua arma preferida contra a ideologia triunfante do proletariado, como instrumento para solapar esta ideologia.

Assim ocorreu nos primórdios da segunda metade do século XIX, quando saíram à luz o *Manifesto Comunista* e as outras obras de Marx e Engels e a influência do marxismo entre as massas trabalhadoras da Europa tinha-se acentuado. Foi precisamente naquele momento que começaram a se difundir a corrente reformista dos tradeunionistas na Inglaterra, os pontos de vista pequeno-burgueses de Proudhon na França, as concepções pequeno-burguesas de Lassalle na Alemanha, as idéias anarquistas de Bakunin na Rússia e em outros países etc. Este fenômeno ocorreu também depois dos heróicos acontecimentos da Comuna de Paris, quando, aterrorizada até à medula pela propagação de seu grande exemplo, a burguesia instigou a nova corrente oportunista de Bernstein, que tratou de despojar o marxismo de seu conteúdo revolucionário e tomá-lo inofensivo para a dominação política da burguesia imperialista.

Nos alvores do século XX, quando amadureciam as condições político-econômicas para a revolução e para a tomada do Poder pelo proletariado, a burguesia deu todo o seu apoio à corrente oportunista

da II Internacional e a utilizou amplamente em suas manobras para a preparação e o desencadeamento da Primeira Guerra Mundial.

Após a histórica vitória da Revolução de Outubro, quando o socialismo, de teoria e movimento revolucionário, converteu-se em sistema econômico-social triunfante em uma sexta parte do mundo, o capitalismo viu-se obrigado a mudar de estratégia e de táticas. Aumentou a violência e o terror dentro de cada país, recorreu aos meios mais ferozes para reforçar seu Poder, implantando inclusive o fascismo. Intensificou antes de mais nada sua demagogia e sua propaganda com a finalidade de denegrir e deformar o marxismo-leninismo, inventando novas "teorias" pseudomarxistas, caluniando a União Soviética e preparando a guerra contra ela. 0 imperialismo, escrevia Lênin nesse tempo,

> *"... sente que o bolchevismo passou a ser uma força mundial, e precisamente por isso trata de asfixiar-nos com a máxima rapidez, desejando acabar em primeiro lugar com os bolcheviques russos para depois fazer o mesmo com os bolcheviques de seus próprios países". **

Em 1918, os imperialistas britânicos, norte-americanos, franceses e japoneses iniciaram sua intervenção militar na Rússia. A guerra contra o primeiro Estado dos operários e camponeses alinhou num só campo todas as forças reacionárias. Também os oportunistas e os renegados do marxismo se aventuraram contra a Revolução de Outubro e o Poder proletário. Kautsky na Alemanha, Otto Bauer e Karl Renner na Áustria, Léon Blum e Paul Boncour na França, arremeteram furiosamente contra a Revolução de Outubro, contra a estratégia e a tática leninistas da revolução. Qualificaram a Revolução de Outubro de ilegítima, de desvio do caminho do desenvolvimento histórico, de afastamento da teoria marxista. Preconizavam a revolução pacífica, sem violência e sem sangue, a conquista do Poder através da maioria no parlamento; opunham-se à transformação do proletariado em classe dominante. Todos eles elevavam às nuvens a democracia burguesa e atacavam a ditadura do proletariado.

Quando a intervenção armada contra a Rússia soviética fracassou e a social-democracia não pôde evitar a criação dos novos partidos comunistas nem conter o grande ímpeto revolucionário das massas

---

* ***V. I. Lênin*, Obras, *ed. albanesa, t. 28, p. 239***

trabalhadoras da Europa, a burguesia depositou todas as suas esperanças na ruptura da frente comunista.

> *"... a partir de dentro, buscando seus heróis entre os lideres do P. C. (b) da Rússia". **

Os trotskistas apareceram novamente com a "teoria da revolução permanente", segundo a qual a construção do socialismo na União Soviética era impossível sem o triunfo da revolução nos outros países. Fundiram-se numa frente única com a burguesia para combater o socialismo. Por este motivo, Stálin acentuava com razão que havia sido criada uma frente única hostil abarcando desde Chamberlain até Trotski. Contra o socialismo somaram-se também os da "direita", os bukarinistas, partidários da extinção da luta de classes e da possibilidade de integração do capitalismo no socialismo.

A estratégia do imperialismo adquiriu um caráter contra-revolucionário e anticomunista mais acentuado, particularmente depois da Segunda Guerra Mundial, como conseqüência da mudança da correlação de forças em favor do socialismo e da revolução, o que estremeceu desde os alicerces todo o sistema capitalista. Estas mudanças colocaram na ordem do dia a questão da revolução e do triunfo do socialismo, agora não apenas em um ou dois países, mas em regiões e continentes inteiros. O imperialismo, capitaneado pelo norte-americano, depositou desta vez suas maiores esperanças na militarização de toda a sua vida, nos blocos e pactos militares, a fim de intervir pela violência e deflagrar uma guerra aberta contra o socialismo, contra os movimentos revolucionários e de libertação dos povos. O imperialismo depositou também grandes esperanças na reanimação e ativação de todas as forças oportunistas destinadas a minar e degenerar por dentro os países socialistas e os partidos comunistas.

A vitória sobre o fascismo e a contra-ofensiva do imperialismo

As potências imperialistas e todo o capitalismo mundial provocaram e deflagraram a Segunda Guerra Mundial com a finalidade de dirigi-

---

* ***J. V. Stálin*, Obras, *ed. albanesa, t. 6, p. 278.***

la contra a União Soviética e o socialismo. Mas esta guerra, longe de destruir o primeiro Estado socialista, significou para o imperialismo golpes e danos de tal magnitude que puseram em questão a existência de todo o seu sistema.

Nos campos de batalha não só foram derrotados os exércitos do fascismo como também a ideologia anticomunista do imperialismo mundial e a política contra-revolucionária do oportunismo internacional. As potências fascistas — Alemanha, Itália, Japão — que constituíam a principal força de choque do capitalismo internacional em sua investida contra o socialismo e o comunismo, foram desbaratadas. Os impérios britânico e francês, que até então vinham fazendo a "grande política" mundial, perderam seu poder e sua influência, colocando-se à retaguarda da política dos Estados Unidos. A frente anticomunista rachou-se de cima abaixo e o "cordão sanitário" imposto à União Soviética despedaçou-se.

A União Soviética, que suportou o maior peso da guerra e desempenhou um papel decisivo na vitória sobre o fascismo e na libertação dos povos subjugados, saiu dessa guerra fortalecida e com um indiscutível prestígio internacional. Na grande contenda com o imperialismo, o sistema socialista deu à história prova de sua superioridade, estabilidade e invencibilidade. Como resultado das condições criadas e da luta antifascista de libertação nacional, uma série de países, sob a direção dos partidos comunistas, desligaram-se do sistema capitalista e orientaram-se pela via do socialismo. Criou-se o campo socialista, que constitui o acontecimento mais importante depois da Revolução de Outubro.

Em todos os países, os partidos comunistas experimentaram um desenvolvimento sem precedentes. Permanecendo à frente da luta contra o fascismo, provaram com o sangue de seus militantes e com suas atitudes, que eram a força política mais conseqüente e fiel aos interesses do povo e da nação, os mais resolutos combatentes pela liberdade, pela democracia e pelo progresso. O marxismo-leninismo difundiu-se por todo o mundo, o movimento comunista internacional estendeu sua influência e sua autoridade a todos os continentes.

As grandes idéias de liberdade, independência e libertação nacional, que inspiraram a luta antifascista, não penetraram apenas na Europa, mas também na Ásia, na África e na América Latina. O triunfo sobre o fascismo e a criação do campo socialista despertaram os povos dos países coloniais. O sistema colonial imperialista mergulhou em sua mais profunda crise. O poderoso movimento de libertação nacional nas colônias, que abarcavam quase a metade da humanidade, irrompeu

como um vulcão. Os regimes coloniais e semicoloniais, retaguardas do sistema capitalista, começaram a desmoronar. Debilitado por todas estas derrotas, o sistema imperialista começou a estremecer a partir de seus alicerces.

Todas estas mudanças constituíram uma grande vitória não só da União Soviética, dos países de democracia popular e dos povos do mundo, como também da imortal teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin, cuja vitalidade e justeza foram corroboradas uma vez mais e com uma nova força, na maior guerra que a humanidade conheceu até o presente, no curso da qual se enfrentaram dois mundos, o socialista e o capitalista. Todas as mudanças ocorridas a partir da Segunda Guerra Mundial confirmaram na prática as teses de Marx e Lênin segundo as quais o mundo capitalista se encontrava em processo de putrefação e caminhava em direção à sua ruína, ao passo que a revolução e o socialismo estavam em ascensão.

Estas grandes vitórias do socialismo, dos povos e da teoria marxista-leninista obrigaram o imperialismo mundial a elaborar sua nova estratégia defensiva e ofensiva para conter a maré montante da revolução e da luta dos povos, para reforçar os abalados alicerces do sistema capitalista.

A linha comum elaborada pelas potências imperialistas após a guerra apontava em duas direções fundamentais:

Primeira: essas potências mobilizaram todas as forças e meios de que dispunham para soerguer seu potencial econômico, político e militar afetado pela guerra, para reforçar o sistema capitalista que trepidava devido ao poderoso impulso das lutas revolucionárias e de libertação dos povos. Empenharam-se em consolidar as alianças anticomunistas existentes e estabelecer outras novas e empreenderam grandes esforços para conservar o colonialismo através do neocolonialismo.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o imperialismo norte-americano passou a posições dominantes do ponto de vista econômico, e em certa medida militar, com relação à Europa e à Ásia, arruinadas pela guerra. A economia norte-americana militarizada era bastante poderosa. Os Estados Unidos pretendiam estabelecer sua própria hegemonia político-econômico-militar em todo o mundo, com o objetivo principal de cercar e debilitar a União Soviética, a qual saíra vitoriosa da Segunda Guerra Mundial e sem dúvida alguma se restabeleceria com rapidez também do ponto de vista econômico e contribuiria para a consolidação e o progresso dos novos Estados de democracia popular que surgiram na Europa e na Ásia. Com este propósito foram elaboradas as táticas

imperialistas da luta político-ideológica, da luta econômica e as táticas militares. Estas últimas eram uma continuidade dos planos norte-americanos forjados no curso mesmo da Segunda Guerra Mundial, planos esses que haviam transformado os Estados Unidos numa grande potência na produção de armas modernas, na potência que descobrira e produzira a bomba atômica, lançada pela primeira vez sobre Hiroshima e Nagasaki.

Os Estados Unidos assumiram a liderança do mundo capitalista e o papel de seu "salvador". Assim, as pretensões do imperialismo norte-americano de dominar o mundo passaram a colocar-se em primeiro plano. "A vitória na Segunda Guerra Mundial — declarava Harry Truman, que sucedeu Fanklin Roosevelt na presidência dos Estados Unidos — colocou o povo norte-americano ante a necessidade permanente e urgente de converter-se em guia mundial". Em essência tratava-se de um chamamento de guerra contra a revolução e o socialismo, para conquistar novas posições dominantes nos planos econômico e militar a nível mundial, para reanimar seus aliados e salvar o sistema colonial. Na realização desta estratégia recorreram à UNRRA*, elaboraram o "Plano Marshall", criaram a OTAN e erigiram os demais blocos agressivos do imperialismo norte-americano.

Segunda: a questão fundamental para o capital consistia em pôr em prática uma atividade de sapa frontal contra a ideologia marxista-leninista, a fim de afastar de sua influência os setores mais revolucionários dos trabalhadores e fazer degenerar o socialismo.

Ao lado da desenfreada corrida armamentista, da militarização da economia e dos bloqueios econômicos aos países socialistas, o imperialismo mobilizou também ingentes meios propagandísticos, filósofos, economistas, sociólogos, escritores e historiadores em sua raivosa campanha contra a revolução e o socialismo, a fim de apresentar o capitalismo e o Estado capitalista como reformados, como "capitalismo popular", como "Estado do bem-estar geral" etc. A burguesia aproveitou-se, além disso, da conjuntura econômica favorável do pós-guerra para alardear sobre o "florescimento do capitalismo", difundir entre as massas a ilusão do suposto desaparecimento das crises, da anarquia, do desemprego e outras mazelas do capitalismo, da suposta superioridade do capitalismo sobre o socialismo, que era apresentado como um sistema "totalitário" situado atrás da "cortina de ferro" etc.

---

* ***UNRRA — United Nations Relief and Rehabilitation Administration — Administração das Nações Unidas para Ajuda e Reconstruação.***

Com o objetivo de obstaculalizar a luta de libertação dos povos, sufocar a revolução proletária, destruir o socialismo, defender e consolidar suas próprias posições, a burguesia, em momentos de agonia e de crise geral de seu sistema capitalista, instiga, alenta e mobiliza, além de outros meios, as diversas correntes oportunistas e revisionistas. Estes inimigos do proletariado e da revolução põem em tensão todas as suas forças para golpear antes de tudo o marxismo-leninismo, ideologia que toma a classe operária consciente de sua situação social e de sua missão histórica, com a finalidade de deformar esta ideologia, fazê-la inofensiva para a burguesia e inútil para o proletariado. Este papel infame e traidor foi assumido uma vez mais pelas novas correntes do revisionismo surgidas após a Segunda Guerra Mundial e que, sumariamente, foram chamadas de "revisionismo contemporâneo".

O revisionismo contemporâneo, prolongamento das teorias antimarxistas dos partidos da II Internacional, da social-democracia européia, adequou-se aos tempos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Sua origem está na política hegemonista do imperialismo norte-americano. As variantes e as correntes do revisionismo contemporâneo têm as mesmas bases e a mesma estratégia e somente se diferenciam pelas táticas que aplicam e pelas formas de luta que empregam.

O revisionismo contemporâneo no Poder, nova arma da burguesia contra a revolução e o socialismo

A primeira corrente que precedeu o revisionismo contemporâneo no Poder foi o **browderismo**. Apareceu nos Estados Unidos e leva o nome do ex-secretário geral do Partido Comunista dos Estados Unidos, Earl Browder.

Em 1944, quando a vitória dos povos sobre o fascismo se delineava claramente no horizonte, Browder tomou público um programa totalmente reformista. Foi o primeiro pregoeiro da linha ideológica e política capitulacionista que o imperialismo norte-americano trataria de impor aos partidos comunistas e aos movimentos revolucionários. Sob o pretexto de uma suposta mudança das condições históricas do desenvolvimento do capitalismo e da situação internacional, Browder declarou que o marxismo-leninismo estava "caduco" e o qualificou de sistema de dogmas e esquemas rígidos. Pregava o abandono da luta de classes, a conciliação de classes a nível nacional e internacional.

Considerava que o capitalismo norte-americano não era mais reacionário, que poderia curar as chagas da sociedade burguesa e desenvolver-se seguindo a via democrática, em prol do bem-estar dos trabalhadores. Já não via o socialismo como ideal, nem como objetivo a alcançar. De seu ponto de vista, havia desaparecido totalmente o imperialismo norte-americano, sua estratégia e sua política. Para Browder, os grandes monopólios, pilares deste imperialismo, constituíam uma força progressista do desenvolvimento econômico, social e democrático do país. Browder negava o caráter de classe do Estado capitalista e considerava a sociedade norte-americana como uma sociedade una e harmônica, sem antagonismos sociais, uma sociedade na qual reina a compreensão e a colaboração de classes. Baseado nestas concepções, Browder rechaçava igualmente a necessidade da existência do partido revolucionário da classe operária. Browder passou a ser o promotor da dissolução do Partido Comunista dos Estados Unidos, em 1944.

"Os comunistas, escrevia, prevêem que seus objetivos políticos práticos serão, por um longo tempo e em todas as questões fundamentais, idênticos aos objetivos de amplas massas não comunistas; portanto, nossas ações políticas fundir-se-ão em movimentos de maior envergadura. É por isto que a existência de um partido político específico dos comunistas já não serve a um objetivo prático, mas, pelo contrário, poderia converter-se num obstáculo à consecução de uma unidade mais ampla. Por isso, os comunistas dissolverão seu próprio partido político e encontrarão uma forma organizativa diferente e nova e um novo nome que se adapte melhor às tarefas do dia-a-dia e à estrutura política através da qual tais tarefas devem ser levadas a cabo"*.

Browder tomou como ponto de partida para justificar a formulação de suas teorias burguesas liquidacionistas a Conferência das potências aliadas realizada em Teerã em 1943, de cujos resultados fez uma análise e uma interpretação antimarxistas e totalmente tergiversadas.

Browder considerou o acordo dos aliados antifascistas para levar até o fim a guerra contra a Alemanha fascista como o início de uma nova época histórica, onde o socialismo e o capitalismo teriam encontrado o caminho da colaboração em "um mundo único e idêntico", como ele se expressava. Browder propôs como tarefa que o espírito de colaboração e coexistência pacífica entre as potências aliadas que surgiu em Teerã, fosse aplicado não só entre o Estado socialista soviético

* ***E. Browder,*** **Teheran, Our Path in War and Peace,** ***New York, 1944, p. 117.***

e os Estados capitalistas, mas também dentro de cada país capitalista, nas relações entre as classes antagônicas. "As diferenças de classe e os grupos políticos já não têm nenhuma importância", declarava Browder. Como único objetivo que os comunistas deveriam estabelecer, Browder postulava a "unidade nacional" realizada sem incidentes, num ambiente de paz de classes, da "união nacional", por ele concebida como um bloco reunindo desde os grupos do capital financeiro, as organizações monopolistas, os partidos Republicano e Democrata, até os comunistas e os movimentos sindicais, considerados todos, sem exceção, como forças "democráticas e patrióticas".

Em nome desta unidade, Browder declarava que os comunistas deviam estar dispostos a sacrificar inclusive suas próprias convicções, sua ideologia e seus interesses particulares, o que foi rigorosamente aplicado pelos comunistas norte-americanos. "Nós apresentaremos os nossos objetivos políticos, que são idênticos aos da maioria dos norte-americanos, — prosseguia — através da estrutura partidária existente em nosso país, que é, em essência, o "sistema bipartidário" caracteristicamente norte-americano".*

Impressionado pelo desenvolvimento relativamente pacífico do capitalismo estadunidense após as conhecidas reformas empreendidas pelo presidente norte-americano Roosevelt para sair da crise econômica de princípios dos anos trinta, assim como pelo ascenso vigoroso da produção e pela criação de postos de trabalho durante o período da guerra, Browder concluiu que o capitalismo norte-americano ter-se-ia renovado, desenvolver-se-ia sem crises, elevaria o bem-estar geral etc.

Browder considerava que o sistema econômico norte-americano estava em condições de resolver todas as contradições e todos os problemas da sociedade, de satisfazer integralmente as exigências das massas. Identificava o comunismo com o americanismo e declarou que "o comunismo é o americanismo do século XX". Segundo Browder, todos os países capitalistas desenvolvidos, utilizando a democracia burguesa, cujo modelo deveria ser a democracia norte-americana, poderiam resolver qualquer conflito e passar gradualmente ao socialismo.

Por isso, Browder considerava como tarefa dos comunistas norte-americanos assegurar o funcionamento normal do regime capitalista e declarava abertamente que estavam prontos a colaborar para garantir o funcionamento eficaz do regime capitalista no período do pós-guerra,

---

* ***E. Browder, Teheran,*** **Our Path in War and Peace,** ***New York, 1944, p. 118.***

para "aliviar ao máximo as cargas que recaem sobre o povo". Este alívio, segundo ele, seria obra dos capitalistas norte-americanos "razoáveis", a quem os comunistas deveriam estender a mão.

De acordo com suas concepções ultradireitistas e submetendo-se às pressões da burguesia, Browder, depois de dissolver o partido comunista, proclamou em maio de 1944 a criação de uma sociedade cultural iluminista, denominada "associação política comunista", que vinha substituir o partido, justificando essa iniciativa com o argumento de que supostamente a tradição norte-americana requeria a existência de apenas dois partidos. Essa associação, organizada como uma rede de clubes, ocupar-se-ia principalmente de "atividades educativas e políticas a nível nacional, regional e local".

Os estatutos de tal associação diziam: "A associação política comunista é uma organização americana, sem caráter partidário e que, apoiando-se na classe operária, leva adiante as tradições de Washington, Jefferson, Payne, Jackson e Lincoln, nas condições diferentes da sociedade industrial moderna"; que esta associação defende a Declaração da Independência, a Constituição dos Estados Unidos e a Declaração de Direitos, assim como as realizações da democracia norte-americana contra todos os inimigos das liberdades populares".* Browder suprimiu todos os objetivos do movimento comunista. O programa da associação não mencionava sequer o marxismo-leninismo, nem a hegemonia do proletariado, a luta de classes, a revolução e o socialismo. Seus únicos objetivos passaram a ser a unidade nacional, a paz social, a defesa da Constituição burguesa e o incremento da produção capitalista.

Desse modo Browder passou da revisão aberta das questões fundamentais do marxismo-leninismo, da estratégia e da tática revolucionárias, à liquidação orgânica do movimento comunista nos Estados Unidos. Apesar de que em junho de 1945, em seu XIII Congresso, o partido tenha sido reconstruído e se tenha rechaçado formalmente a linha oportunista de Browder, jamais a sua influência desapareceu do Partido Comunista dos EE.UU. Mais tarde, especialmente a partir de 1956, as idéias de Browder floresceram novamente e John Hays, em seu artigo intitulado "Chegou o momento de mudanças"**, exigia, conforme o espírito do browderismo, que o Partido Comunista dos EE.UU. se transformasse uma vez mais numa associação cultural, de propaganda.

---

* **The Path to Peace, Progress and Prosperity,** ***New York, 1944, p. 47-8***

** **Political Affairs,** ***octubre 1956.***

Com efeito, o atual Partido Comunista dos EE.UU. não passa disto, é uma organização onde impera o revisionismo browderiano em simbiose com o revisionismo kruschovista.

Com suas idéias revisionistas a respeito da revolução e do socialismo, Browder prestou uma ajuda direta ao capitalismo mundial. Segundo Browder, o socialismo nasce em conseqüência de uma grande calamidade, de alguma catástrofe e não como resultado inelutável do desenvolvimento histórico. "Nós — dizia ele — não desejamos nenhuma catástrofe para a América ainda que tal catástrofe pudesse conduzir ao socialismo". Apresentando a perspectiva do triunfo do socialismo como algo muito distante, advogava a colaboração de classes na sociedade americana e em todo o mundo. Segundo ele, a única alternativa, era o desenvolvimento evolucionista, por meio de reformas e com a ajuda dos Estados Unidos. Para Browder, os Estados Unidos, que dispunham de um colossal poder econômico e de um grande potencial científico e técnico, deveriam ajudar os povos do mundo, inclusive os da União Soviética, em seu "desenvolvimento". Essa "ajuda", dizia Browder, serviria para que a América mantivesse elevados ritmos de produção mesmo no pós-guerra, garantiria o pleno emprego e salvaguardaria a unidade nacional por muitos anos. Com este fim, aconselhava os magnatas de Washington a criar "uma série de corporações industriais gigantescas para o desenvolvimento das regiões atrasadas e arruinadas do mundo, na Europa, África, Ásia e América Latina".* "Se pudermos enfrentar a realidade sem vacilar e fazer renascer, no sentido moderno da palavra, as grandes tradições de Jefferson, Payne e Lincoln, então a América poderá apresentar-se unida diante do mundo, assumindo um papel dirigente... para salvar a humanidade...".** Desta maneira, Browder passou a ser o porta-voz e o propagandista da grande estratégia do imperialismo norte-americano, de suas teorias e de seus planos neocolonialistas e expancionistas.

O browderismo auxiliou diretamente o "Plano Marshall", mediante o qual os Estados Unidos tratavam de estabelecer sua hegemonia econômica nos diversos países da Europa devastados pela guerra, bem como nos países da Ásia, África etc. Browder achava que os diversos países, e em particular os países de Democracia Popular e a União Soviética, deve-

* **The Path to Peace, Progress and Prosperity,** ***New York, 1944, p. 21.***

** ***E. Browder,*** **Teheran, Our Path in War and Peace,** ***New York, 1944, p. 128.***

riam abrandar sua política marxista-leninista e aceitar a ajuda "altruísta" dos Estados Unidos, que, segundo ele, contam com uma grande economia e dispõem de grandes excedentes que podem e devem servir a todos os povos (!).

Browder tratou de apresentar seus pontos de vista antimarxistas e contra-revolucionários como linha geral do movimento comunista internacional. Assim como todos os revisionistas anteriores, sob o pretexto do desenvolvimento criador do marxismo e da luta contra o dogmatismo, esmerou-se em argumentar que a nova época surgida após a Segunda Guerra Mundial exigia que o movimento comunista revisasse suas convicções ideológicas anteriores e renunciasse às "fórmulas e preconceitos caducos", que, segundo ele, "não nos ajudarão em absoluto a encontrar nosso caminho no mundo novo". Este era um chamamento para que fossem abandonados os princípios do marxismo-leninismo.

Os pontos de vista de Browder chocaram-se com a oposição dos partidos comunistas de muitos países e com a dos próprios comunistas revolucionários americanos. O browderismo foi desmascarado com relativa rapidez como um revisionismo sem disfarces, como uma corrente abertamente liquidacionista, como agência ideológica direta do imperialismo norte-americano,

Apesar disto, o browderismo ocasionou um grave dano ao movimento operário e comunista nos Estados Unidos e em alguns países da América Latina. No seio de alguns velhos partidos comunistas da América Latina produziram-se comoções e cisões que tiveram suas origens na atividade dos elementos oportunistas, os quais, cansados da luta revolucionária, deixaram-se prender nas malhas do imperialismo norte-americano que intentava sufocar as revoltas populares e a revolução e corromper os partidos que educavam e preparavam os povos para a revolução.

Na Europa, o browderismo não obteve o êxito que alcançou na América do Sul, mas esta semente do imperialismo norte-americano não ficou sem germinar nos elementos reformistas, antimarxistas e antileninistas mascarados que esperavam ou preparavam os momentos propícios para se desviarem abertamente da ideologia científica marxista-leninista.

Ainda que em seu tempo o browderismo não tenha podido converter-se numa corrente revisionista de grandes proporções internacionais, seus pontos de vista foram reanimados e assimilados pelos demais revisionistas contemporâneos que o sucederam. Estes pontos de vista,

sob diversas formas, permanecem na base das plataformas políticas e ideológicas dos revisionistas chineses e iugoslavos, assim como nas dos partidos eurocomunistas da Europa Ocidental.

Não somente o browderismo correspondia à estratégia americana de "frear o comunismo" e de estabelecer a hegemonia dos Estados Unidos no mundo capitalista do pós-guerra, mas também **o pensamento Mao Tsetung, as teorias e a linha da direção chinesa**.

Em princípios de 1945, quando Browder apareceu em cena e quando, com Truman, tomava plena forma a novel estratégia norte-americana, teve lugar o VII Congresso do Partido Comunista da China. Nos estatutos aprovados neste Congresso se dizia: "O Partido Comunista da China orienta-se em toda a sua atividade pelas idéias de Mao Tsetung". Comentando esta afirmação em seu informe apresentado ao congresso, Liu Shao-chi declarava que Mao Tsetung havia posto de lado muitos conceitos ultrapassados da teoria marxista e os havia substituído por novas teses e conclusões. Segundo Liu Shao-chi, Mao Tsetung havia "achinesado" o marxismo. O pensamento de Mao Tsetung, declarava Liu Shao-chi, é o marxismo chinês".

Estas "teses e conclusões novas", este marxismo "achinesado" nada tinham a ver com a aplicação criadora do marxismo-leninismo às condições concretas da China, mas com a negação de suas leis universais básicas. Mao Tsetung e seus sequazes tinham uma visão de democratas burgueses em relação ao desenvolvimento da revolução na China. Não tinham como objetivo a sua transformação em revolução socialista. Para eles a "democracia americana" constituía um modelo e, na edificação da nova China, contavam apoiar-se no capital norte-americano.

As idéias de Mao Tsetung tinham grande afinidade com os pontos de vista oportunistas de Browder, o qual, faça-se justiça, havia estudado e compreendido bem as concepções antimarxistas dos dirigentes chineses. "O que se chama na China campo "comunista", porque está dirigido por destacados membros do Partido Comunista da China — escrevia Browder — aproxima-se mais da noção norte-americana de democracia que o denominado campo do Kuomintang. Está mais próximo, sob todos os aspectos, inclusive no que concerne a dar maior campo de ação à 'livre iniciativa' na vida econômica".*

Mao Tsetung era partidário de um desenvolvimento livre, ilimitado, do capitalismo na China no período do Estado de "nova demo-

* ***E. Browder,*** **Teheran, Our Path in War and Peace,** ***New York, 1944, p. 26***

cracia", como ele denominava o regime que se estabeleceria depois da retirada dos japoneses. "Alguns crêem, afirmava Mao Tsetung no VII Congresso do PC da China, que os comunistas são contra o desenvolvimento da iniciativa privada, o desenvolvimento do capital privado, a defesa da propriedade privada. Na realidade, não é nada disto. A tarefa do regime de nova democracia, por cuja instauração estamos lutando, é precisamente a de garantir aos amplos círculos chineses a possibilidade de pôr em prática livremente a iniciativa privada na sociedade, de desenvolver livremente a economia capitalista privada". Desta maneira Mao Tsetung fazia sua a idéia antimarxista de Kautsky, segundo a qual, nos países atrasados, não pode ser realizada a transição ao socialismo sem se passar por um longo período de livre desenvolvimento do capitalismo que prepara as condições para uma transição posterior ao socialismo. De fato, o pretenso regime socialista que Mao Tsetung e seu grupo instauraram na China era e é um regime democrático-burguês.

A linha que a direção chinesa começou a seguir com Mao Tsetung à frente, para frear a revolução na China e bloquear sua perspectiva socialista, na prática ajudava o imperialismo norte-americano, que buscava estender sua dominação, e as outras potências imperialistas, que tratavam de conservar seus antigos domínios.

Nos anos do pós-guerra o movimento de libertação nacional anticolonialista teve grande impulso em todos os continentes. Os impérios coloniais inglês, francês, italiano, holandês, belga desmoronaram um após o outro sob os embates das insurreições populares nas colônias. Em sua maioria as revoluções nestes países eram democrático-burguesas. Porém, em alguns deles existiam possibilidades objetivas para que a revolução avançasse e assumisse um caráter socialista. Com seus pontos de vista e suas ações, Mao Tsetung preconizava de fato o desvio das revoluções antiimperialistas de seu justo caminho de desenvolvimento, buscava que estas ficassem no meio do caminho, que não saíssem dos limites burgueses, que se perpetuasse o sistema capitalista. As "teorias" de Mao Tsetung ocasionaram um grande dano, ainda mais se levarmos em conta a importância da revolução chinesa e sua influência nos países coloniais.

A linha de Mao propugnava que a China e, como ela, a Indochina, a Birmânia, a Indonésia, a India etc. se apoiassem nos Estados Unidos, no capital e na ajuda estadunidenses, para promover seu desenvolvimento. Isto significava aceitar a nova estratégia que tinha sido formulada em Washington e que também Browder havia começado a pregar à sua maneira.

Os pontos de vista, atitudes, ações e demandas de Mao Tsetung com os Estados Unidos foram minuciosamente descritos pelos enviados deste país ao Estado-Maior de Mao nos anos de 1944-1949. Um deles foi John Service, conselheiro político do comando das forças norte-americanas na frente birmano-chinesa e posteriormente secretário da embaixada norte-americana junto ao governo de Chiang Kai-shek em Chunchin. Este foi um dos primeiros agentes norte-americanos de espionagem a entrar em contato oficial com a direção do Partido Comunista da China; aliás, os contatos oficiosos eram permanentes.

Falando dos dirigentes chineses, Service afirmou: "Sua concepção do mundo dá a impressão de que é uma concepção **moderna**. Sua maneira de compreender as questões econômicas, por exemplo, é muito parecida com a nossa".* "Não é nenhuma surpresa, prossegue, que os chineses tenham deixado uma impressão positiva em muitos ou em todos os americanos que se têm entrevistado com eles durante os últimos sete anos; seu comportamento, sua forma de pensar e sua abordagem direta dos problemas parecem mais americanos que orientais".**

As concepções liquidacionistas de Browder sobre o Partido, encontram-se em essência também nas teorias de Mao Tsetung. Assim como o comunismo chinês era um comunismo incolor, também o Partido Comunista da China de comunista só tinha o nome. Mao Tsetung não se preocupou em fazer de seu partido um autêntico partido proletário, marxista-leninista. Por sua composição de classe, sua estrutura e sua construção orgânica e pela ideologia que o inspirava, o Partido Comunista da China nunca chegou a ser um partido do tipo leninista. E nem sequer este tipo de partido tinha importância para Mao Tsetung. Este atuava conforme seu capricho e durante a chamada Revolução Cultural dissolveu o partido por completo, concentrando todo o Poder em suas mãos e colocando o exército à frente de todos os negócios públicos.

Tal como Browder, que apresentava o americanismo como modelo ideal da sociedade futura, Mao Tsetung considerava a democracia americana como o mais alto exemplo de organização estatal e social para a China. Mao Tsetung confessou a Service: "Acima de tudo, nós, os chineses, consideramos vocês, americanos, como o ideal da democracia".***

---

* ***J. Service,*** **Lost Chance in China,** ***New York, 1974, p. 195.***

** ***Ibidem, p. 198***

*** ***Ibidem, p. 303***

Ao mesmo tempo em que aprovavam a democracia norte-americana, os dirigentes chineses buscavam estabelecer laços estreitos e diretos com o capital norte-americano, solicitavam a ajuda econômica americana. Service escreveu que Mao Tsetung lhe havia dito: "A China deve industrializar-se. Isto só poderá ser alcançado através da iniciativa privada e da ajuda do capital estrangeiro. Os interesses americanos e chineses estão entrelaçados e são similares..."

"Os Estados Unidos encontrarão em nós um maior espírito de colaboração do que no Kuomintang. Não nos assusta a influência da democracia norte-americana; aceitamo-la de bom grado..."

"A América não deve duvidar de nossa disposição para colaborar. Devemos colaborar e precisamos da ajuda norte-americana".*

Hoje, ouvimos diariamente estas declarações e pedidos da boca dos discípulos e colaboradores de Mao, como Teng Siaoping, Hua Kuo-feng e outros, que estão materializando os vínculos multilaterais com o imperialismo norte-americano, vínculos com que Mao Tsetung havia sonhado e havia começado a estabelecer. Agora, a estratégia chinesa está orientada completamente para a colaboração geral e particular com os Estados Unidos e o capitalismo mundial, os quais começaram a respaldar politicamente a China, a influir ideologicamente sobre ela para que eliminasse todo e qualquer vestígio de marxismo-leninismo das mentes e dos corações das pessoas simples e emprendesse deste modo profundas transformações político-organizativas rumo ao sistema capitalista, tanto no terreno econômico, como na organização estatal ou no Partido.

Objetivamente, toda a Unha de Mao Tsetung em relação à edificação da China e sua concepção de desenvolvimento dos países libertados do colonialismo redundavam em favor da orientação estratégica do imperialismo norte-americano e a ela se atinham. Se entre a China e os Estados Unidos da América não se estabeleceu desde o início uma estreita colaboração, isto ocorreu devido a que na América dos anos do pós-guerra havia triunfado o **lobby**** de Chiang Kai-shek. Naquela época, a "guerra fria" estava em seu apogeu e na América dominava o maccarthismo. Por outro lado, os Estados Unidos, tão logo terminada a guerra, deram prioridade ao Japão, pensando que seu primeiro passo

---

* ***J. Service,*** **Lost Chance in China,** ***New York, 1974, p. 307.***

** ***Inglês no original: grupo de influência junto ao Congresso.***

deveria ser ajudar ou submeter este país, a partir de qualquer ponto de vista, tomá-lo seu aliado poderoso e obediente, restaurar sua economia e transformá-lo num potente bastião contra a União Soviética e, eventualmente, contra a China de Mao Tsetung. Segundo parece, os Estados Unidos não se sentiam bastante fortes para conceder sua ajuda a todos os países do mundo, prepará-los contra a União Soviética, contra o sistema socialista; assim, inclinaram-se para a Europa e para o Japão, onde as destruições eram consideráveis e o socialismo constituía uma ameaça para o capital mundial.

Indubitavelmente, estes fatores fizeram com que os clefetes do imperialismo americano não apertassem imediatamente a mão que Mao Tsetung lhes estendera. Deveria ainda transcorrer bastante tempo, os dirigentes revisionistas chineses deveriam ainda dar novas provas de "amor" à América para que Nixon viajasse a Pequim e os americanos e todos os demais compreendessem que a China nada tinha a ver com o socialismo.

Após a Segunda Guerra Mundial, na grande campanha do imperialismo norte-americano e das demais forças reacionárias agrupadas ao seu redor para combater o socialismo e a revolução, uniram-se também os **revisionistas iugoslavos.** A corrente iugoslava, que representava o revisionismo no Poder, apareceu num momento crucial da luta entre o socialismo e o imperialismo.

O período posterior à Segunda Guerra Mundial não poderia ser tranqüilo, não só para o imperialismo como também para o socialismo. De acordo com as novas condições criadas, o imperialismo enfrentaria situações fatais para a sua existência, enquanto que o socialismo deveria consolidar-se, fortalecer-se e conceder sua ajuda, num caminho justo, à libertação e ao progresso dos povos do mundo. Era o momento não só de curar as feridas da guerra, como também de desenvolver corretamente a luta de classes, tanto nos países onde o proletariado havia tomado o Poder, como na arena internacional. A vitória sobre o fascismo havia sido alcançada, porém a paz era relativa, a guerra prosseguia por outros meios.

Os países socialistas e seus partidos comunistas se propunham a tarefa de consolidar as vitórias pela via marxista-leninista, converter-se em exemplo e modelo para os povos e para os demais partidos comunistas que não estavam no Poder. Os partidos comunistas dos países socialistas deveriam, ao lado disto, forjar-se ainda mais na ideologia marxista-leninista, procurando evitar que esta se convertesse num dogma e fazer com que continuasse sendo, como de fato é, uma teoria revolu-

cionária para a ação, um instrumento para conseguir profundas transformações sociais. Após a histórica vitória sobre a coalizão fascista, os países socialistas e os partidos comunistas em particular, não deveriam envaidecer-se, pensar que eram infalíveis e esquecer ou debilitar a luta de classes. Stálin compreendia bem este importante momento que se vivia e sublinhava a necessidade de prosseguir a luta de classes no socialismo.

Foi precisamente sob estas circunstâncias que os titistas se lançaram contra o marxismo-leninismo. O titismo não tirou logo a máscara em sua luta contra a revolução, contra o socialismo; pelo contrário, tratou de prosseguir disfarçadamente sua obra de preparar o terreno para desviar a Iugoslávia para o caminho capitalista e transformá-la em um instrumento do imperialismo mundial.

É fato conhecido que o titismo se inclinava espiritual, ideológica e politicamente para o Ocidente, para os Estados Unidos da América; também é sabido que, desde o início, mantinha numerosos contatos políticos e realizava acordos secretos com os ingleses e outros representantes do capitalismo mundial. Os dirigentes iugoslavos abriram totalmente as portas à UNRRA, através da qual e sob o pretexto da ajuda que lhes dava em trapos e alimentos, armazenados como estoques desde a época da guerra, os imperialistas norte-americanos e ingleses tratavam de infiltrar-se em muitos países do mundo e especialmente nos países de democracia popular. Os imperialistas queriam preparar um terreno mais ou menos apropriado para empreender ações futuras de maior envergadura. Os iugoslavos se aproveitaram bem das dádivas da UNRRA, porém esta, por sua vez, conseguiu impor sua influência sobre os mecanismos estatais pouco consolidados do Estado iugoslavo recém-constituído.

O imperialismo norte-americano e toda a reação internacional apoiaram sem reservas o titismo desde o primeiro momento, pois perceberam nele a linha, a ideologia e a política que conduziriam à degenerescência dos países do campo socialista, à sua cisão e ao rompimento de sua unidade com a União Soviética. A atividade do titismo coincidia inteiramente com o objetivo do imperialismo norte-americano de solapar o socialismo a partir de dentro. Mas o titismo serviria à estratégia do imperialismo também para paralisar as lutas de libertação e isolar os novos Estados, que acabavam de sacudir o jugo colonial, do movimento revolucionário.

Desde o início, os revisionistas iugoslavos opuseram-se à teoria e à prática do verdadeiro socialismo de Lênin e Stálin em todas as

questões e em todos os campos. Tito e seu grupo ataram a Iugoslávia ao mundo capitalista e assumiram a tarefa de transformar tudo neste país — a política, a ideologia, a organização estatal, a organização da economia, a organização do exército — conforme o estilo dos Estados capitalistas ocidentais. Propunham-se transformar a Iugoslávia o quanto antes em um país burguês-capitalista. As idéias de Browder, que eram as do capitalismo norte-americano, encaixaram-se na plataforma político-ideológica do titismo.

Em primeiro lugar, os titistas revisaram os princípios fundamentais do marxismo leninismo a respeito do papel e da missão do Poder revolucionário e do partido comunista na sociedade socialista. Atacaram a tese marxista sobre o papel dirigente do partido comunista em todos os campos da vida no sistema da ditadura do proletariado. Seguindo o exemplo de Browder na América, os titistas liquidaram praticamente o partido, não somente mudando-lhe o nome, ao qual denominaram Liga dos Comunistas, mas também modificando seus objetivos, suas funções, a organização e o papei que este partido deveria desempenhar na revolução e na edificação do socialismo. Os titistas transformaram o partido em uma associação de educação e de propaganda. Despojaram o Partido Comunista da Iugoslávia de seu espírito revolucionário e, **de facto**, chegaram ao extremo de fazer desaparecer a influência do partido, elevando o papel da Frente Popular acima deste.

Na questão cardeal do partido — o fator de direção na revolução e na construção do socialismo — existe uma comunhão de pontos de vista políticos, ideológicos e organizativos entre o browderismo e o titismo. Dado que o titismo, assim como o browderismo, é liquidacionista e antimarxista no terreno decisivo do papel de vanguarda do partido da classe operária na revolução e na edificação do socialismo, acaba sendo também nos demais terrenos.

A semelhança dos pontos de vista dos titistas com os de Browder aparece também na atitude em relação à "democracia norte-americana", que tomaram como modelo para edificar o sistema político na Iugoslávia. 0 próprio Kardelj admitiu que este sistema "... é parecido com a forma de organização do Poder executivo nos Estados Unidos."*

Após liquidar o partido e romper com a União Soviética e os países de democracia popular, a Iugoslávia se embrulhou num caos de

---

* ***E. Kardelj,*** **As diretrizes do desenvolvimento do sistema político de autogestão socialista,** ***Rilindja, Prishtina, 1978, p. 235.***

atividades econômicas e organizativas. Os titistas proclamaram a propriedade estatal como "social" e, sob a palavra-de-ordem anarco-sindicalista "as fábricas aos operários", camuflaram as relações capitalistas de produção e jogaram os destacamentos da classe operária uns contra os outros. À coletivização dos pequenos produtores — que se denominou o "modelo russo" — opuseram o "modelo norte-americano" da criação das granjas capitalistas e o incentivo às fazendas camponesas privadas.

Esta transformação nos terrenos econômico, político e ideológico traria consigo, naturalmente, como de fato ocorreu, a transformação contínua da organização estatal, da organização do exército, da organização do ensino e da cultura. Nos anos 50, os titistas proclamaram o chamado socialismo de autogestão, que foi utilizado para disfarçar o regime capitalista. Este "socialismo específico", segundo eles, construir-se-ia apoiando-se, não no Estado socialista, mas nos produtores diretos. Nesta base propugnavam a extinção do Estado já no socialismo, negando a fundamental tese marxista-leninista sobre a necessidade da existência da ditadura do proletariado durante todo o período de transição entre o capitalismo e o comunismo.

Para justificar sua via de traição e tratando de enganar os povos, os titistas apresentaram-se como "marxistas criadores" que se opunham somente ao "stalinismo", mas não ao marxismo-leninismo. Assim, confirmou-se mais uma vez que a palavra-de-ordem de "desenvolvimento criador do marxismo e da luta contra o dogmatismo" é a preferida e comum a toda variante do revisionismo.

Os Estados Unidos, a Inglaterra, a social-democracia européia etc., deram à Iugoslávia titista uma múltipla ajuda política, econômica, militar e a mantiveram de pé. A burguesia não se opunha a que a Iugoslávia conservasse sua aparência socialista, inclusive estava interessada nisto. Somente que este tipo de "socialismo" deveria diferir fundamentalmente do socialismo previsto e construído por Lênin e Stálin, que os revisionistas iugoslavos começaram a atacar, a qualificar de "forma inferior do socialismo", de "socialismo estatista", "burocrático" e "antidemocrático". O "socialismo" iugoslavo deveria ser uma sociedade híbrida capitalista-revisionista, mas essencialmente burguês-capitalista. Deveria ser um "cavalo de Tróia" a ser introduzido também nos demais países socialistas com a finalidade de afastá-los do caminho do socialismo e ligá-los ao imperialismo.

Efetivamente, o titismo passou a ser o inspirador dos elementos revisionistas e oportunistas nos países outrora socialistas. Os revisionistas

iugoslavos desenvolveram nesses países uma vasta atividade de subversão e de sapa. Basta citar os acontecimentos da Hungria em 1956, nos quais os titistas iugoslavos desempenharam um papel muito ativo para abrir caminho à contra-revolução e empurrar este país para o campo do imperialismo.

O lugar que ocupou o titismo na estratégia geral do imperialismo com vistas a minar por dentro os países socialistas, foi explicado clara e abertamente pelo próprio Tito em seu conhecido discurso de Pula em 1956. Já naquele tempo declarou que o modelo iugoslavo de "socialismo" não é válido unicamente para a Iugoslávia, mas que também deveriam segui-lo e aplicar os demais países socialistas.

Também os conceitos e as teorias titistas sobre o desenvolvimento mundial e as relações internacionais se acomodaram à estratégia do imperialismo norte-americano. O principal teórico do revisionismo iugoslavo, Kardelj, em seu discurso de Oslo, já em outubro de 1954, investiu abertamente contra a teoria da revolução, alardeando as "novas" soluções que o capitalismo havia encontrado. Tergiversando a essência do capitalismo monopolista de Estado que, acabada a Segunda Guerra Mundial adquiriu vastas proporções em muitos países capitalistas, proclamou-o como um elemento do socialismo, ao mesmo tempo que qualificou a democracia burguesa clássica de "reguladora das contradições sociais no sentido do reforço gradual dos elementos socialistas". Declarou que estava em curso uma "evolução gradual em direção ao socialismo" e qualificou este fenômeno de "fato histórico" em uma série de Estados capitalistas. Estes conceitos revisionistas, idênticos em essência aos de Browder, foram incluídos no programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia e converteram-se num instrumento de subversão ideológica e política contra o movimento revolucionário e libertador do proletariado e dos povos.

Nesta base, os revisionistas iugoslavos elaboraram suas teorias e práticas do "não-alinhamento", que iam ao encontro da estratégia do imperialismo norte-americano para conter o ímpeto da luta antiimperialista dos povos do chamado "terceiro mundo", para solapar seus esforços em defesa da liberdade, da independência e da soberania. Os titistas dizem a estes povos que suas aspirações poderão ser alcançadas aplicando-se a política de não-alinhamento, ou seja, da não oposição ao imperialismo. Segundo os titistas a via para o desenvolvimento destes países deve ser buscada na "colaboração ativa", na "cooperação cada vez mais ampla" com os imperialistas e com o grande capital mundial, na ajuda e nos créditos que devem obter dos países capitalistas desenvolvidos.

A própria realidade da atual Iugoslávia se encarrega de demonstrar para onde conduz o caminho preconizado pelos revisionistas de Belgrado. Devido a sua colaboração com o imperialismo norte-americano, com o social-imperialismo soviético e com os demais grandes Estados capitalistas, às vultosas ajudas e créditos que tem recebido deles, a Iugoslávia transformou-se num país dependente do capitalismo mundial em todos os terrenos, em um país com independência e soberania cerceadas.

O aparecimento na cena mundial do **revisionismo kruschovista** forneceu uma ajuda muito grande e muito desejada à estratégia do imperialismo norte-americano e a toda a luta da burguesia internacional contra a revolução e o socialismo. A traição kruschovista significou para o socialismo e o movimento revolucionário e de libertação dos povos o golpe mais duro e perigoso que até então haviam conhecido. Converteu o primeiro país socialista e grande centro da revolução mundial num país imperialista e em foco da contra-revolução. As repercussões desta traição a nível nacional e internacional foram verdadeiramente trágicas.

Não apenas os movimentos revolucionários e de libertação dos povos têm sofrido e estão sofrendo as conseqüências desta traição, como também colocam em grande risco a paz e a segurança internacionais.

Como corrente ideológica e política, o kruschovismo não tem grande diferença das outras correntes do revisionismo contemporâneo. É resultado da mesma pressão externa e interna da burguesia, do mesmo distanciamento dos princípios do marxismo-leninismo, do mesmo objetivo de opor-se à revolução e ao socialismo e de salvaguardar e consolidar o sistema capitalista.

Sua diferença diz respeito unicamente ao perigo que representa. O revisionismo kruschovista continua sendo até agora o revisionismo mais perigoso, mais diabólico, mais ameaçador. Isto se deve a duas razões. **Primeiro:** porque se trata de um revisionismo mascarado, que conserva sua aparência socialista, e para enganar as pessoas e fazê-las cair em suas armadilhas, utiliza-se amplamente de terminologia marxista e, conforme o caso e a necessidade, também das palavras-de-ordem revolucionárias. Através desta demagogia trata de levantar uma cortina de fumaça para que não se veja a atual realidade capitalista da União Soviética e, acima de tudo, ocultar seus fins expansionistas, fazer com que os movimentos revolucionários e de libertação se equivoquem e se convertam em instrumentos de sua política. **Segundo:** e isto reveste-se de uma grande importância, o revisionismo kruschovista converteu-se na

ideologia dominante num Estado que representa uma grande potência imperialista, o que lhe dá numerosos meios e possibilidades para manobrar em vastos terrenos e em grandes proporções.

0 kruschovismo e as outras correntes revisionistas identificam-se em seu objetivo de liquidar o partido comunista e transformá-lo em uma força política a serviço da burguesia. Caso concreto é o da União Soviética, onde foi liquidado o Partido Comunista de Lênin e Stálin. É certo que não se mudou o nome do partido, como ocorreu na Iugoslávia, mas sem dúvida este partido foi despojado de sua essência e de seu espírito revolucionário. Mudou o papel do Partido Comunista da União Soviética e seu trabalho para fortalecer a ideologia marxista-leninista foi substituído pela deformação da teoria marxista-leninista, valendo-se de diversas máscaras, da fraseologia ôca, da demagogia. O organismo político do Partido transformou-se assim, como o Exército, a polícia e os demais órgãos da ditadura da nova burguesia num organismo para reprimir as massas, sem mencionar sua transformação em veículos da ideologia e da política de opressão e exploração. O Partido Comunista da União Soviética degradou-se, perdeu sua força e converteu-se em "partido de todo o povo", ou seja, já não é o partido de vanguarda da classe operária que leva adiante a revolução e edifica o socialismo, mas sim o partido da nova burguesia revisionista, que degenera o socialismo e promove a restauração do capitalismo.

Assim como Browder, Tito, Togliatti e outros pregaram a transformação de seus partidos em "associações", "ligas", "partidos de massa", supostamente para ajustar-se às novas mudanças sociais que se haviam operado como conseqüência do desenvolvimento do capitalismo, do crescimento da classe operária e de sua influência política e ideológica etc., Kruschov justificou a mudança do caráter do partido para adaptar-se supostamente às condições criadas na União Soviética, onde, segundo ele, a edificação do socialismo havia sido concluída e havia-se iniciado a construção do comunismo. Segundo Kruschov, a composição do partido, sua estrutura, seu papel e seu lugar na sociedade e no Estado deveriam mudar em consonância com esta "nova época".

Quando Kruschov começou a preconizar estas teses, não só o comunismo não havia começado a ser edificado na União Soviética, bem como mesmo a construção do socialismo não havia terminado completamente. É certo que as classes exploradoras haviam desaparecido como classes, mas seus vestígios, inclusive físicos, e com maior motivo ideológicos, ainda existiam. A Segunda Guerra Mundial havia obstaculizado a vasta emancipação das relações de produção; e as forças produtivas,

que constituem a base necessária e indispensável para isto, haviam sido gravemente afetadas. A ideologia marxista-leninista era a ideologia dominante, mas não se pode dizer que as velhas ideologias haviam sido erradicadas inteiramente da consciência das massas. A União Soviética ganhara a guerra contra o fascismo, mas uma guerra por outros meios e não menos perigosa fora desencadeada contra ela. O imperialismo, com o norte-americano à frente, havia declarado a "guerra fria" ao comunismo e todos os dardos venenosos do capitalismo mundial estavam dirigidos acima de tudo contra a União Soviética. Sobre o Estado soviético e o povo deste país exercia-se uma grande pressão, a fim de infundir-lhes o temor à guerra, reprimir seu ímpeto revolucionário, conter seu espírito internacionalista e de oposição ao imperialismo.

Frente a estas pressões internas e externas, Kruschov se rendeu e capitulou. Começou a apresentar a situação como se fora cor de rosa, com o objetivo de dissimular suas ilusões pacifistas. Suas teses sobre a "edificação do comunismo", o "término da luta de classes", o "triunfo definitivo do socialismo" pareciam inovadoras, mas na realidade eram reacionárias. Tendiam a ocultar uma nova realidade em gestação: o surgimento e o desenvolvimento da nova camada burguesa e suas pretensões de instaurar seu Poder na União Soviética.

A linha e o programa que Kruschov apresentou ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), não só constituíam a linha da restauração do capitalismo na União Soviética, mas também uma linha de sabotagem à revolução, de submissão dos povos ao imperialismo, da classe operária à burguesia. Os kruschovistas preconizaram que, na etapa atual, a principal via de transição ao socialismo era a via pacífica. Recomendaram aos partidos comunistas que seguissem a política de conciliação de classes, de colaboração com a social-democracia e outras forças políticas da burguesia. Esta via coadjuvava a consecução dos objetivos pelos quais o imperialismo e o capital vinham lutando há muito tempo e utilizando todos os meios, das armas à subversão ideológica. Abriu vastos caminhos ao reformismo burguês e deu ao capital a possibilidade de manobrar nas difíceis situações econômicas, políticas e militares que se criaram depois da Segunda Guerra Mundial. Isto explica toda essa grande publicidade que a burguesia dedicou por toda parte ao XX Congresso do PCUS, chamando Kruschov de o "homem da paz", o que "compreende as situações", em contraste com Stálin que era partidário da "ortodoxia comunista", da "irreconciliabilidade com o mundo capitalista" etc.

Com suas prédicas sobre a via pacífica para o socialismo, os

kruschovistas pretendiam que os comunistas e os revolucionários do mundo não se preparassem nem levassem a efeito a revolução, mas que toda a sua atividade se reduzisse à propaganda, aos debates e às manobras eleitoreiras, às manifestações sindicais e às reivindicações imediatas.

Esta era a via tipicamente social-democrata, combatida com tanto ardor por Lênin e desbaratada pela Revolução de Outubro. Os pontos de vista kruschovistas, que haviam sido extraídos do arsenal dos chefetes da II Internacional, suscitavam perigosas ilusões e desacreditavam a própria idéia da revolução. Não preparavam a classe operária e demais massas trabalhadoras para permanecerem vigilantes e oporem-se à violência burguesa, mas a resignarem-se diante desta e se submeterem. Confirmaram isto igualmente os acontecimentos da Indonésia, Chile etc., onde os comunistas e os povos pagaram muito caro as ilusões revisionistas sobre a via pacífica ao socialismo.

Sem dúvida, não menos benéfica ao imperialismo e à burguesia, e prejudicial à revolução, era a outra tese do XX Congresso do PCUS, a da "coexistência pacífica", que os kruschovistas pretenderam impor a todo o movimento comunista, estendendo-a até às relações entre as classes, entre os povos e seus opressores imperialistas. Ao colocar-se o problema nos termos "ou coexistência pacífica, ou guerra destrutiva", os povos e o proletariado mundial, segundo os kruschovistas, não tinham outra alternativa senão curvar-se, renunciar à luta de classes, à revolução e a todo ato "que pudesse desagradar" o imperialismo e provocar a deflagração da guerra.

Os pontos de vista kruschovistas sobre a "coexistência pacífica", que se entrelaçavam estreitamente com os relativos à "mudança de natureza do imperialismo", ajustavam-se de fato às prédicas de Browder de que o capitalismo e o imperialismo norte-americano se haviam convertido em um fator de progresso para o mundo do pós-guerra. Embelezando o imperialismo norte-americano e criando uma falsa imagem dele, relaxava-se a vigilância dos povos frente à política hegemônica e expansionista dos Estados Unidos e se sabotavam suas lutas de libertação e antiimperialistas. A "coexistência pacífica" kruschovista, não só como ideologia, mas também como linha política prática, incitava os povos e em particular os novos Estados da Ásia, África e América Latina etc., a apagar os "focos de guerra", a buscar sua aproximação e conciliação com o imperialismo, a aproveitar a "colaboração internacional" para "desenvolver em paz" a sua economia etc. Esta linha, com outras expressões, termos e fórmulas era a linha que recomendava Browder ao afirmar que a rica América do Norte, nas condições da

"coexistência pacífica" entre os Estados Unidos e a União Soviética, podia ajudar todo o mundo a restabelecer-se e progredir. Era a linha difundida e aplicada na Iugoslávia por Tito, que havia aberto as portas do país às ajudas, aos créditos e aos capitais norte-americanos. Era o desejo de Mao Tsetung e outros dirigentes maoístas de edificar a China com a ajuda norte-americana, coisa que até este momento lhes fora impossível devido às circunstâncias e os diversos acontecimentos.

Mas, assim como os titistas, e agora os maoístas, tampouco a União Soviética podia evitar a ajuda norte-americana e dos outros países ocidentais. A integração da União Soviética e dos outros países revisionistas atados a ela na economia mundial capitalista, tem adquirido vastas proporções. Estes países se alinham entre os maiores importadores de capital ocidental. Suas dívidas, pelo menos as que se têm tomado públicas, são calculadas em dezenas de bilhões de dólares. Em algumas ocasiões e devido às conjunturas criadas, como agora com os acontecimentos no Afeganistão, este processo diminui sua marcha, mas nunca se detém. Os interesses capitalistas de ambas as partes são tão imensos que, em situações particulares, se sobrepõem a todas as fricções, rivalidades e confrontos.

Os revisionistas soviéticos utilizaram a tese da "coexistência pacífica" não só para justificar sua política de concessões ao imperialismo norte-americano e de compromissos com ele. Esta Unha lhes tem servido e lhes serve também de máscara para encobrir a política expansionista do social-imperiaüsmo soviético, para relaxar a vigilância e a resistência dos povos frente aos planos imperialistas e hegemônicos dos dirigentes revisionistas soviéticos. A tese sobre a "coexistência pacífica" era um chamamento que os revisionistas soviéticos faziam aos imperialistas norte-americanos para repartir e dominar conjuntamente o mundo.

A linha revisionista kruschovista abriu o caminho ao imperialismo e à reação para se aproveitarem das situações e desencadear uma ofensiva geral contra o comunismo. Em particular esta nova campanha contra a revolução e o socialismo foi auxiliada pelos ataques e pelas calúnias dos revisionistas kruschovistas contra Stálin e sua obra.

A guerra contra Stálin foi empreendida pelos revisionistas kruschovistas para justificar o caminho antimarxista que tomaram tanto dentro como fora do país. Não poderiam renegar a ditadura do proletariado e transformar a União Soviética em Estado burguês capitalista, menos ainda realizar regateios com o imperialismo, sem renegar a obra de Stálin. Por esta razão a campanha de guerra contra Stálin foi levada a cabo utilizando acusações extraídas do arsenal da propaganda

imperialista e trotskista, que apresentava o passado da União Soviética como um período de "represálias em massa" e o sistema socialista como "repressão da democracia", como "ditadura à la Ivan, o Terrível" etc.

No entanto, apesar dos ataques e calúnias dos imperialistas, dos revisionistas e demais inimigos da revolução, o nome e a obra de Stálin são e continuarão sendo imortais. Stálin foi um grande revolucionário, um eminente teórico que se coloca ao lado de Marx, Engels e Lênin.

A vida tem confirmado e confirma diariamente a justeza das análises e das posições do Partido do Trabalho da Albânia em relação ao revisionismo kruschovista. Na União Soviética foi destruído o socialismo e se restaurou o capitalismo, enquanto que, na arena internacional, as posições e os atos da direção soviética puseram cada vez mais a descoberto o caráter social-imperialista da União Soviética, sua ideologia reacionária de grande potência. Desta forma, o revisionismo kruschovista converteu-se não somente na ideologia da restauração do capitalismo e da sabotagem à revolução e à luta de libertação dos povos, mas também em ideologia da agressão social-imperialista.

II

0 EUROCOMUNISMO, IDEOLOGIA DA SUBMISSÃO À BURGUESIA E AO IMPERIALISMO

O revisionismo contemporâneo, como acabamos de assinalar, surgiu no período de agudização da crise geral do capitalismo. Aliou-se à burguesia e ao imperialismo e somou-se aos esforços desenvolvidos por estes para conter e evitar a grande maré montante das revoluções proletárias, das lutas de libertação nacional e dos movimentos democráticos populares e antiimperialistas. Como tal, o novo revisionismo não poderia deixar de tomar diferentes formas e aspectos, de utilizar métodos e táticas que se ajustassem às necessidades do capital de cada país. Seu maior desenvolvimento, sua difusão no movimento comunista e operário registrou-se depois que o revisionismo kruschovista apareceu em cena.

Para a burguesia e o imperialismo, a traição que se produziu na União Soviética constituía uma ajuda incalculável nos momentos tão difíceis por que estavam atravessando. Esta ajuda deu ao grande capital a possibilidade de golpear a teoria marxista-leninista e a prática da edificação socialista, de infundir suspeitas à estratégia revolucionária do proletariado e fazer degenerar ideológica e politicamente os partidos comunistas. Um grande revés ideológico sofreram em primeiro lugar os partidos comunistas e operários da Europa Ocidental que seguiram a linha traidora de Tito-Kruschov. Há tempos que nesses partidos se preparara o terreno para acolher e levar ainda mais longe as idéias e as práticas revisionistas kruschovistas. Sua degenerescência ideológica e organizativa em diversos níveis e em diferentes formas já havia começado antes. Teorias e práticas pseudo-revolucionárias vinham sendo aplicadas em suas fileiras há muito tempo.

Os primórdios do revisionismo contemporâneo nos partidos comunistas da Europa Ocidental

No curso da Segunda Guerra Mundial numerosos fatores positivos criados na Europa haviam tomado possível e indispensável a transformação da guerra antifascista em uma profunda revolução popular. O fascismo suprimira não só a independência nacional dos países

ocupados, mas também todas as liberdades democráticas e enterrara inclusive a própria democracia burguesa. Por isso a guerra contra o fascismo deveria ser uma luta não só pela libertação nacional, mas também pela defesa e pelo desenvolvimento da democracia. Além de estarem atentos a estes dois objetivos, os partidos comunistas não deveriam separá-los da luta pelo socialismo.

Nos países do Centro do Sudeste da Europa, os partidos comunistas souberam unir as tarefas da luta pela independência e pela democracia à luta pelo socialismo. Elaboraram e aplicaram uma política que conduziu à instauração dos regimes da nova democracia popular. Ao contrário, os partidos comunistas da Europa Ocidental não se mostraram capazes de aproveitar as situações favoráveis que a Segunda Guerra Mundial e a vitória sobre o fascismo haviam criado. Isto demonstrava que não haviam compreendido nem aplicado devidamente as orientações do VII Congresso da Internacional Comunista*. Este Congresso sustentava que, ao opor-se e combater o fascismo, iriam se criando também, sob determinadas condições, as possibilidades de formar governos de frente-única, totalmente diferentes dos governos social-democratas. Aqueles deveriam servir para passar da etapa de guerra contra o fascismo à etapa de luta pela democracia e pelo socialismo. Porém, na França e na Itália a guerra contra o fascismo não conduziu à criação de governos do tipo que propunha o Komintern. Acabada a guerra, nesses países assumiram o Poder governos de tipo burguês. A participação dos comunistas nos mesmos não modificiou seu caráter. Nem mesmo o Partido Comunista Francês, que em geral até o final da Segunda Guerra Mundial seguiu uma linha correta, conseguiu corrigir e superar os erros, deficiências e desvios que se manifestaram em relação a determinados problemas, e que, entre outros motivos, surgiram por falta de análises realistas das situações internas e externas.

O Partido Comunista Francês desempenhou um papel de primeira ordem na criação da Frente Popular na França. Foi ele quem, em seu Congresso de Nantes em 1935, lançou a palavra-de-ordem da frente popular, que teve rápida ressonância entre as amplas massas do povo francês. O Komintern considerou muito bom o trabalho e os esforços do Partido Comunista Francês para a criação da Frente Popular. Apesar disto, é necessário assinalar que não soube ou não pôde aproveitar as situações e explorá-las em favor da classe operária.

**** Este Congresso desenvolveu seus trabalhos de 25 de julho a 21 de agosto de 1935.***

O partido comunista falava abertamente do perigo que acossava a França, proveniente do fascismo interno e externo; denunciava esse perigo, saía às ruas, mas esperava que as medidas de oposição ou qualquer outra decisão viessem dos governos "legais", dos governos burgueses formados e combinados por um parlamento burguês. Isto se verificou no momento da criação da Frente Popular, que foi um êxito para o Partido Comunista Francês, posto que, na complexa situação daquele momento, barrou o caminho à formação de um governo fascista na França. O governo de Blum, não obstante haver tomado algumas medidas em favor da classe operária, violou e traiu o programa da Frente Popular no campo da política interna e externa. O partido comunista, que não participava no governo da Frente Popular, mas lhe dava apoio no parlamento, não estava em condições de deter todo este processo. A luta das massas, as greves, as manifestações e demais ações, foram substituídas pelos encontros semanais que Léon Blum realizava em sua casa com Thorez e Duclos.

Ainda que o presidente do governo da Frente Popular fosse socialista e os socialistas ocupassem um grande espaço no governo, o aparelho governamental no centro e na base permaneceu intato. O exército continuou sendo o **grande muette***. Estava sob o comando, da mesma forma como nos governos anteriores, da casta reacionária de oficiais saídos das escolas militares burguesas, que preparavam quadros para reprimir o povo francês e invadir colônias, e não para combater o fascismo e a reação.

O Partido Comunista Francês não concluía suas ações, não se organizava para uma verdadeira luta contra o fascismo e a reação. A propaganda e a agitação, as manifestações e as greves que dirigia, não tinham o propósito de arrebatar o Poder da burguesia. Independentemente de que não negasse os princípios básicos do marxismo-leninismo, a atividade e a luta deste partido assumiam inconscientemente, sem compreender por quê, as feições de uma luta por reformas, por reivindicações econômicas no plano sindical. Naturalmente, os sindicatos desempenham um papel revolucionário quando são corretamente dirigidos e quando neles se cria uma situação revolucionária, do contrário o movimento sindical se converte em uma rotina montada pelos dirigentes sindicais, que algumas vezes mantêm atitudes justas e outras vezes desviacionistas, mas que, no final, acabam em discussões estéreis e em compromissos com os patrões.

---

* ***Francês no original: o grande mudo.***

Quando foi deflagrada a Guerra da Espanha, o Partido Comunista Francês ajudou ativamente com agitação e propaganda e com meios materiais o Partido Comunista da Espanha e o povo espanhol na sua luta contra Franco. Lançou convocatórias para o envio de voluntários à Espanha, às quais responderam milhares de seus militantes e de outros antifascistas franceses, três mil dos quais imolaram suas vidas em terras da Espanha. Altos dirigentes do partido participaram diretamente da luta ou foram à Espanha em várias ocasiões. A maior parte dos voluntários que saíam de muitos países para integrar-se às Brigadas Internacionais na Espanha passavam pela França. O Partido Comunista Francês organizava seu trânsito.

Durante a Guerra da Espanha, os comunistas e a classe operária franceses ganharam, uma nova experiência nas batalhas, que se somou à antiga tradição das lutas revolucionárias do proletariado francês. Isto constituía um capital apreciável, uma experiência revolucionária adquirida em lutas de classe frontais e organizadas contra a feroz reação franquista, contra os fascistas italianos e os nazistas alemães, assim como contra a própria reação francesa e mundial. Este capital revolucionário deveria servir ao partido nos momentos críticos da Segunda Guerra Mundial e de ocupação da França, mas na realidade não foi aproveitado.

O Partido Comunista Francês desmascarou a política de Munique, com a qual os Daladier e os Bonnet, traficando com os interesses do povo tchecoslovaco, fizeram concessões a Hitler, para que este voltasse sua máquina de guerra contra a União Soviética. Defendeu sem vacilar o pacto germano-soviético de não-agressão e se contrapôs às calúnias e às perseguições da burguesia. Fez convocatórias à resistência e levantou-se com audácia contra os ocupantes alemães e seus colaboradores de Vichy. Esta luta, que começou com ações, greves, manifestações, atos de sabotagem, foi ganhando maiores dimensões. Os FTP* criados pelo partido comunista, eram as únicas formações que combatiam os ocupantes, ao passo que **les reseaux** gaullistas eram, como a palavra mesmo diz, nada mais que redes dos serviços secretos destinadas a colher informações militares úteis aos aliados. Enquanto os gaullistas faziam convocatórias para esperar o desembarque (dos aliados — **N. do T.**) e depois lançar-se à ação, o partido comunista lutava valorosamente pela libertação do país.

---

* **Francs Tireurs et Partisans:** ***as forças guerrilheiras francesas sob o comando do PC Francês.***

No decorrer da luta de libertação, o Partido Comunista Francês organizou e desenvolveu a resistência contra os ocupantes e trabalhou, com alguns êxitos, na consolidação da frente antifascista. Sem dúvida, tal como os acontecimentos vieram demonstrar, o Partido nâo havia pensado nem planejado a tomada do Poder, e, se o fizera, na prática abandonou seus projetos.

Testemunho disto é que ao longo da luta o partido criou muitos comitês de libertação nacional, mas não se preocupou nem adotou nenhuma medida para que estes comitês se afirmassem como embriões do novo Poder. Do começo ao fim as formações guerrilheiras continuaram sendo pequenas e sem laços orgânicos entre si. Em nenhum momento o partido se preocupou com o problema da criação de grandes formações, de um verdadeiro exército de libertação nacional.

O Partido Comunista Francês levou adiante a luta antifascista que ele mesmo dirigia, mas não a converteu em luta revolucionária de todo o povo. E não apenas isto, mas considerou mais viável e mais "revolucionário" implorar a De Gaulle que aceitasse em seu comitê "França Livre" um representante seu. Noutras palavras isto queria dizer: "Por favor, Senhor De Gaulle, aceite-me também em seu comitê"; "Senhor De Gaulle, o Partido Comunista Francês e as forças guerrilheiras se põem sob seu comando e do comitê 'França Livre' "; "Senhor De Gaulle, os comunistas não temos intenção de fazer nenhuma revolução, nem de tomar o Poder, somente queremos que na França de amanhã se dê o velho jogo dos partidos, o jogo 'democrático', que também passaremos a fazer, de acordo com o número de votos, no futuro governo".

Enquanto os comunistas franceses atuavam deste modo, a burguesia francesa preparava e organizava suas forças para lançar-se à tomada do Poder, o que levaria a efeito após o desembarque dos aliados norte-americanos. O Comitê Nacional, criado e dirigido pelo grupo de De Gaulle em Londres e que em Argel passou a ser governo, constituiria a força mais adequada para a tomada deste Poder. Isto efetivamente seria realizado em combinação com o velho exército comandado por generais que, depois de terem servido a Petain, vendo que o barco alemão naufragava, colocaram-se a serviço de De Gaulle.

Esta era uma situação perigosa que o Partido Comunista Francês não julgou nem avaliou corretamente, ou não se aprofundou na questão. Temeu as complicações com as forças aliadas que acabavam de desembarcar, temeu De Gaulle e as forças agrupadas em tomo deste, ou seja, temeu a guerra civil e em particular a guerra com os anglo-americanos.

O partido comunista esqueceu-se do exemplo dos heróicos communardos que, cercados pelo exército alemão de Bismarck, lançaram-se contra os versalheses "assaltando os céus", como diria Marx, e criaram a Comuna de Paris. "Era preciso pesar as forças", podem dizer os teóricos da justificativa deste erro fatal que o Partido Comunista Francês cometeu no curso da Segunda Guerra Mundial. Naturalmente que deviam pesar as forças. Mas se os comunardos, sem nenhum partido, sem organização, sem vínculos com o campesinato nem com o resto da França, cercados por tropas invasoras estrangeiras, lançaram-se ao ataque e tomaram o Poder, a classe operária francesa, com seu partido a frente, temperada nas batalhas, iluminada pelo marxismo-leninismo e tendo em sua luta um grande e poderoso aliado como era a União Soviética, estando à frente das massas trabalhadoras e dos autênticos patriotas, poderia realizar mil vezes melhor a obra imortal que realizaram os comunardos.

A direção do partido comunista, em geral, mostrou-se torpe e débil para cumprir com audácia e maturidade os desejos e aspirações dos militantes comunistas e do proletariado francês, que haviam combatido heróica e resolutamente os ocupantes hitleristas. Não avançou pela via marxista-leninista, pela via da luta revolucionária. Não seguiu a senda dos comunardos.

Na Itália a luta antifascista, tinha suas características e traços particulares, porém os objetivos que a direção do Partido Comunista Italiano se havia proposto, suas vacilações e concessões assemelhavam-se aos do Partido Comunista Francês.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial colheu a maior parte dos quadros do Partido Comunista Italiano na França. Quase todos caíram nas mãos da polícia. Entre eles figurava o secretário-geral do partido, Palmiro Togliatti, que, uma vez libertado do cárcere, em março de 1941, dirigiu-se à União Soviética.

Embora o Partido Comunista Italiano mantivesse uma atitude correta em relação à guerra de agressão desencadeada pelas potências fascistas e a tivesse denunciado como uma guerra imperialista e de rapina, sua atividade continuou sendo limitada. Todos os esforços reduziram-se a criar uma coalizão de partidos antifascistas no exílio, a fazer alguns chamamentos e publicar resoluções e material propagandístico.

Este partido, que havia começado a desenvolver sua atividade no interior do país em meados de 1942, conseguiu em março de 1943, organizar em diversas regiões uma série de poderosas greves que teste-

munhavam o crescimento do movimento popular antifascista. Estas greves aceleraram o desenrolar dos acontecimentos que conduziram à queda de Mussolini.

O temor à revolução havia induzido a burguesia italiana e o rei, símbolo de sua dominação, a levar Mussolini ao Poder em 1922. Esse mesmo temor os obrigaria a depô-lo em julho de 1943.

Mussolini foi derrubado mediante um golpe de Estado da casta dirigente; fora uma obra do rei, de Badóglio e de outros hierarcas do fascismo. Estes, vendo a inevitável derrota da Itália, quiseram prevenir o perigo que significava o levante da classe operária e do povo italiano em luta e revolução, os quais não só poriam abaixo o fascismo e a monarquia, como também colocariam em cheque a própria dominação da burguesia italiana enquanto classe.

O movimento de resistência do povo italiano contra o fascismo adquiriu um grande desenvolvimento particularmente depois da capitulação da Itália. No norte do país, ocupado pelos alemães, foi organizada por iniciativa do partido, a luta de libertação que aglutinou amplas massas de operários, camponeses, intelectuais antifascistas, etc. Foram criadas grandes formações guerrilheiras regulares, em sua maioria dirigidas pelo partido. Além das unidades e dos destacamentos guerrilheiros, constituiram-se, no norte da Itália, também por iniciativa do partido comunista, os comitês de libertação nacional. O partido dedicou seus esforços para que estes comitês se convertessem em órgãos do Poder democrático, mas na realidade continuaram sendo coalizões de diversos partidos. Isto impediu que fossem transformados em verdadeiros órgãos do Poder popular.

Enquanto que no Norte a luta do partido evoluía no geral pela via correta, que não só poderia conduzir à libertção do país como também à instauração do Poder popular, no Sul, e a nível nacional, o partido não levava em conta absolutamente a questão da tomada do Poder. Postulava apenas a formação de um governo forte e com autoridade e não lutava pela derrubada da monarquia e de Badóglio. O programa do partido comunista, nos momentos em que existiam no país condições favoráveis para levar adiante a revolução, era um programa mínimo. O partido era por uma solução parlamentar dentro dos marcos da legalidade da ordem burguesa. Sua máxima pretensão era participar do governo com dois ou três ministros.

Assim, o Partido Comunista Italiano foi-se introduzindo no jogo político burguês e começou a fazer sucessivas concessões sem princípio. Às vésperas da libertação do país, possuía uma grande força política e

militar, que não soube ou não quis aproveitar, ficando, por vontade própria, desarmado perante a burguesia. Renunciou à via revolucionária e enveredou pelo caminho parlamentar, que o foi transformando gradualmente de um partido da revolução em partido burguês da classe operária por reformais sociais.

No que concerne à Espanha, é preciso assinalar que as diretrizes do VII Congresso da Internacional Comunista teve ali maiores resultados que na França e na Itália. Seu efeito se fez sentir especialmente no curso da Guerra Civil. No início os comunistas não participaram do governo da Frente Popular, porém lhe deram apoio. Não obstante, o partido comunista criticava o governo por sua falta de determinação e exigia que tomasse medidas frente à ameaça fascista, contra a atividade que desenvolviam os fascistas, particularmente a casta dos oficiais, que naquela época constituíam o perigo imediato.

Em 17 de julho de 1936 eclodiu o **Pronunciamiento** dos generais fascistas. O complô dos fascistas estava bem coordenado. Haviam atuado debaixo do nariz do governo de esquerda e das autoridades designadas por um governo surgido da coalizão da Frente Popular. Contra este perigo alinharam-se todas as forças antifascistas. Em novembro criou-se o governo chefiado por Largo Caballero, do qual passaram a tomar parte dois ministros comunistas. Assim constituiu-se uma frente comum para defender a República, inclusive com as armas. O governo concedeu autonomia aos bascos, confiscou a favor dos camponeses pobres as terras dos fascistas e nacionalizou todas as riquezas destes.

Desde o primeiro momento, o partido comunista conclamou a classe operária e o povo a resistir. Mas o partido comunista não se contentou com chamamentos, lançou-se à ação. Os membros do partido se introduziram nos quartéis, onde estavam os soldados, para explicar a estes a situação, mostrando-lhes quem eram os fascistas e a ameaça que representavam para os operários, os camponeses e o povo. Na capital da Espanha, Madri, o golpe fascista fracassou.

Em outras cidades, o povo e em primeiro lugar a classe operária, atacaram as unidades militares que se haviam sublevado contra a República, paralisando-as em sua ação. Em Astúrias, a luta dos mineiros contra as tropas fascistas prosseguiu por um mês e esta região permaneceu em mãos do povo. Os fascistas nâo passaram. O mesmo sucedeu em Vascongadas e em muitas outras regiões da Espanha.

Nos primeiros dias de agosto viu-se que os generais fascistas cami-

nhavam para o abismo e sua derrota teria sido total caso não tivessem acorrido de imediato em sua ajuda as tropas da Itália fascista e da Alemanha nazista e junto a estas as forças recrutadas no Marrocos espanhol, assim como as enviadas por Portugal fascista.

Em um país onde o exército estava sob o comando de uma velha casta de oficiais reacionários, realistas e fascistas, os destinos do país não poderiam ser confiados a ele, uma parte do qual seguiu os generais fascistas e o resto caminhava rumo à desagregação. Por isso, o partido comunista fez um chamamento para a criação de um exército novo, um exército do povo. Os comunistas voltaram seus esforços para a criação deste exército e em breve lapso de tempo conseguiram erguer o V Regimento. Com base neste regimento, que granjeou enorme fama durante a Guerra da Espanha, criou-se o exército popular da República espanhola.

A resoluta atitude do partido comunista diante do ataque fascista, o exemplo audaz que deu colocando-se à frente das massas para impedir que o fascismo vencesse, o exemplo de seus militantes, 60% dos quais foram enviados às diversas frentes de luta, aumentaram em grande medida a autoridade e o prestígio do partido entre as massas do povo.

Um partido cresce, ganha autoridade e se converte em dirigente das massas quando conta com uma Unha clara e se lança audazmente à luta para levá-la à prática. O Partido Comunista da Espanha converteu-se num partido deste tipo no curso da Guerra Civil. Desde a insurreição fascista de julho de 1936 até finais deste mesmo ano, o partido comunista triplicou o número de seus membros. E, ainda que naqueles dias as pessoas se integrassem no partido para ofertar suas vidas e não para dar seu voto nas eleições, jamais ninguém, nem o chamado partido comunista de Carrillo, nem os outros partidos revisionistas, que têm aberto suas portas a todo aquele que queira neles ingressar, laico ou religioso, operário ou burguês, poderá falar de um aumento de autoridade e influência como as que adquiriu o Partido Comunista da Espanha no período da Guerra Civil.

A Guerra da Espanha chegou ao fim em princípios de 1939, quando a dominação de Franco estendeu-se a todo o território nacional. Naquela guerra o Partido Comunista da Espanha não poupou esforços nem energias para derrotar o fascismo. E se o fascismo venceu, isto se deveu, além dos diversos fatores internos, em primeiro lugar à intervenção do fascismo italiano e alemão e à política capitulacionista de "não intervenção" das potências em relação aos agressores fascistas.

Muitos militantes do Partido Comunista da Espanha imolaram

suas vidas durante a Guerra Civil. Outros tantos foram vítimas do terror franquista. Milhares deles foram atirados aos cárceres onde permaneceram por longos anos ou ali morreram. Após o triunfo do fascismo, reinou na Espanha o mais feroz terror.

Os democratas espanhóis, que conseguiram escapar dos campos de concentração e das prisões, tomaram parte na resistência francesa onde lutaram heroicamente, enquanto que aqueles que partiram para a União Soviética integraram-se às fileiras do Exército Vermelho e muitos deles deram suas vidas combatendo o fascismo.

Apesar das condições extremamente graves, os comunistas continuaram a luta guerrilheira e a organização da resistência também na Espanha. A maior parte deles caiu em mãos da polícia franquista e foi condenada à morte.

Franco golpeou duramente a vanguarda revolucionária da classe operária e das massas populares da Espanha e isto acarretou consequências negativas para o partido comunista. Uma vez que sucumbiram na luta armada e sob os golpes do terror fascista os elementos mais sadios, mais preparados ideologicamente, mais resolutos e valentes, ganharam supremacia e exerceram sua influência negativa e destruidora no Partido Comunista da Espanha os elementos covardes pequeno-burgueses e intelectuais como Carrillo e companhia. Gradualmente estes foram transformando o Partido Comunista da Espanha em um partido oportunista e revisionista.

A união com os revisionistas kruschovistas na luta contra o marxismo-leninismo e a revolução

As condições econômicas e políticas que se criaram na Europa Ocidental depois da Segunda Guerra Mundial favoreceram em maior grau o reforço e a difusão dos pontos de vista errôneos e oportunistas que já haviam existido anteriormente nas direções dos partidos comunistas da França, Itália e Espanha, estimulando ainda mais o espírito de concessões e compromissos com a burguesia.

Entre estes fatores estava a revogação das leis fascistas e das outras medidas coercitivas e restritivas que a burguesia européia havia adotado já desde os primeiros dias do triunfo da Revolução de Outubro até a deflagração da guerra, para conter o crescente ímpeto revolucionário da classe operária e impedir sua organização política, para barrar o caminho à difusão da ideologia marxista.

O restabelecimento da democracia burguesa em uma escala mais ou menos ampla como era a completa legalização de todos os partidos políticos, exceto os fascistas; a permissão de que participassem sem nenhum impedimento na vida política e ideológica do país; a criação de possibilidades de que tomassem parte ativamente nas campanhas eleitorais, as quais já se desenvolviam com base em algumas leis menos restritivas, para cuja aprovação os comunistas e as outras forças progressistas tinham desenvolvido uma longa luta, fomentaram muitas ilusões reformistas nas direções dos partidos comunistas. Nestas começou a arraigar-se o ponto de vista de que o fascismo havia desaparecido de uma vez e para sempre, que a burguesia não só já não estava em condições de limitar os direitos democráticos dos trabalhadores, como também se veria obrigada a ampliá-los ainda mais. Essas direções começaram a pensar que os comunistas, tendo saído da guerra como a força política, organizadora e mobilizadora mais influente e poderosa da nação, obrigariam a burguesia a alargar cada vez mais a democracia e permitir uma participação cada vez mais ampla dos trabalhadores na direção do país; igualmente julgaram que através das eleições e do parlamento teriam a possibilidade de tomar o Poder pacificamente e passar posteriormente à transformação socialista da sociedade. O fato de dois ou três ministros comunistas terem participado do governo na França e na Itália do pós-guerra foi visto por estas direções não como o máximo das concessões formais que a burguesia fazia, mas como o começo de um processo que iria tomando uma amplitude cada vez maior, até chegar à formação de um gabinete governamental composto exclusivamente por comunistas.

O desenvolvimento econômico do pós-guerra no Ocidente também exerceu um grande papel na propagação das idéias oportunistas e revisionistas no seio dos partidos comunistas. É certo que a Europa Ocidental havia sido destruída pela guerra, mas sua reconstrução foi relativamente breve. O fluxo de capitais norte-americanos para a Europa de acordo com o "Plano Marshall", permitiu a reconstrução de fábricas, e complexos industriais, a reparação dos transportes e da agricultura, assim como o desenvolvimento intensivo da produção. Esse desenvolvimento abriu numerosas frentes de trabalho e por um largo período de tempo não só atraiu a mão de obra disponível como também gerou certa carência da mesma.

Esta situação que proporcionava à burguesia superlucros colossais, permitiu-lhe uma maior generosidade financeira e amenizar de algum modo os conflitos trabalhistas. No terreno social, como no caso dos seguros sociais, da saúde, do ensino, da legislação trabalhista, etc., a bur-

guesia adotou algumas medidas, pelas quais tanto havia lutado a classe operária. A considerável elevação do nível de vida dos trabalhadores em comparação aos tempos da guerra e inclusive de **anteguerra,** o rápido crescimento da produção como resultado da reestruturação da indústria e da agricultura e do início da revolução técnica e científica, assim como a total ocupação da mão de obra, abriram caminho à proliferação, em alguns indivíduos não formados e oportunistas, das concepções sobre o desenvolvimento do capitalismo sem conflitos de classe, sobre sua suposta possibilidade de evitar as crises, sobre o desaparecimento do fenômeno do desemprego, etc. Mais uma vez confirmou-se o grande ensinamento do marxismo-leninismo de que os períodos de desenvolvimento pacífico do capitalismo são a origem da difusão do oportunismo. A nova camada da aristocracia operária, que cresceu consideravelmente naquele tempo, começou a exercer uma influência cada vez mais negativa nas fileiras dos partidos e de suas direções, introduzindo neles idéias e pontos de vista oportunistas.

Sob a pressão destas circunstâncias, os programas dos partidos comunistas foram reduzindo-se até se converterem em programas mínimos de caráter democrático e reformista, ao mesmo tempo que a idéia da revolução e do socialismo se afastava sempre mais. A grande estratégia da transformação revolucionária da sociedade cedeu lugar à pequena estratégia dos problemas correntes do dia-a-dia, que se tomou absoluta e converteu-se em linha política e ideológica geral.

Assim, os partidos comunistas italiano, francês, britânico e, depois destes, também o da Espanha, uma vez terminada a Segunda Guerra Mundial começaram a afastar-se gradualmente do marxismo-leninismo, a adotar teses e pontos de vista revisionistas, a introduzir-se na via do reformismo. Quando o revisionismo kruschovista apareceu em cena, o terreno era propício para adotar esta corrente e unir-se a ela na luta contra o marxismo-leninismo. As decisões do XX Congresso do PCUS, ao lado da pressão da burguesia e da social-democracia do interior do país, exerceram poderosa influência sobre tais partidos em sua passagem definitiva às posições antimarxistas social-democratas.

Os revisionistas italianos foram os primeiros a abraçar a linha do XX Congresso do PCUS e imediatemente após o mesmo proclamaram com estardalhaço a chamada via italiana para o socialismo. Uma vez derrotado o fascismo, o Partido Comunista Italiano apresentou-se com uma plataforma política e organizativa oportunista. Desde que chegou a Nápoles, de regresso da União Soviética em março de 1944, Palmiro Togliatti impôs ao partido a Unha da colaboração de classe com a

burguesia e seus partidos. "Nós — declarou Togliatti na Reunião Plenária do Conselho Nacional do partido então realizada — não colocamos como objetivo da luta a conquista do Poder, devido às condições internacionais e nacionais, mas queremos destruir completamente o fascismo e criar "uma verdadeira democracia antifascista e progressista". O PCI "deve examinar cada problema do ponto de vista da nação, do Estado italiano".*

Em Nápoles, Togliatti lançou pela primeira vez a idéia — inclusive a plataforma — do que chamou **novo partido das massas**, o qual era diferente, por sua composição de classe, por sua ideologia e por sua forma organizativa, do partido comunista do tipo leninista. Era natural que para uma política de alianças sem princípios e uma política de reformas que Togliatti propugnava, precisava-se também de um partido reformista, um partido amplo e ilimitado no qual pudesse entrar e sair qualquer um e quando bem entendesse. "Sua noção de partido de massas que tem suas raízes no povo — escrevia muitos anos mais tarde um colaborador de Togliatti — assume todo o seu devido valor caso se vincule estreitamente com o componente nacional da luta dos comunistas. Seu objetivo é, com efeito conseguir profundas mudanças na sociedade... graças às reformas".**

Com a libertação do país, a classe operária italiana confiava em uma profunda justiça social, esperava que as coisas fossem mudar, e que, finalmente, sua voz seria ouvida. Mas isto não aconteceu devido à organização e à direção da vida do país por parte dos diversos partidos burgueses, incluindo o comunista. Para iludir as massas e fazê-las crer que sua voz era escutada pelo governo do país, regulamentaram a vida política com os partidos da maioria e da minoria, com os partidos no Poder e os da oposição, com todos os truques e subterfúgios parlamentares, com todas as mentiras e a demagogia.

A princípio o Partido Comunista Italiano passou a ocupar duas pastas sem importância, que a grande burguesia lhe concedeu dentro dos limites do jogo "democrático"; esta tinha em mira reforçar suas posições, levantar seu exército, sua polícia e toda a série de instrumentos repressivos, liquidar e paralisar, mediante a presença dos comunistas no governo, qualquer tendência da classe operária e do povo italiano a acertar as contas com os que lhes haviam explorado, reprimido e

---

* ***P. Spriano,*** **Storia del Partito Comunista Italiano,** ***Torino, 1975, p. 308.***

** ***C. Cerretti,*** **A l'ombre des deux T,** ***Paris, 1973, p. 52.***

enviado a arrebatar a liberdade de outros povos, começando pela Abissínia, Espanha, Albânia até a União Soviética, onde ficaram os restos mortais de seus filhos. Posteriormente, em maio de 1947, quando os ministros comunistas já se haviam tornado imprestáveis à burguesia, esta os tirou do governo. O perigo de uma eventual ofensiva operária foi conjurado. A classe operária se pôs em "fila", enquadrou-se nos diversos sindicatos segundo os matizes dos partidos, iniciando-se assim a luta pelo voto, a luta parlamentar.

Após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Togliatti e o Partido Comunista Italiano proclamaram abertamente suas velhas posições revisionistas. Não somente aprovaram todo sintoma de liberalismo procedente de Moscou, como inclusive queimaram etapas, colocando numa posição difícil os próprios revisionistas kruschovistas, para os quais o Partido Comunista Italiano começou a ser motivo de preocupação.

Os togliattistas fizeram sua a linha revisionista de "desestalinização", aplaudiram o ato dos kruschovistas de atirar lama sobre Stálin e o bolchevismo, apoiaram a linha kruschovista de destruição das bases socialistas do Estado soviético, respaldaram as reformas revisionistas e a abertura para com os Estados capitalistas, em particular para com os Estados Unidos. Como revisionistas empedernidos, os togliattistas admitiam sem reservas a coexistência pacífica kruschovista e a aproximação com o imperialismo. Era seu velho sonho de colaboração com a burguesia, tanto no plano nacional como no internacional.

Para o caminho que trilhou na União Soviética, o partido revisionista kruschovista necessitava da unidade e da amizade do Partido Comunista Italiano, necessitava do respaldo, particularmente de dois partidos revisionistas do Ocidente, o francês e o italiano, que eram dois grandes partidos e gozavam de uma certa autoridade internacional. Por esta razão, saltavam à vista as "honras" com que os kruschovistas brindaram a ambos os partidos, e por trás destas "honras" corriam também as substanciosas subvenções por debaixo do pano.

Assim como os kruschovistas se apressaram em converter a União Soviética em país capitalista, os togliattistas se apressaram, por sua vez em integrar-se na ordem capitalista italiana. Em junho de 1956, no informe ante a reunião do CC do PC Italiano, que levava o pomposo título de **A via italiana para o socialismo**, Palmiro Togliatti lançava uma série de teses, com tal dose de anticomunismo, que o próprio Kruschov se viu obrigado a pedir-lhe que fosse mais comedido e não ultrapassasse os limites com tanta rapidez.

Naquele tempo, Togliatti colocou a questão da integração do socialismo no capitalismo, assim como a tese da negação do papel do partido comunista como dirigente único e indispensável da luta do proletariado pelo socialismo. Afirmou que a arrancada para o socialismo também pode dar-se onde não exista partido comunista. Estas teses coincidiam inteiramente com as dos revisionistas iugoslavos.

Não é casual que os revisionistas italianos tenham-se mostrado ardentes defensores da reabilitação dos revisionistas iugoslavos. O próprio Togliatti foi à Iugoslávia para prostrar-se diante de Tito e contribuir para que este se tomasse "aceitável" ao movimento comunista internacional.

O Partido Comunista Italiano e Togliatti se opuseram a que Moscou fosse o "único centro do comunismo internacional". Preconizaram o "policentrismo", com o objetivo de criar um novo bloco revisionista liderado pelo Partido Comunista Italiano, que, ao contrapor-se ao bloco revisionista soviético, aumentaria sua autoridade aos olhos da burguesia italiana e mundial. Desta maneira, Togliatti imaginava que granjearia a confiança do capital monopolista italiano e entraria em sua dança. Kruschov pressentiu o perigo de que os partidos revisionistas escapassem da tutela de Moscou, tanto os dos países membros do Pacto de Varsóvia como os que se encontravam fora deste e por isso se esforçou por conservar a "unidade". No entanto o "policentrismo" togliattista e a "unidade" kruschovista eram coisas opostas e irreais. O revisionismo cinde ao invés de unir.

0 atual partido revisionista de Togliatti, de Longo e de Berlinguer tem percorrido caminhos tenebrosos. Sua linha e suas atitudes têm estado sempre profundamente impregnadas dos pontos de vista intelectualistas e social-democratas. O dirigente do Partido Comunista Italiano, Palmiro Togliatti, manifestou tudo isto **in crescendo** até chegar ao famoso "testamento" que redigiu pouco antes de sua morte em Yalta. Este "testamento" constitui o código do revisionismo italiano, de onde em geral emanam os atuais pontos de vista do eurocomunismo.

A partir do XX Congresso do PCUS, o revisionismo contemporâneo encontrou igualmente no Partido Comunista Francês um ambiente propício para sua difusão. Desde há algum tempo a idéia do parlamentarismo, das "alianças" com a social-democracia e a burguesia, da luta por reformas tinha-se arraigado na direção desse partido. Isto não se proclamava abertamente como agora, ou seja, não se elevava à categoria de

teoria. A oposição e a luta contra o fascismo, a luta pela defesa e pelo desenvolvimento da democracia, pela melhoria da situação dos operários, todos estes atos justos de acordo com os princípios e também do ponto de vista tático, não eram entrelaçados pelo Partido Comunista Francês com o objetivo final, com a perpectiva socialista. Para a direção do Partido Comunista Francês esta perpectiva era obscura, ou algo admitido apenas em teoria, mas que pensava ser irrealizável nas condições da França.

Como acabamos de assinalar, o Partido Comunista Francês evitou que a luta de libertação nacional se transformasse em revolução popular, evitou a luta armada pela tomada do Poder. A classe operária e seu partido derramaram sangue, mas, em benefício de quem? Na realidade, da burguesia francesa e dos imperialistas anglo-americanos. Como se deve chamar este caminho trilhado pelo Partido Comunista Francês? Sem dúvida, traição à revolução e, se quisermos recorrer a um eufemismo: linha oportunista, liberal.

É certo que o Partido Comunista Francês não foi liquidado nem pelos ocupantes alemães nem pela reação, mas, após a libertação do país ocorreu como fenômeno negativo que, as forças guerrilheiras dirigidas pelo partido foram desarmadas pela burguesia ou, melhor dizendo, a própria direção do partido tomou a decisão de "desarmá-las", posto que "a pátria havia sido libertada".

Uma vez libertado o país, a burguesia assumiu novamente o Poder, enquanto que os comunistas ficaram de fora da festa. Preparou-se o terreno para De Gaulle, que foi proclamado o salvador do povo francês. Para evitar a resistência e as greves dos operários desiludidos e indignados, De Gaulle convidou Maurice Thorez e mais um ou dois comunistas. O Partido Comunista pagou por este lugar no fim da mesa que a burguesia lhe destinara, adotando posições que contrariavam os interesses e a vontade da classe operária francesa.

Um erro abre caminho a outro. Embriagados pelo êxito eleitoral que alcançaram nas eleições de 10 de novembro de 1946, quando os comunistas e os socialistas conquistaram a maioria absoluta das cadeiras na Assembléia Nacional, os dirigentes do Partido Comunista Francês enveredaram mais profundamente pela via do reformismo. Precisamente nesta época Maurice Thorez concedeu uma entrevista ao correspondente do jornal inglês **Times**, na qual afirmava que o desenvolvimento das forças democráticas no mundo e o debilitamento da burguesia capitalista após a Segunda Guerra Mundial, permitiam prever para a França "...outros caminhos para o socialismo, diferentes do caminho

que os comunistas russos tinham seguido há 30 anos... De qualquer modo, o caminho é necessariamente distinto para cada país".*

Este caminho para o socialismo, que Thorez propunha naquele momento, talvez não fosse exatamente o kruschovista, cuja estrutura se configurou posteriormente. Porém seja como for os "outros caminhos" que Thorez buscava não eram os da revolução.

A burguesia francesa e o imperialismo norte-americano não permitiram que Thorez e a direção do Partido Comunista Francês acalentassem por um período muito longo os sonhos do caminho parlamentar para o socialismo. Não transcorreu muito tempo para que, com um simples decreto do primeiro-ministro socialista Ramadier, os comunistas fossem eliminados do governo.

Na reunião de outubro de 1947, o Comitê Central do Partido Comunista Francês se viu obrigado a fazer autocrítica de suas posições e atos errôneos naquele período, por não ter avaliado corretamente a situação, a correlação de forças, a política do partido socialista etc.

Desta maneira, o Partido Comunista Francês, desde fins de 1947, começou a encarar algumas questões de maneira mais justa, mobilizou a classe operária em importantes batalhas de classe e em greves de envergadura, que tiveram também um acentuado caráter político, como o foram em particular as dos anos de 1947 e 1948 que suscitaram pânico na burguesia francesa. Naquele período, o Partido Comunista Francês lutou contra a **marshalização** da França e contra a política belicista do imperialismo norte-americano. Opôs-se à instalação de bases norte-americanas na França e se levantou contra as novas guerras coloniais do imperialismo francês. O partido conclamou a classe operária a opor-se à guerra colonialista no Vietnã, não só mediante a propaganda, mas também com ações concretas.

Nesta luta, a classe operária francesa revelou heróis e heroínas como Raymonde Dien, que se deitou sobre os trilhos da estrada de ferro para impedir que partisse um trem carregado de armas destinadas ao Vietnã.

O Partido Comunista Francês participou ativamente da reunião do Bureau de Informação, que analisou a situação do Partido Comunista da Iugoslávia. Denunciou e condenou severamente a traição de Tito e de seu grupo.

Porém, depois da morte de Stálin e da chegada de Kruschov ao

* ***M. Thorez,*** **Fils du peuple,** ***Paris, 1960, p. 234.***

poder, começaram novamente a notar-se vacilações e desvios na linha do Partido Comunista Francês e nas atitudes de seus dirigentes. Tais vacilações se observaram já no ano de 1954 nas posturas que adotaram em relação à luta de libertação do povo argelino.

Que fez o Partido Comunista Francês para ajudar esta luta? Desenvolveu uma campanha propagandística e nada mais. Incumbia-lhe o dever de demonstrar com fatos o internacionalismo para com a luta de libertação do povo argelino, porque desta maneira lutaria também pela própria liberdade do povo francês. Mas não fez isto porque se inclinava a atitudes oportunistas, e nacionalistas. O Partido Comunista Francês foi inclusive mais longe, impediu que o Partido Comunista da Argélia se empenhasse na luta. Os fatos demonstraram que, quando a Argélia ardia sob o fogo da luta de libertação nacional, os comunistas argelinos cruzavam os braços, enquanto que o secretário geral do partido, Larbi Buhali, praticava esqui e quebrava uma perna nos **Tatra** da Tchecoslováquia.

Quando Kruschov e os kruschovistas começaram sua atividade no sentido da tomada do Poder e da degeneração capitalista da União Soviética, quando, em seu XX Congresso, lançaram sua ofensiva contra Stálin, pareceu que, no geral, o Partido Comunista Francês estava em oposição ao revisionismo kruschovista e ao Partido Comunista Italiano. Pelo visto, Thorez e a direção do seu partido observaram com receio as mudanças que se verificavam na União Soviética.

Isto se notou n as posições que assumiram em relação ao problema de Stálin, quando não aderiram às calúnias de Kruschov e também durante os acontecimentos na Polônia e na Hungria em 1956, quando em geral mantiveram atitudes corretas.

Todavia, uma vez que Kruschov e seu grupo liquidaram Molotov, Malenkov, Kaganovich e outros, consolidaram suas posições no partido e no Estado e deram livre curso às suas ações, viu-se que a direção do Partido Comunista Francês, com Thorez à frente, vacilava. De suas posições antikruschovistas foi passando, pouco a pouco e de concessão em concessão, às posições de Kruschov. Seria este um caso fortuito e um desvario de Thorez? Tratava-se acaso de um recuo deste, de Duclos e de outros dirigentes frente às pressões, elogios e adulações de Kruschov e frente a outros métodos putschistas do mesmo? Certamente, estes métodos foram utilizados e influíram na passagem e posteriormente na marcha irrefreável do Partido Comunista Francês rumo ao revisionismo. Mas isto não é tudo. Deve-se buscar as verdadeiras causas no próprio Partido Comunista Francês, em suas atitudes anteriores, em sua

estruturação e organização interna, em sua composição e na pressão que o ambiente externo exerceu sobre esse partido.

A evolução do Partido Comunista Francês para o revisionismo não se fez em um só dia. A quantidade converteu-se em qualidade num período relativamente longo. O Partido Comunista Francês foi levado às posições revisionistas pela via reformista e parlamentar e pela via da "mão estendida" de Thorez, devido à sua adoração e suas concessões a uma série de intelectuais, uma parte dos quais, depois de o terem traído, foram expulsos, enquanto que o restante continuou no partido e fomentou o derrotismo em suas fileiras, difundindo todo tipo de teorias que deturparam o marxismo-leninismo. O Partido Comunista Francês vivia cercado de um ambiente político-ideológico burguês, revisionista, trotskista e anarquista que golpeava incessantemente suas portas, abrindo brechas e causando-lhe graves danos.

Os grandes acontecimentos internacionais também fizeram estremecer o Partido Comunista Francês. A publicação do informe secreto de Kruschov contra Stálin, que foi explorada por toda a burguesia da Europa e do mundo, ocasionou transtornos ao Partido Comunista Francês. A atitude que este partido adotou frente aos acontecimentos da Hungria e da Polônia chocou-se com a severa oposição da grande burguesia francesa, da média burguesia, dos intelectuais liberais e dos oportunistas fora do partido e também em suas fileiras.

Os acontecimentos sucedidos na França com respeito à guerra da Argélia fizeram com que voltassem a emergir no Partido Comunista Francês e nele predominar os velhos pontos de vista e atitudes oportunistas.

Todos esse fatores, tomados em seu conjunto, transformaram o Partido Comunista Francês, que no passado era conhecido como um dos partidos de maior autoridade, num partido revisionista, reformista e social-democrata. Numa palavra, o Partido Comunista Francês retomou às antigas posições do velho partido socialista, do qual se havia separado no Congresso de Tours, em 1920.

Entre os partidos revisionistas que hastearam a bandeira do eurocomunismo, o mais fervoroso é o de Carrillo. Que aconteceu para que o Partido Comunista da Espanha, um partido que se destacou por sua resoluta atitude nos tempos da Frente Popular e da Guerra Civil, se unisse com os kruschovistas e acabasse na situação de decomposição, degenerescência e traição em que se encontra hoje? As mudanças não

se operaram nem se poderiam operar de um só golpe, sem um longo processo de decadência e degenerescência no interior do partido espanhol e em particular na sua direção.

Nos primeiros anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, a direção do Partido Comunista da Espanha e a maioria de seus membros residiam na França, onde levavam uma vida mais ou menos legal. Também o governo republicano espanhol se encontrava no exílio. Era a época em que os comunistas ainda estavam nos governos em países como a França e a Itália. Os comunistas espanhóis passaram a atuar da mesma maneira que seus companheiros franceses e italianos. Em 1946 voltou a ser formado em Paris o governo republicano espanhol no exílio. O Partido Comunista da Espanha enviou Santiago Carrillo como seu representante neste governo.

Quando, em maio de 1947, os ministros comunistas foram excluídos do governo na França e na Itália, também para o Partido Comunista da Espanha, para seus quadros e militantes, a situação começou a tornar-se difícil. Em agosto daquele ano os comunistas espanhóis foram expulsos do governo no exílio. Uma vez mais abateram-se sobre eles as medidas repressivas, as batidas policiais, as prisões. As infiltrações da polícia francesa e franquista nas fileiras dos comunistas e dos democratas espanhóis se tomaram mais intensas.

Para os dirigentes e os quadros do partido ficava cada vez mais difícil permanecer e trabalhar na França; por isso, transferiram-se para Praga, Berlim Oriental e outros países de democracia popular. Seu êxodo para estes países coincidiu mais ou menos com a época em que a imundície revisionista kruschovista começou a vir à tona na União Soviética e nos países; da Europa Oriental.

As reuniões do Comitê Executivo e do Comitê Central do Partido se realizavam agora muito longe da Espanha. Os comunistas, que haviam conhecido os rigores da Guerra Civil e da vida clandestina na Espanha, as dificuldades e as penúrias da vida no exílio na França, começaram a tomar gosto pelo luxo e pela comodidade dos castelos da Boêmia e da Alemanha, a conhecer as bajulações, os elogios, mas também as pressões de todo tipo dos revisionistas kruschovistas, dos **aparatchik** e dos agentes dos serviços secretos. Tal como os acontecimentos vieram a demonstrar, a direção do Partido Comunista da Espanha acabou tornando-se um dos mais dóceis e cegos instrumentos de Nikita Kruschov e das pessoas de seu grupo.

Em 1954 realizou-se o V Congresso do Partido Comunista da Espanha. Nesse congresso afloraram os primeiros elementos do espírito

pacifista e de conciliação de classes, do que pouco mais tarde constituiria a plataforma do revisionismo espanhol e que encontraria sua perfeita expressão na obra ultra-revisionista e traidora de Carrillo.

Adotando a via kruschovista de transição pacífica para o socialismo, o Comitê Central do Partido Comunista da Espanha, em junho de 1956, por ocasião do vigésimo aniversário da Guerra Civil, publicou um documento no qual formulava-se a política de "conciliação nacional". O Partido Comunista da Espanha se pronunciava por um acordo entre as forças que 20 anos atrás haviam combatido em formações opostas. "Uma política de vingança — afirma-se nessa declaração — não serviria para o país... sair da situação em que se encontra. A Espanha necessita de paz e de reconciliação entre seus filhos..."*

Os tempos das posturas resolutas dos comunistas espanhóis frente à ditadura de Primo de Rivera** e ao **pronunciamento** dos generais, posturas que haviam aumentado a influência do partido comunista entre as massas — e o haviam fortalecido e temperado — pertenciam ao passado. Chegava a hora da linha do oportunismo mais vulgar e das lisonjas e humilhações ante a burguesia e seus partidos, ante a igreja católica e o exército espanhol, linha que colocaria o partido de Dolores Ibarruri e Carrillo na categoria dos partidos tipicamente social-democratas.

Nós desconhecíamos os processos regressivos internos que se haviam operado no Partido Comunista da Espanha, mas na Conferência dos partidos comunistas e operários de Moscou, em novembro de 1960, quando o Partido do Trabalho da Albânia desmascarou abertamente o revisionismo contemporâneo e em particular o revisionismo soviético, encabeçado pelo traidor e renegado do marxismo-leninismo, Kruschov, o Partido Comunista da Espanha, e pessoalmente Ibarruri, atacaram-nos da forma mais torpe.

Quando era o momento de defender o marxismo-leninismo, os dirigentes do Partido Comunista da Espanha atacaram ferozmente o Partido do Trabalho da Albânia e saíram em defesa de Kruschov e de seu grupo traidor do marxismo-leninismo. O tempo confirmou que nosso Partido do Trabalho estava no caminho correto, no caminho marxista-leninista, enquanto que o Partido Comunista da Espanha, com Ibarruri à frente, tinha-se alinhado inteiramente no campo dos renegados e dos inimigos do comunismo.

---

* ***C. Colombo,*** **Storia del Partito Comunista Spagnolo,** ***Milano, 1972, p. 186-7.***

** ***O regime ditatorial-fascista de Primo de Rivera dominou na Espanha de 1923 a 1930.***

A partir de 1960, começaram a surgir no Partido Comunista da Espanha grandes disputas e divergências, que levariam à cisão do partido. Foi assim que se criaram duas frações revisionistas, antimarxistas: uma, pró-soviética, encabeçada por Lister; outra, que buscava independência face a Moscou para poder aplicar sua própria linha, a qual, posteriormente, tomaria o nome de eurocomunismo. À frente dessa segunda fração estavam Dolores Ibarruri e Santiago Carrillo.

A linha de Carrillo coincidia cada vez mais com a linha do Partido Comunista Italiano e com a do Partido Comunista Francês. Coincidia também com a linha da Liga dos Comunistas da Iugoslávia. Assim, começou a cristalizar-se uma unidade ainda não estruturada entre o titismo, o partido revisionista italiano, o francês e o espanhol de Ibarruri.

Num momento em que este agrupamento dos revisionistas da Europa Ocidental, incluindo Tito, ia tomando corpo e tratava de separar-se de Moscou, o Partido Comunista da China de Mao Tsetung recebia Carrillo em Pequim e mantinha com ele íntimas conversações. O conteúdo dessas conversações não se tomou público, mas o tempo está demonstrando que entre os revisionistas chineses e os espanhóis existem muitas coisas em comum. Por isso, não tardarão a estabelecerem-se relações oficiais e abertas entre o partido revisionista chinês e o espanhol.

As orientações políticas dos partidos revisionistas italiano e francês, seus objetivos, estratégias e táticas com vistas a estabelecer uma estreita colaboração com a burguesia reacionária e o Estado burguês capitalista, também foram adotados por Carrillo. Porém o Partido Comunista da Espanha ainda não tinha um **status** legal, razão pela qual Carrillo despenderia grandes esforços, quando Franco ainda era vivo, para conseguir sua legalização. Nem o franquismo nem Franco permitiram tal coisa. Após a morte de Franco, com a ascensão do rei Juan Carlos ao Poder, Carrillo conseguiu alguns resultados imediatos para a legalização do partido. Mas, para obtê-la, teve que fazer declarações e concessões de princípios de tal magnitude que nem sequer o Partido Comunista Francês e o Partido Comunista Italiano se haviam permitido fazer diante da burguesia capitalista de seus próprios países. Para entrar na Espanha e legalizar seu partido, Carrillo aceitou reconhecer o regime do rei Juan Carlos, tendo chegado inclusive a elogiá-lo e qualificá-lo de regime "democrático"; admitiu a monarquia e sua bandeira. Depois dessa submissão, os monarquistas lhe deram carta branca. O Partido Comunista da Espanha foi legalizado, Carrillo e Ibarruri regressaram à Espanha junto com todo o seu redil de traidores espanhóis.

Tão logo chegaram a Madri, os chefetes revisionistas renegaram abertamente a República e declararam que a Guerra da Espanha já havia passado à história. A coalizão com os outros partidos burgueses e a luta para entrar no governo foram proclamadas como o fundamento de sua linha. Nas diversas eleições que têm ocorrido na Espanha, o partido de Carrillo não tem conseguido mais que 9% dos votos e apenas umas poucas cadeiras no parlamento. Para Carrillo, isto tem-se constituído em "grandes vitórias democráticas que mudarão a imagem da Espanha". Mas, na realidade, os revisionistas espanhóis jamais serão capazes de branquear essa imagem, porque Ibarruri, Carrillo e seus aliados usam um sabão escuro e sujo. Atiraram pela janela a bandeira vermelha da revolução e pisotearam sem a menor vergonha o sangue derramado por dezenas e centenas de milhares de heróis da Guerra da Espanha.

Na transformação dos partidos comunistas dos países ocidentais em partidos reformistas e oportunistas, também desempenhou um importante papel a linha estabelecida pela direção revisionista soviética em suas relações com eles. O objetivo dos revisionistas kruschovistas da União Soviética era obrigar os partidos revisionistas dos diversos países a segui-los em sua política que visava estabelecer a hegemonia social-imperialista em todo o mundo. Queriam que estes partidos lhes prestassem seu apoio na ação diabólica que haviam empreendido.

Naturalmente, os fins hegemônicos e expansionistas dos social-imperialistas soviéticos não poderiam ser do agrado dos imperialistas norte-americanos e seus aliados. Mas tampouco os partidos revisionistas dos diversos países podiam estar de acordo com a política soviética. Instigados também pela burguesia de seus países, estes partidos começaram a desenvolver de forma cada vez mais aberta uma atividade discordante e independente do partido revisionista da União Soviética.

Os partidos revisionistas da Europa Ocidental, América Latina e Ásia, uns mais e outros menos, começaram a rebelar-se em cadeia contra a hegemonia soviética kruschovista, aparecendo ao mesmo tempo com toda uma série de novas teorizações antimarxistas. Entre estas teorizações, as mais completas e de maior publicidade que conseguiram destaque foram as "teorias" dos grandes partidos revisionistas da Europa Ocidental batizadas com o nome de eurocomunismo. Assim como o revisionismo titista e o kruschovista, também o eurocomunismo, desde que surgiu em cena, empreendeu uma luta frontal contra o marxismo-leninismo, com a finalidade de revisar seus princípios fundamentais e desacreditá-los ante os olhos dos trabalhadores.

Do oportunismo revisionista ao anticomunismo burguês

O eurocomunismo é uma variante do revisionismo contemporâneo, um conglomerado de pseudoteorias que se opõem ao marxismo-leninismo. Seu objetivo é impedir que a teoria científica de Marx, Engels, Lênin e Stálin continue sendo uma poderosa e infalível arma nas mãos da classe operária e dos autênticos marxistas-leninistas para destruir o capitalismo até os alicerces, sua estrutura e super-estrutura, para instaurar a ditadura do proletariado e construir a nova sociedade socialista.

Os revisionistas italianos definiram o eurocomunismo como "uma terceira via, que difere das experiências das social-democracias e das que se têm desenvolvido depois da Revolução de Outubro na União Soviética e em outros países socialistas". Esta "terceira via", como se indica nas teses do XV Congresso do Partido Comunista Italiano, é apresentada como "uma solução que se adapta às características nacionais e às condições da época atual, aos traços e às exigências essenciais que são comuns às sociedades industriais desenvolvidas, regidas por instituições democrático-parlamentares, como são hoje os países da Europa Ocidental".*

Assim, essa "terceira via", esse chamado eurocomunismo, como reconhecem os próprios eurocomunistas, nada tem a ver com o verdadeiro comunismo científico elaborado por Marx e Lênin, encarnado na Revolução de Outubro e em outras revoluções socialistas que vieram depois, e corroborado pela luta de classe do proletariado internacional. Com exatidão e certeza bem podemos denominar o eurocomunismo de revisionismo europeu número três.

Na atualidade, o Partido Comunista Francês, o Italiano e o Espanhol de comunistas só têm o nome, visto que os três nadam nas águas turvas da burguesia a que servem. Os programas dos partidos revisionistas dos países ocidentais são tipicamente reformistas, não se diferenciam em nada dos programas dos partidos burgueses, socialistas e social-democratas, os quais nadam nas mesmas águas. São precisamente estes últimos os que inspiram também os revisionistas. Seu objetivo não é a revolução proletária e a transformação socialista da sociedade, mas inculcar nas amplas massas a idéia de que se deve renunciar à revolução, desnecessária e inoportuna segundo eles. Então, que se deve fazer na sua opinião? "Mudar a vida", "modificar o modo de vida", "pensar nos

---

*** La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani, *Roma, 1979, p. 8-9.***

problemas do dia", "não atacar a atual sociedade capitalista", "realizar uma revolução cultural em vez de uma revolução proletária" — é o que repetem diariamente e a todas as horas esses partidos antimarxistas. "Viver melhor, defender o salário para que não o rebaixem, obter férias remuneradas, ter assegurado o posto de trabalho", "que mais vamos pedir?" — dizem aos operários. O partido revisionista italiano e o francês colocam estas questões em cada reunião, em cada congresso e com elas adormecem o proletariado e os trabalhadores para usurpar os seus votos.

O revisionismo clássico do tipo social-democrata integrou-se no revisionismo contemporâneo. Em diversas formas, ora abertas ora modificadas, as teorias de Bernstein e de Kautsky encontram-se no revisionista Browder, no revisionismo kruschovista, no revisionismo titista, no revisionismo francês e no revisionismo italiano togliattista, no chamado pensamento Mao Tsetung e em todas as demais correntes. Esta enxurrada de correntes antimarxistas que proliferam no atual mundo capitalista-revisionista constitui uma quinta coluna no seio da revolução mundial para prolongar a vida do capitalismo internacional, combatendo a revolução a partir de dentro.

A negação do marxismo-leninismo é o objetivo que o capitalismo e o imperialismo têm desejado e desejam alcançar. Hoje, o revisionismo contemporâneo os ajuda nesse caminho com todos os meios e maneiras, umas abertas, outras camufladas, com toda espécie de teorias e **slogans** filosóficos pseudocientíficos.

No XXII Congresso do Partido Comunista Francês, Marchais declarou que a transição para o socialismo seria feita sem luta de classes e que em sua edificação já não se precisaria da ditadura do proletariado. Marchais afirma que em seu "socialismo" terão acolhida os diversos partidos, inclusive os da reação. Assim, tanto para Brezhnev e Tito como para Marchais, em muitos países dominados pelo capital, o socialismo já teria começado a ser edificado a partir de agora; somente faltaria colocar na porta a placa: "país socialista".

Noutras palavras, dado que ao socialismo todos afluem de maneira espontânea, como pregam os revisionistas, o marxismo-leninismo, como ciência da revolução e do socialismo já não serve a ninguém. Agora pertence ao passado, portanto deve ser abandonado.

Os diversos revisionistas dizem que o marxismo-leninismo "está antiquado", que não tem condições de resolver os problemas que se colocam à sociedade desenvolvida de hoje, que não pode adaptar-se à civilização atual. Segundo eles, a sociedade atual absorveu do marxismo-

leninismo tudo o que podia absorver e este entrou no rol das velhas filosofias como o kantismo, o positivismo, o irracionalismo bergsoniano e demais filosofias idealistas. O ultra-revisionista Milovan Gilas declara sem rebuços que o marxismo-leninismo, uma filosofia elaborada no século XIX, não pode ter nenhum valor já que a ciência atual está muito mais avançada do que a ciência e a filosofia do século passado.

Discorrendo por esta via, os revisionistas italianos, franceses e espanhóis vêm empreendendo grandes esforços ao longo dos dois ou três últimos anos para formular teoricamente seus pontos de vista e suas atitudes oportunistas — o eurocomunismo, como eles o denominam — e atribuir-lhes o caráter de uma doutrina política e ideológica própria, que representaria um "novo desenvolvimento do marxismo". Nos últimos congressos desses partidos e nos programas que adotaram, o eurocomunismo adquiriu uma forma completa e definida. Esses três partidos renunciaram oficialmente ao marxismo-leninismo. Para os franceses de Marchais, que consideram a teoria de Marx como uma teoria de conceitos áridos e dogmáticos, como um sistema acabado de preceitos imutáveis, a nova "teoria" que criaram tem "suas fontes — dizem eles — nas correntes filosóficas e políticas de nossa nação".* Evidentemente os revisionistas franceses não se referem às contribuições filosóficas progressistas e revolucionárias, que Marx introduziu de maneira crítica em sua obra, mas precisamente às idéias que desmascarou e rechaçou e que agora os revisionistas estão fazendo suas.

Se os revisionistas renunciam em seus estatutos, programas e demais documentos a toda e qualquer referência ao marxismo-leninismo, isto não tem apenas o caráter formal de sancionar aquilo que há muito tempo já havia sido consumado na prática. Tampouco significa unicamente executar a vontade da burguesia, atender aos seus apelos dirigidos aos partidos revisionistas para que evitem mencionar o "fantasma do comunismo". Nem é simplesmente uma ação que expressa, de maneira oficial, a passagem aberta do revisionismo contemporâneo às posições ideológicas da social-democracia européia. A renúncia por parte dos partidos revisionistas a toda referência ao marxismo-leninismo, que até hoje utilizavam como máscara para enganar os trabalhadores, demonstra que começaram a declarar-lhe uma guerra aberta a partir das posições do anticomunismo burguês. O fato é que são precisamente os eurocomunistas que, no plano ideológico, mantêm a bandeira da luta

* **Cahiers du communisme,** ***junho-julho, 1979, p. 392.***

contra o marxismo-leninismo, o socialismo e a revolução. A publicidade que a grande imprensa burguesa, os trustes de publicações, o rádio e a televisão têm dedicado aos artigos, livros, discursos e congressos dos revisionistas é realmente surpreendente. Tipos como Berlinguer, Marchais, e inclusive Carrillo, têm sido transformados pela grande máquina propagandística em personagens que levam vantagem não só das "estrelas" do cinema, como também do papa e dos chefes de Estado dos maiores países. Jornalistas e escritores os seguem a cada passo, pescando suas palavras antes que caiam de seus lábios para publicá-las em letras maiúsculas nas primeiras páginas dos jornais.

Toda esta publicidade, todo este ruído, testemunham o grande júbilo da burguesia, que neles encontrou zelosos servidores dispostos a combater o comunismo a partir da esquerda, como eles dizem, em momentos em que as armas do anticomunismo declarado estavam enferrujadas e imprestáveis. Na situação de dificuldades que o capital atravessa, nada melhor e mais eficaz poderia encontrar, do que o serviço que os revisionistas lhe prestam. Por isso são totalmente compreensíveis e justificáveis os elogios que a burguesia reserva à demagogia, às mentiras, às especulações teóricas e à atividade prática com que os revisionistas manobram para iludir e desorientar os trabalhadores.

Concepção burguesa da sociedade burguesa

Os eurocomunistas tratam de criar uma falsa imagem da sociedade capitalista atual e de suas contradições, de apresentá-la como uma sociedade que alcançou tal grau de desenvolvimento, desde a época de Marx, Engels, Lênin e Stálin, que as análises e os ensinamentos fundamentais destes sobre ela "foram superados e invalidados".

Para eles esta sociedade é como um todo único e já não distinguem sua polarização em proletários e burgueses, não consideram a contradição fundamental que existe entre estas duas classes e, por conseguinte, não vêem na luta de classes a principal força motriz desta sociedade. Para os eurocomunistas, naturalmente, existem algumas contradições que qualificam de contradições próprias "do desenvolvimento", "do progresso", "do bem-estar", "da democracia" etc. Estas contradições, segundo eles, teriam vindo substituir as velhas contradições, sobretudo a existente entre o trabalho e o capital, sobre a qual repousa toda a teoria marxista-leninista acerca do papel e da missão histórica do proletariado, acerca da revolução, da ditadura do proletariado e do socialismo.

Hoje, dizem eles, deixou de existir o proletariado dos tempos de Marx e Lênin, as classes mudaram e já não são as que estes conheceram e das quais falaram. Atualmente, dizem os eurocomunistas, também a classe burguesa, como classe, se diluiu, seus componentes se transformaram em "trabalhadores" e toda a riqueza tem-se concentrado em mãos de uma pequena camarilha capitalista, que conserva e defende esta propriedade. Marchais, por exemplo, "descobriu" que hoje na França a burguesia "como tal" ficou reduzida a 25 grupos financeiros e industriais; o restante são "trabalhadores". Por conseguinte — enfatizam os renegados revisionistas — o Estado burguês capitalista atual modificou-se, posto que se modificaram a própria sociedade e as classes. Portanto, argumentam eles, Marx e Lênin, que não conheceram o Estado capitalista atual, totalmente diferente daquele de sua época, preconizariam para o proletariado outro papel, diferente do atual, outro método para a tomada do Poder, outro sistema de luta para passar ao socialismo.

Os revisionistas eurocomunistas consideram que hoje todas as classes e camadas da sociedade capitalista e em particular a intelectualidade se igualaram ao proletariado. À exceção de um punhado de capitalistas, para eles, todos os demais, indistintamente, exigem mudar a sociedade, de uma sociedade burguesa para uma sociedade socialista. E para chegar a tal, segundo os eurocomunistas, é preciso reformar a velha sociedade e não pô-la abaixo.

Assim, pois, deixam correr sua fantasia para dizer que se deve tomar o Poder de modo gradual através de reformas, desenvolvendo a cultura e com urna estreita colaboração entre todas as classes sem exceção alguma, tanto das que têm o Poder como das que não o têm.

Todos os revisionistas coincidem com Marcuse, que, ao referir-se ao proletariado norte-americano, pretende "demonstrar" que na "avançada sociedade industrial" norte-americana não existe um proletariado tal como MARX o concebia, mas que este proletariado já passou à história.

Para Marcuse, Garaudy, Berlinguer, Carrillo, Marchais e todos os seus parceiros isto significa que a "sociedade de consumo", a "sociedade industrial desenvolvida" não só modificou a forma da velha sociedade capitalista, como também nivelou as classes e, como declarou o próprio George Marchais, agora "não podemos falar de proletariado francês mas sim da classe operária francesa".

Marx assinalava que por

> "... **proletário**, *na acepção econômica da palavra, deve entender-se unicamente o operário assalariado, que produz e aumenta 'o capital' e que é atirado à rua logo que se toma supérfluo para as exigências do crescimento do valor do 'senhor capital'..."**

Que ocorreu na França para que Marchais já não veja ali proletários? Acaso deixaram de existir os operários assalariados, que produzem a mais-valia e aumentam o capital? Será que já não existem desempregados que o "senhor capital" atira à rua como excedentes?

Na Albânia socialista, isto sim, já não existe o proletariado no sentido que esta noçâo adquire nos países capitalistas, porque a classe operária em nosso país tem o Poder estatal em suas mãos, é dona dos principais meios de produção, não é oprimida nem explorada, trabalha em liberdade para si e para a sociedade socialista.

De forma totalmente diferente coloca-se a questão nos países capitalistas, onde a classe operária é despojada dos meios de produção e para viver é obrigada a vender sua força de trabalho e a submeter-se à exploração capitalista que não cessa de se intensificar. Nesses países o proletariado, além de ser ferozmente oprimido e explorado até a medula, sofre a repressão do exército e da polícia da burguesia. Nos Estados capitalistas o proletariado, embora vista roupas de nylon, produzidas pela sociedade de consumo, de fato continua sendo proletariado.

Não é sem objetivo que os revisionistas contemporâneos mudam o nome do proletariado. Se se fala do proletariado, que no capitalismo possui tão somente sua força de trabalho, entende-se que este deve lutar contra seus exploradores e opressores. Precisamente esta luta, que tem por objetivo destruir o velho Poder do capital até os alicerces, aterroriza a burguesia, e aqui, neste terreno, é onde os revisionistas a ajudam com todos os meios ao seu alcance.

A negação da existência do proletariado como classe em si, como a classe mais avançada da sociedade, e à qual a história reservou a gloriosa missão de acabar com a exploração do homem pelo homem e de edificar a nova sociedade, verdadeiramente livre, fundada na igualdade, uma sociedade justa e humana, não é algo novo. Isto foi preconizado pelos diversos oportunistas também na época em que o marxismo nascia como doutrina filosófica e movimento político. Marx e Engels

* ***K. Marx,* O Capital,** ***ed. albanesa, t. I, livro terceiro, p. 74.***

varreram estes pontos de vista e proporcionaram ao proletariado armas e argumentos para combater não só aqueles oportunistas, como também os demais lacaios da burguesia, os que futuramente se transformariam em apologistas do capitalismo, como é o caso hoje dos revisionistas contemporâneos.

Um dos maiores méritos do marxismo é o de ter visto no proletariado não somente uma classe oprimida e explorada, mas também a classe mais progressista e mais revolucionária da época, a classe a que a história havia reservado a missão de coveira do capitalismo. Marx e Engels explicaram que esta missão emanava das próprias condições econômicas e sociais, do lugar que o proletariado ocupa e do papel que desempenha no processo de produção e na vida política e social, do fato de ser a classe portadora das novas relações da sociedade socialista do futuro, que conta com sua própria ideologia científica que lhe ilumina o caminho e com seu Estado-Maior dirigente, o partido comunista.

Não obstante as mudanças que se têm produzido no desenvolvimento econômico e na composição social da sociedade capitalista, as condições gerais de existência, trabalho e vida do proletariado também hoje continuam sendo as que Marx analisou. Nenhuma outra classe ou camada social conseguiu suplantar o proletariado como a força principal e dirigente dos processos revolucionários para a transformação progressista da sociedade.

Os ensinamentos de Marx em relação a estas questões conservam todo o seu valor. O proletariado encontra sua arma espiritual na teoria marxista, do mesmo modo que esta teoria encontra no proletariado sua arma material. Marx disse que o proletariado é o coração da revolução, enquanto que a filosofia é seu cérebro. Para o proletariado mundial, *O Capital* de Marx é o farol que lhe indica cientificamente de que maneira e de que forma a burguesia o explora. O capitalista aprisiona o proletariado nas fábricas e nas máquinas, mas *O Capital* lhe ensina a romper as amarras.

As teses revisionistas sobre a mudança da natureza do proletariado e de sua missão histórica existem há muito tempo nos partidos comunistas dos países do Ocidente. Porém, foi Roger Garaudy quem primeiro as apresentou pública e oficialmente. Garaudy foi um dos primeiros "teóricos" revisionistas que desenvolveu a teoria segundo a qual já não se pode falar de pauperização do proletariado francês e que agora as diversas classes e camadas da população marcham para sua fusão e unificação.

A tese de Garaudy, hoje reiterada e aplicada pelos demais revisio-

nistas, sustenta que "na situação atual a revolução violenta já não é necessária, porque os operários, de um modo gradual, estão participando ativamente nos lucros das grandes empresas capitalistas, que já não são dirigidas pelos proprietários burgueses, mas por técnicos que têm ocupado o lugar destes". Trata-se de um grande blefe, pois estes técnicos e especialistas estão sob as garras de uma só direção, são servidores dos grandes trustes e monopólios capitalistas, estes sim, os verdadeiros donos dos meios de produção.

No mundo capitalista, apesar das mudanças processadas na estrutura social de classes nada tem mudado quanto às posições das classes e às relações entre elas. A teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin sobre as classes e a luta de classes na sociedade burguesa permanece jovem e atual.

Com a "teoria" de Garaudy apareceram no Ocidente uma série de outras "teorias" similares, fabricadas tanto pelos "novos" pseudofilósofos franceses, como por seus colegas alemães, norte-americanos, italianos etc. Todas essas teorias levam o selo do revisionismo, do trotskismo, do anarquismo e da social-democracia. Chegou o momento em que todas estas teorias se converteram inteiramente em propriedade privada dos partidos revisionistas francês, italiano, espanhol, inglês etc., os quais coletaram e codificaram de maneira vulgar todo esse lixo do revisionismo e do oportunismo.

A vida diária, a luta da classe operária, desmascarou e desmascara constantemente estas teorias, revelando seu objetivo reacionário e contra-revolucionário. A experiência confirma que a classe operária empobrece a medida que os capitalistas enriquecem, demostra outrossim que ela compreende devidamente a afirmação de Marx, segundo a qual o operário depaupera-se à medida que mais riquezas produz; que o operário se converte numa mercadoria de menor valor à medida que mais mercadorias cria; que o proletariado não pode salvar-se da exploração sem apoderar-se dos meios de produção, sem destruir o Poder da burguesia.

Hoje os revisionistas contemporâneos, como Marchais, Berlinguer, Carrillo e companhia rechaçam estas concepções científicas de Marx. Atualmente, dizem eles, deixou de existir o processo de pauperização relativa e absoluta do proletariado, devido ao desenvolvimento da revolução técnico-científica e às conquistas que os operários conseguiram através das reformas. Querem dizer aos proletários que com as esmolas que o capitalismo lhes dá podem cobrir todas as suas exigências e necessidades, e, portanto, não têm porque se lançar à revolução.

Outros "teóricos" revisionistas, vendo-se ante os indiscutíveis fatos da vida, declaram que embora seja certo que Marx tenha-se referido à exploração da classe operária, isto é válido tanto para os países capitalistas, como para os países socialistas. Como conseqüência, a classe operária não tem porque levantar-se contra a exploração capitalista, visto que desta jamais poderia libertar-se! Trata-se de uma tergiversação da realidade e uma calúnia. A posição da classe operária no capitalismo e no socialismo é diametralmente oposta.

Nos países capitalistas e revisionistas o operário não é livre nem no trabalho nem na vida. É escravo da máquina, do capitalista, do tecnocrata, que exploram sua força de trabalho criando a mais-valia para o capital. Somente no verdadeiro regime socialista, onde a classe operária está no Poder, os ensinamentos de Marx, devidamente aplicados, permitem ao proletariado tomar consciência e tomar-se plenamente dono dos meios de produção e conquistar, através de sua ditadura, todas as liberdades e todos os direitos democráticos, políticos e econômicos.

Na sociedade burguesa, o determinante é manter a classe operária aprisionada com as cadeias econômicas do capital. Sobre esta escravidão repousa todo o sistema capitalista. Porém, os teóricos burgueses e revisionistas, na sua incapacidade de refutar esta grande verdade, ou seja, a exploração econômica, questão que Marx abordou e que é algo primordial, procuram eclipsá-la e interpretá-la lançando mão de uma série de teses e concepções sutis e falsas. Estes "teóricos", na impossibilidade de negar a sujeição do operário ao capital, pregam que na época atual não seria necessário ressaltar em que medida o proprietário esmaga e escraviza o homem no regime capitalista: ao contrário, tentam convencer o operário de que obterá benefícios de sua ligação com o capital, e que isto lhe permite subsistir. Seu objetivo é afastar o proletariado da luta de classe contra o capitalismo, tratando de centrar sua atenção nas "vantagens" da "sociedade de consumo".

Para desviar a atenção da opressão e da exploração econômica, os revisionistas contemporâneos inventaram uma série de falsas teses. Dão uma grande publicidade à sua tese de que na "sociedade de consumo" o operário desfruta de tantas coisas que passa a ver os problemas econômicos em último plano. Suas preocupações quase exclusivas seriam as questões da religião, da família, da mulher, do televisor, do carro etc., que, segundo eles, fizeram com que o problema da exploração econômica deixasse de ser o problema básico da luta de classes e da revolução. Tudo isto se faz para jogar água no vinho, para afastar as massas trabalhadoras de sua luta pela derrocada da ordem burguesa.

Abandonando o marxismo-leninismo e desejosos de criar uma nova "teoria" que se distinga, em todas as questões fundamentais, da doutrina de Marx e Lênin, os eurocomunistas se vêem envoltos em grande confusão e perplexidade, numa incoerência e numa contradição profundas. Praticamente já não estão em condições de explicar nenhuma das contradições atuais do mundo capitalista, nem de dar respostas aos problemas que delas emana. É certo que falam de fenômenos tais como "crise", "desemprego", "degradação e degenerescência" da sociedade burguesa, porém não passam das constatações gerais que ninguém nega, nem sequer a própria burguesia. De maneira consciente, tratam de encobrir a causa destes fenômenos — a feroz exploração capitalista — e não mostrar que esta só poderá desaparecer por meio da revolução, derrubando as velhas relações que mantêm de pé o sistema de opressão capitalista.

Com suas teses sobre a "extinção da luta de classes" resultante das "mudanças essencias" que a sociedade capitalista supostamente sofreu graças ao desenvolvimento das forças produtivas, da revolução técnico-científica, da "reestruturação do capitalismo" etc; com suas prédicas a respeito da necessidade de estabelecer uma ampla colaboração de classes, dado que agora estariam interessadas no socialismo não apenas a classe operária e as demais massas trabalhadoras, como também quase todas as camadas da burguesia à exceção de um pequeno grupo de monopolistas; com sua pretensão de que se pode passar ao socialismo através de reformas, posto que a sociedade capitalista de hoje se desenvolveria pela via da integração pacífica no socialismo etc., os eurocomunistas convergiram não só na teoria, mas também na atividade prática, com a velha social-democracia européia, fundiram-se numa só corrente contra-revolucionária a serviço da burguesia.

A atitude em relação à classe operária e seu papel dirigente tem sido sempre um ponto de referência para todos os revolucionários. A renúncia à hegemonia do proletariado no movimento revolucionário — ressaltava Lênin — é o aspecto mais vulgar do reformismo. Mas esta qualificação de Lênin não intranqüiliza os revisionistas italianos; inclusisve estes exaltam seu reformismo com tanto ardor e grandiloqüência que realmente se tomam ridículos. "O próprio papel dirigente da classe operária no processo de superação do capitalismo e de construção do socialismo — declaram eles — pode e deve ser desempenhado por meio de uma colaboração e de um entendimento entre os diferentes partidos e correntes que aspiram ao socialismo e nos limites de um sistema democrático, no qual desfrutem de plenos direitos todos os partidos constitu-

cionais, inclusive os que não querem a transformação da sociedade no sentido socialista e se opõem a ela, naturalmente sempre respeitando as regras democráticas constitucionais".*

Esta visito "marxista original", acrescentam os berlingueristas, não é uma nova descoberta, mas sim um desenvolvimento do pensamento de Labriola e de Togliatti. Neste caso, eles mesmos indicam a origem de suas idéias. Cabe, entretanto, acrescentar que Labriola, que tentam apresentar como um clássico, não foi um marxista conseqüente. Manteve-se muito afastado da atividade revolucionária e dos problemas da revolução. Quanto a Togliatti, sua obra demonstra que foi um desviacionista e um oportunista.

Tomando como referência Labriola ou Togliatti, os revisionistas italianos e seus companheiros da França e da Espanha querem jogar no esquecimento a teoria de Lênin sobre a necessidade da hegemonia do proletariado na revolução e na edificação do socialismo.

Em toda a sua genial obra, Lênin defendeu e desenvolveu a teoria de Marx sobre a hegemonia do proletariado na revolução, abandonada pelos social-democratas europeus. Os pontos de vista social-democratas a esse respeito foram agora ressuscitados pelos revisionistas. Lênin demonstrou que nas condições do imperialismo, a hegemonia do proletariado é indispensável não só para a revolução socialista, mas também para a revolução democrática. Explicou que a instauração desta hegemonia é indispensável, porque o proletariado, mais que qualquer outra classe social, está interessado na completa vitória da revolução, em levá-la até o fim. Armado com a teoria de Lênin, o proletariado lançou-se à revolução e triunfou, enquanto as teorias que os revisionistas preconizam deixam-no sob a opressão da burguesia.

A teoria leninista sobre a incontrastável hegemonia da classe operária tem encontrado uma brilhante confirmação e aplicação na realização da revolução e no triunfo do socialismo também na Albânia. Para os comunistas albaneses estava claro desde o início que somente um partido, o Partido Comunista, poderia conduzir a Luta de Libertação Nacional à completa vitória. Que somente uma classe — a classe operária — poderia ser hegemônica nesta luta, que seu principal aliado seria o campesinato pobre e médio, que a juventude e os estudantes seriam o principal sustentáculo do Partido e junto com a mulher albanesa constituiram as camadas combativas da revolução popular.

*** La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani, *Roma, 1979, p. 15-16.***

Seu reduzido tamanho em termos numéricos não impediu que a classe operária desempenhasse na Albânia o seu papel hegemônico, pois tinha à sua frente o Partido Comunista, que se guiava pelos ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin. A correta linha do nosso Partido, que correspondia às situações do momento e aos interesses das amplas massas trabalhadoras, materializou-se na grande união do povo em torno da classe operária numa só frente sob a direção exclusiva e indivisível do Partido Comunista.

A justa linha e direção acertada do nosso Partido conduziram à ampliação da luta, que foi crescendo gradualmente até adquirir a forma de uma insurreição geral, de uma vasta guerra popular, até à libertação da Albânia e a instauração do Poder popular.

Negando o papel hegemônico e dirigente da classe operária na revolução e na edificação do socialismo, os eurocomunistas tampouco poderiam deixar de abandonar o papel e a missão do partido comunista, tal como foram definidos pelo marxismo-leninismo e confirmados pela longa história do movimento revolucionário e comunista mundial.

Nas teses do XV Congresso do Partido Comunista Italiano assinala-se que agora foi construído o **partido novo**. Em que consiste este **partido novo**? "O Partido Comunista Italiano — afirma-se em seus estatutos — organiza os operários, os trabalhadores, os intelectuais, os cidadãos que lutam, **nos marcos da Constituição republicana** pelo fortalecimento e desenvolvimento do regime democrático antifascista, pela renovação socialista da sociedade, pela independência dos povos, pela distensão e pela paz, pela cooperação entre todas as nações... No Partido Comunista Italiano, diz-se mais adiante, podem ingressar os cidadãos que completaram a idade de 18 anos e que, independentemente da raça, das **convicções filosóficas** e do credo religioso, aceitam seu programa político e se entregam à ação para realizá-lo militando em uma organização do partido".*

Citamos este extenso artigo dos estatutos do partido revisionista italiano, que são quase idênticos aos dos partidos revisionistas francês e espanhol, para que se veja até que ponto os revisionistas eurocomunistas se afastaram dos conceitos de partido leninista e se têm aproximado dos modelos dos partidos socialistas e social-democratas. Ao falar de **partido novo**, os revisionistas eurocomunistas tratam de diferenciar-se do partido de tipo leninista; mas, de fato, seu partido, ao qual qualificam de novo, é senão um **partido velho** do tipo dos da II Internacional, que Lênin combateu e sobre cujos escombros edificou o Partido Bolche-

* **La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani, *Roma, 1979, p. 153.***

vique, que se converteu em exemplo e modelo para todos os demais partidos autenticamente comunistas.

A disposição que encabeça estes estatutos, de que no partido poderá ingressar quem quiser, independentemente de suas concepções filosóficas e credos religiosos, dispensa comentários para demonstrar que a filosofia de Marx é estranha a este partido, que seu ecletismo é bem notório, que a linha dos compromissos de todo tipo orienta sua estratégia — para não falar de suas táticas — que o Partido Comunista Italiano é um partido liberal, social-democrata, com linha, política e atitudes conjunturais. Algumas vezes, essa sua política liberal lhe proporciona votos, mas não lhe dá o Poder, proporciona-lhe elogios por parte da burguesia e a simpatia dos padres e dos monges.

A idéia fundamental de Lênin sobre o partido consiste em que este deve ser um destacamento de vanguarda consciente da classe operária, seu destacamento marxista.

> *"... somente um partido dirigido por uma teoria de vanguarda, dizia Lênin, pode cumprir a missão de combatente de vanguarda".* *

Esta teoria de vanguarda, revolucionária e guia seguro para conquistar a vitória, é o marxismo. Os revisionistas não só abandonaram o requisito fundamental — aceitação do marxismo — para ser um partido comunista, mas também permitem em seus partidos a coexistência — e sancionaram isto também em seus estatutos — de todas as concepções filosóficas, burguesas, oportunistas, reacionárias ou fascistas. O que caracteriza os partidos comunistas, o que os distingue, é o marxismo-leninismo, sua única ideologia, pela qual se regem e a qual se atêm com fidelidade em toda a sua atividade. Sem o marxismo-leninismo não pode haver partido comunista.

Os autênticos partidos comunistas são partidos da revolução e da edificação do socialismo, enquanto que os chamados partidos comunistas italiano, francês, espanhol e outros de mesma espécie são partidos das reformas burguesas. Os primeiros são partidos que têm a missão de destruir o regime burguês e construir o mundo novo; os segundos são partidos de defesa do regime capitalista e da conservação do velho mundo.

A época em que combatia os oportunistas para construir o Partido Bolchevique, Lênin dizia:

---

* ***V. I. Lênin,*** **Obras,** ***ed. albanesa, t. 5, p. 435-436.***

*"... dai-nos uma organização de revolucionários e abalaremos a Rússia até os alicerces". **

Lênin edificou um partido deste tipo e conduziu a classe operária russa à gloriosa vitória da Revolução de Outubro.

Pois bem, aonde os revisionistas de Berlinguer pretendem levar a classe operária italiana? "Lutemos — afirmam — nos limites da Constituição republicana". E a burguesia lhe diz: "dentro dos limites de minha Constituição, lutem à vontade, isto pouco me importa". Para defender sua Constiuição, suas leis e suas instituições, a burguesia mantém de pé o exército, a polícia, os tribunais etc. Presentemente o partido revisionista, que luta para manter a classe operária oprimida e subjugada, para corrompê-la no plano ideológico e desorientá-la no plano político também cerra fileiras ao lado da burguesia. Este partido transformou-se numa instituição do Poder burguês para apagar o espírito revolucionário da classe operária, eclipsar-lhe a perspectiva socialista, impedir que se tome consciente da lamentável situação em que se encontra e se levante numa luta decidida para derrocar a burguesia.

O "socialismo" dos eurocomunistas é o atual sistema capitalista

Como os eurocomunistas concebem o socialismo? Embora, por demagogia, vejam-se obrigados a falar em socialismo, o "socialismo" que querem construir é um blefe e pura mistificação.

Sabe-se que têm especulado com a idéia do socialismo, não apenas agora, mas também no passado, muitos filósofos e correntes ideológicas burgueses e pequeno-burgueses. Em tomo do socialismo têm sido elaborados muitos esquemas utópicos e têm-se feito infinitas especulações. Marx rechaçou todas as velhas formas de socialismo e ensinou o proletariado mundial a se organizar e lutar para instaurar a nova ordem social baseada no autêntico socialismo científico.

Já no primeiro documento programático do marxismo, *no Manifesto Comunista,* Marx e Engels submeteram a uma crítica multilateral as diversas teorias pseudosocialistas: o "socialismo feudal", o "socialismo pequeno burguês", o "socialismo verdadeiro" alemão, o "socialismo conservador ou burguês". Revelaram sua essência de classe como teorias anticientíficas a serviço dos interesses da burguesia. Na luta contra as

---

* ***V. I. Lênin,*** **Obras,** ***ed. albanesa, t. 5, p. 555.***

teorias burguesas e pequeno-burguesas, oportunistas e anarquistas, que obstaculizavam a emancipação do proletariado e sua luta, o *Manifesto* indicava à classe operária que somente poderia salvar-se da opressão e da exploração burguesa através da revolução e da ditadura do proletariado, que não poderia emancipar-se sem emancipar ao mesmo tempo toda a sociedade.

A história tem confirmado que depois do advento do marxismo, qualquer outra corrente ideológica que se tenha apresentado com bandeiras socialistas tem-se transformado, no processo da luta de classes, em uma corrente reacionária. Somente o marxismo dá a idéia exata da autêntica sociedade socialista. Nenhum socialismo pode ser empreendido nem edificado sem apoiar-se nesta teoria.

A primeira grande confirmação da teoria marxista formulada no *Manifesto Comunista* foram os acontecimentos revolucionários dos anos 1848-1849, que estremeceram toda a Europa.

As revoluções não somente abrem o caminho ao progresso social, mas também se convertem a todo momento no sepulcro das doutrinas falsas, utópicas, revisionistas etc. Assim ocorreu também com as doutrinas do "socialismo burguês", do "socialismo pequeno-burguês" etc., que foram sepultadas pelas revoluções dos anos 1848-1849.

O maior mal destas doutrinas chamadas socialistas foi o de ignorar inteiramente a luta de classe revolucionária do proletariado e de imaginar o socialismo como a realização de tal ou qual sistema inventado por um ou outro "teórico". Disto vinham todas as ilusões de que a criação de associações respaldadas pelo Estado, a limitação do direito à herança, a aplicação de impostos progressivos, conduziriam gradual e pacificamente ao socialismo. Este "socialismo doutrinário" era o que preconizavam Proudhon e Luis Blanc, os socialistas "verdadeiros" alemães e os comunistas utópicos como Weitling, Cabet, Dezamy e outros.

A classe operária — diz Marx — dá de presente à pequena-burguesia, este socialismo doutrinário, enquanto que

> "... **o proletariado** *vai agrupando-se mais em tomo do* **socialismo revolucionário**, *em tomo do* **comunismo**... *Este socialismo, prossegue Marx, é a* **declaração da revolução permanente**, *da* **ditadura de classe** *do proletariado como ponto necessário de transição para a* **supressão das diferenças de classe em geral**, *para a supressão de todas as relações de produção em que estas repousam, para a supressão de todas as relações*

*sociais que correspondem a estas relações de produção, para a subversão de todas as idéias que brotam destas relações sociais". **

Atualmente, os novos proudhonistas como Georges Marchais, Enrico Berlinguer, Santiago Carrillo e outros se esforçam para impor ao proletariado europeu ocidental as velhas filosofias que Marx havia rechaçado, ainda que hoje estejam disfarçadas com diversas roupagens. Todos os revisionistas pretendem iludir as massas com suas "teorias", despojando o marxismo precisamente de suas bases científicas. Não se trata senão de uma falácia quando dizem de si mesmos que "são objetivos no conhecimento das leis que impulsionam a sociedade para diante"! Na realidade, os revisionistas se converteram em lacaios da "sociedade de consumo", criada pela burguesia capitalista e imperialista para obter o máximo de lucros atrave's da exploração da classe operária e de todas as demais massas trabalhadoras. Por sua vez, estes revisionistas desejam receber algo da mais-valia que se arranca do proletariado de seus países.

Saber o que é o socialismo, o que é a sociedade socialista, o que ela representa e realiza, não é uma questão relacionada apenas com o futuro, mas uma realidade concreta, toda uma prática histórica, um sistema social concreto. O autêntico socialismo científico, preconizado pelos grandes gênios da revolução, Marx, Engels, Lênin e Stálin, realizou-se e existiu durante um longo tempo na União Soviética e em muitos outros países que foram socialistas, existe e progride na Albânia socialista. Os atuais esforços dos eurocomunistas para "provar" que o socialismo verdadeiro jamais existiu em parte alguma, que a sociedade socialista edificada na União Soviética por Lênin e Stálin foi uma "deformação do socialismo" e inclusive um "fracasso" dos conceitos e das concepções que Marx e Lênin tinham sobre o socialismo, não são mais que expressões de sua hostilidade ao comunismo, de seu desejo de conservar intata a sociedade burguesa existente.

Para chegar à negação do socialismo, os revisionistas italianos, franceses e espanhóis, têm percorrido um longo caminho. No início pretendiam que o socialismo na União Soviética se dividia em duas partes, em um "socialismo leninista", que era bom, justo, mas estava sujeito às condições históricas particulares da Rússia czarista e, portanto, era inadequado para os países capitalistas desenvolvidos; e

---

* ***K. Marx e F. Engels,*** **Obras Escolhidas*****, ed. albanesa, Tirana, 1975, t. I, p. 226.***

em um "socialismo stalinista", mau, porque era supostamente uma adulteração do primeiro, um socialismo deformado, burocratizado etc. Esta evolução na maneira de julgar não é casual. Se se aceitasse a "experiência leninista", ainda que somente com reservas, se se aceitasse, por exemplo, a justeza da utilização da violência revolucionária para a tomada do Poder, então não haveria espaço para o "modelo" eurocomunista do socialismo. A teoria de Lênin sobre a revolução e a construção do socialismo, que é um desenvolvimento ulterior dos ensinamentos de Marx, é tão completa, tão coerente, tão científica e lógica que, ou se a aceita tal como é, ou não se a aceita em absoluto. Esta teoria não pode ser fragmentada sem que se corra o risco de cair em contradições irreconciliáveis e em autênticos absurdos.

Assim, os eurocomunistas agora não só se colocam contra Stálin, mas também abandonaram o leninismo acreditando haver encontrado a salvação e o caminho para divulgar o "socialismo eurocomunista". Mas se eles renunciaram ao leninismo, o proletariado não o fará. O leninismo é uma ciência viva, é a ideologia combativa do proletariado, é a bandeira da revolução e da edificação do socialismo. O leninismo é a poderosa arma com que os autênticos revolucionários, todos os que amam o comunismo e se batem pelo socialismo, lutam contra todos os inimigos, contra a burguesia e seus colaboradores. O leninismo é o espelho que revela a verdadeira face dos eurocomunistas e de todos os demais revisionistas, que põe a nú a falsidade de suas teorias oportunistas, demonstra sua atividade reacionária contra o proletariado, o socialismo, a causa dos povos.

Para encobrir o descontentamento das bases de seus partidos, as suspeitas que despertam suas "teorias" sobre o "socialismo" e em geral suas teses confusas e contraditórias, os eurocomunistas declaram que seu socialismo não representa ainda um "modelo", que não é algo claro e definido, mas simplesmente "a necessidade de encontrar um via" para esta sociedade, que deve ser discutida. Em suma, batem-se em vão, pois nada disso se realizará.

O "socialismo" que os eurocomunistas concebem é uma sociedade na qual se entrelaçam e coexistem elementos socialistas e capitalistas na economia e na política na base e na superestrutura. Em seu "socialismo" haverá lugar para a "propriedade socialista" e para a propriedade capitalista, existirão, pois, classes exploradoras e exploradas; ao lado do partido da classe operária existirão também partidos burgueses; a ideologia proletária conviverá com as outras ideologias; o Estado, em tal "socialismo", será um Estado onde todas as classes e todos os partidos terão poder.

Os eurocomunistas podem sonhar o quanto quiserem com tal sociedade híbrida capitalista-socialista, mas esta sociedade que projetam é irrealizável. O socialismo e o capitalismo são dois sistemas sociais distintos que se excluem mutuamente. O capitalismo existirá enquanto mantiver o proletariado e as demais massas trabalhadoras oprimidos e explorados, enquanto que o socialismo só é edificado e marcha adiante sobre os escombros do capitalismo e após sua completa derrocada.

Para justificar seus pontos de vista profundamente oportunistas, os eurocomunistas superestimam o papel da técnica, dos meios de produção no desenvolvimento da sociedade, caindo assim na chamada teoria das forças produtivas, que foi a base ideológica de todo o oportunismo da II Internacional.

Segundo eles, o salto para o socialismo vem por si só, de maneira espontânea, pelo desenvolvimento das forças produtivas. Por isso, dizem, a transição ao socialismo não precisa nem da luta de classes nem da revolução proletária. Inclusive, segundo os eurocomunistas, caso nos países onde se realizou a revolução e se instauraram as relações socialistas de produção, o nível de desenvolvimento das forças produtivas, seja relativamente baixo, não se pode falar de socialismo autêntico, real.

Para constatar até que ponto os eurocomunistas se afastaram da idéia do socialismo e que tipo de sociedade socialista pretendem construir, basta verificar algumas de suas principais teses, que são apregoadas com estardalhaço como o "máximo desenvolvimento do pensamento progressista da sociedade humana atual".

"Para construir uma sociedade socialista — declaram os revisionistas italianos — não é necessária uma estatização integral dos meios de produção. Junto a um setor público... atuará a iniciativa privada... Particular função desempenharão a propriedade camponesa livremente associada, o artesanato, a pequena e média indústrias, a iniciativa privada no campo das atividades terciárias... Nesta concepção do processo de transformação da sociedade no sentido socialista, deve existir uma articulação do sistema econômico que assegure uma integração entre a programação e o mercado, entre a iniciativa pública e privada..."*

Também os revisionistas franceses postulam um tal "socialismo". Esta sociedade, enfatizam eles, "precisa de um conjunto suficiente de nacionalizações democráticas, junto a outras formas de propriedade social e de um setor econômico baseado na propriedade privada".**

---

* **La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani,** ***Roma, 1979, p. 12-13.***

** **L'Humanité,** ***13.1.1979.***

Carrillo diz: "Este sistema, ainda que misto no aspecto econômico, traduzir-se-á num regime político em que os proprietários poderão organizar-se, não só economicamente, mas também em um ou mais partidos políticos representativos de seus interesses. Este será um dos componentes do pluralismo político e ideológico".*

Não se requer nenhum conhecimento particular das leis sociais para compreender que o quadro da sociedade chamada socialista, que os eurocomunistas apresentam, não é senão o quadro exato e mais típico da sociedade burguesa atual. O elemento básico que caracteriza um sistema social é a propriedade dos meios de produção. Se a propriedade dos meios de produção é privada, então estamos diante de um sistema onde o homem explora o homem, onde, num pólo uma minoria acumula riquezas, enquanto que no outro pólo a maioria esmagadora do povo vive na pobreza e na miséria. Já está confirmado que o socialismo não pode existir se não se suprime a propriedade capitalista, se não se destrói o Estado burguês. Não pode haver socialismo onde a propriedade social sobre os meios de produção não é implantada, em todos os setores, sem exceção, e onde não se instaura a ditadura do proletariado.

O proletariado, para destruir as relações capitalistas de propriedade sobre os meios de produção, tem lutado e luta com denodo e abnegação, fazendo enormes sacrifícios. Com este objetivo, elaborou sua própria ideologia, o marxismo-leninismo, a fim de que o guiasse na revolução e na instauração da propriedade social sobre os meios de produção, na supressão da exploração que emana da propriedade privada sobre estes meios e na eliminação da pobreza. O proletariado realizou este objetivo nos países onde triunfou a revolução e se instaurou o socialismo. Esta experiência, confirmada cada dia mais também pela prática da edificação do socialismo na Albânia, demonstra que uma condição fundamental para construir a sociedade socialista é precisamente a expropriação da burguesia e a transformação de toda a economia do país, em bases socialistas, na instauração da propriedade social sobre os meios de produção.

Quando se libertou a Albânia era um país atrasado do ponto de vista econômico, social e cultural, um país essencialmente agrícola, quase sem indústrias, com um ínfimo grau de desenvolvimento das forças produtivas. Isto constituía um obstáculo à instauração das relações socialistas de produção? Sem dúvida, inclusive um grande obstáculo, porén não insuperável. Nosso Partido não podia esperar que se

* *S. Carrillo,* **"Eurocomunismo" y Estado***, ed. esp., p. 103.*

alcançasse um elevado nível de desenvolvimento das forças produtivas para dar início à instauração das relações socialistas.

Uma das primeiras e mais importantes medidas que o Poder popular adotou foi a liquidação do capital estrangeiro e a conversão de suas empresas em propriedade estatal socialista, a realização de uma reforma agrária vasta e radical, que não só destroçou a grande propriedade dos feudais e dos latifundiários, mas que também limitou consideravelmente a propriedade dos camponeses ricos. Estas medidas de profundo caráter revolucionário criaram importantes premissas para a gradual transformação socialista do campo, para nele impulsionar o movimento cooperativista.

O Partido do Trabalho da Albânia, guiando-se pela bússola infalível do marxismo-leninismo, e contando igualmente com a experiência da edificação do socialismo na União Soviética, colocou como objetivo principal a liquidação da base econômica do capitalismo e a construção da base econômica do socialismo na cidade e no campo.

A socialização dos principais meios de produção foi realizada num período relativamente curto e se cumpriu através das nacionalizações sem indenização. Dois anos após a libertação, em 1946, os bancos, a indústria, as minas, as centrais elétricas, os meios de transporte e de comunicações, o comércio exterior, o comércio interno por atacado, uma parte do comércio varejista, as estações de máquinas e tratores, os bosques, as águas, o subsolo, eram já propriedade socialista. Assim, o setor socialista da economia passara a ser dominante.

Um grande problema para toda revolução socialista é o problema agrário. De sua correta solução depende o desenvolvimento de toda a economia e a estabilidade do Poder popular. Na Albânia, onde o campesinato constituía a esmagadora maioria da população e a agricultura a principal base da economia, o problema agrário era dos mais agudos e decisivos. O caminho seguido por nosso Partido para resolver esta questão cardeal foi o caminho leninista da cooperação socialista.

Atendo-se rigorosamente ao princípio da livre vontade do campesinato para unir-se em cooperativas, o processo de coletivização da agricultura, que começou quase imediatamente após a libertação do país e se prolongou durante um período de 15 a 20 anos, realizou-se sem que se tenha previamente estatizado a terra. Isto só foi decretado após a coletivização ter terminado completamente, ao ser sancionado na nova Constituição em 1976.

Com a construção da base econômica do socialismo na cidade e no campo, as classes exploradoras foram liquidadas enquanto tal e

desapareceu a exploração do homem pelo homem. Restaram apenas duas classes amigas, a classe operária e o campesinato cooperativista, ligadas entre si por ideais, objetivos e interesses comuns, assim como a camada da intelectualidade socialista, surgida do seio do povo trabalhador e formada durante os anos do Poder popular.

A edificação do socialismo não pode ser realizada à força de decretos nem de maneira espontânea. O socialismo é construído com grande esforço, com a participação de todo o povo trabalhador e seguindo-se um plano geral, coordenado e centralizado.

Aplicando uma correta política de industrialização do país, a Albânia conseguiu transformar-se rapidamente de país agrícola atrasado em país dotado de indústria e agricultura desenvolvidas, de ensino e cultura avançados, em um país onde o povo vive verdadeiramente livre e feliz.

Os eurocomunistas não aceitam nossa experiência, assim como a da União Soviética e de outros países, quando eram socialistas. Querem inventar um "novo" socialismo. Porém, é preciso ter uma lógica disparatada para aceitar a existência da propriedade privada dos meios de produção na sociedade e ao mesmo tempo defender a idéia de poder evitar a exploração do homem pelo homem, falar de "transformações socialistas", de "igualdade", de "justiça" etc., como pretendem os eurocomunistas. Manter a propriedade privada sobre os meios de produção, a "iniciativa privada", ou seja, manter a possibilidade da acumulação capitalista na sociedade que os eurocomunistas propõem, significa de fato conservar intato o sistema capitalista, sem afetá-lo nem tocá-lo mesmo que seja no mais superficial.

Nas lucubrações filosóficas, assim como nos programas que seus partidos têm proclamado, os revisionistas eurocomunistas não abordam em absoluto a questão de saber o que se fará com as multinacionais e os capitais estrangeiros. Se não mencionam isto, significa que continuam sendo parte integrante da sociedade "socialista" que os eurocomunistas preconizam, significa que o grande capital norte-americano, alemão-ocidental, inglês, francês etc., deixarão de pensar em seus superlucros e passarão a servir ao socialismo. A isto se chama sonhar acordado. Nesta questão Carrillo, Berlinguer e Marchais estão inclusive longe daqueles círculos da burguesia, em vários países em desenvolvimento, que, embora não estejam interessados no socialismo, buscam expulsar o capital monopolista estrangeiro e libertar-se das sociedades multinacionais.

Em relação ao chamado "setor público", cuja existência o

"socialismo eurocomunista" prevê, encontramo-nos diante de uma simples especulação em matéria de terminologia, diante de uma trivial intenção de fazer passar o setor do capitalismo de Estado que atualmente, em uma ou outra medida, existe em todos os países burgueses por setor socialista da economia.

Conhece-se como e porque foi criado o setor do capitalismo de Estado, ou o "setor público", como a burguesia o denomina.

Nos países industrializados da Europa o capitalismo de Estado já existia anteriormente, mas foi a partir da Segunda Guerra Mundial que começou a ter um desenvolvimento notável. Sua criação resultou de alguns fatores. Na Itália, por exemplo, foi instaurado pela burguesia como resultado do acirramento da luta de classes e da grande pressão das massas trabalhadoras que exigiam a expropriação do grande capital, especialmente do capital ligado ao fascismo e que era o responsável pela catástrofe que o país tinha sofrido. Para evitar uma radicalização ulterior da luta das massas trabalhadoras e dos movimentos revolucionários, a combalida burguesia italiana achou por bem estatizar algumas grandes indústrias, estatização esta que satisfazia as exigências mínimas dos partidos comunista e socialista, que saíam fortalecidos da guerra. Na Inglaterra, a criação do "setor público", como o ferroviário ou o do carvão, resultou do abandono, por parte do grande capital, de alguns ramos atrasados e não rentáveis. Estes foram passados ao Estado para que os subvencionasse com as receitas orçamentárias, com as somas arrecadadas dos contribuintes; enquanto isso, o grande capital destinava seus próprios capitais aos setores em que operavam as novas indústrias, dotadas de alta tecnologia, onde se obtinham superlucros mais substanciosos e com maior rapidez.

Estatizações deste tipo têm sido feitas e continuam a ocorrer por uma ou outra razão em outros países; no entanto, não têm modificado nem jamais modificarão a natureza capitalista do sistema vigente, não eliminarão a exploração capitalista, o desemprego, a pobreza, a falta de liberdades e de direitos democráticos.

O capitalismo de Estado, tal como já o havia provado uma longuíssima experiência, é mantido e impulsionado pela burguesia, não para criar as bases da sociedade socialista, contrariamente ao que sustentam os revisionistas, mas para reforçar as bases da sociedade capitalista, do seu Estado burguês, para explorar e oprimir ainda mais os trabalhadores. Quem dirige o "setor público" não são os representantes dos operários, mas pessoas do grande capital, que manejam os elos de toda a economia e do Estado. A posição social do operário nas empresas

do "setor público" não se diferencia em nada da do setor privado; sua posição com relação aos meios de produção, à gestão econômica da empresa, à política de investimentos, a política salarial etc., é a mesma. Nessas empresas é o Estado burguês, ou seja, a burguesia, quem se apropria dos lucros. Só os revisionistas podem encontrar diferenças entre o caráter "socialista" das empresas do IRI e o caráter "burguês" da FIAT, entre os operários "livres" da Renault e os "oprimidos" da Citroen.

A sociedade do "socialismo democrático", que os eurocomunistas apregoam agora é a sociedade burguesa atual existente em seus países. Buscam dar a essa sociedade apenas alguns retoques, de modo que a velha burguesia européia, à beira do túmulo, assuma o aspecto de uma jovem viçosa e cheia de vitalidade. Segundo os eurocomunistas, bastam alguns retoques, basta conservar o setor capitalista do Estado ao lado do privado, criar algum conselho operário consultivo anexo às direções empresariais, permitir que os pelegos sindicais reclamem justiça e igualdade nas praças, deixar que os revisionistas ocupem alguma cadeira no governo e... o socialismo virá por si só.

Os revisionistas eurocomunistas, no seu irreprimível empenho em combater e renegar o marxismo-leninismo, embelezam por todos os meios a atual realidade da sociedade capitalista. Para eles, o sistema social vigente na Itália, na França, na Espanha etc., o Estado que domina nestes países é um tipo de democracia supraclassista, uma democracia para todos. Vêem nesta sociedade e nesse Estado apenas algumas dificuldades, alguns erros, quando muito algumas deformações, e isso é tudo. Sobre esta concepção e premissa fundamentais traçam também os esquemas de seu "socialismo democrático", que no fundo será a mesma sociedade burguesa atual, mas sem as "deficiências", "limitações", "dificuldades" que tem hoje.

Os revisionistas declaram que em seu "socialismo" existirá e funcionará mais de um partido, e haverá a possibilidade da alternância no governo. Deve-se reconhecer que nesta questão os eurocomunistas são verdadeiramente coerentes. É natural que numa sociedade onde existem classes antagônicas, diversas camadas da burguesia e vários grupos de capitalistas com interesses particulares, existirão também diversos partidos, haverá indispensavelmente a prática corrente da sociedade capitalista de alternância dos diversos partidos no poder, conforme o caso e as necessidades. Porém no que os eurocomunistas especulam é em apresentar este "pluralismo", ou seja, a prática da troca de cavalos na carruagem do Poder burguês como o ápice da democracia, como algo

que permite solucionar todos os problemas sociais. Com isto, pretendem deformar o próprio conceito existente sobre a sociedade socialista e apresentar a democracia burguesa e suas instituições como idôneas para realizar os objetivos socialistas, sem a necessidade de se recorrer à revolução nem de destruir o aparelho do velho Estado burguês. Com efeito, seu Estado ideal é o atual sistema político norte-americano e sobretudo o alemão, onde imperam dois grandes partidos burgueses, que se alternam na chefia do governo. Querem que também na Itália, na França ou na Espanha, existam dois grandes partidos: um abertamente burguês, democrático ou liberal e o outro operário, digamos, socialista, comunista, trabalhista ou de outro tipo, assim como uns quantos partidos pequenos e sem importância, justamente para enriquecer o sortimento. Desta forma, seria criado o "socialismo italiano", o "socialismo francês", o "socialismo espanhol", assim como anteriormente foram criados o "socialismo sueco", o "socialismo norueguês" e outros.

No "socialismo democrático" o Estado não deve pertencer aos operários e camponeses, ou seja, o Estado que preconizavam Marx e Lênin, em cuja direção estão os operários fabris e os camponeses que trabalham a terra. Os eurocomunistas buscam um Estado que seja "de todos" e cujo governo também seja "de todos". Mas, este Estado "de todos" nunca existiu nem existirá jamais.

Os conceitos dos eurocomunistas sobre o Estado são muito semelhantes aos de Proudhon e Lassalle, refutados por Marx há mais de um século. Lassalle, por exemplo, pregava que o Estado reacionário prussiano poderia transformar-se num Estado livre, popular, através das reformas, pela via pacífica, com eleições gerais e a ajuda do próprio Estado burguês e das associações de produtores que seriam criadas. Lassalle apresentava este tipo de *Estado* como modelo do novo Estado socialista, pelo qual os operários deveriam lutar.

O conceito lassalleano sobre o "Estado popular" negava o caráter de classe do Estado como ditadura de uma determinada classe.

Ao conceito lassalleano sobre o "Estado livre popular", Marx opôs, especialmente em sua célebre obra *Critica ao programa de Gotha,* a noção do Estado como um órgão de classe, opôs a concepção marxista da ditadura do proletariado.

> *"... e por mais que acoplemos de mil maneiras a palavra "povo'' e a palavra "Estado", diz Marx, não nos aproximaremos nem um centímetro da solução do problema.*

> *Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista medeia o período da transformação revolucionária da primeira na segunda. A este período corresponde também um período político de transição, cujo Estado não pode ser outro senão a* **ditadura revolucionária do proletariado***". **

A teoria e a doutrina marxista sobre o Estado, enunciadas na monumental obra de Marx e Engels, encontraram uma brilhante confirmação nos acontecimentos da Comuna de Paris.

A Comuna de Paris demonstrou que, para derrocar o regime capitalista, o proletariado não pode conservar intata a velha máquina do Estado burguês e utilizá-la para seus próprios fins. A Comuna destruiu esta máquina e em seu lugar criou organismos e instituições estatais inteiramente novos por sua forma e conteúdo. A Comuna foi a primeira forma de organização política do Poder proletário. A Comuna de Paris mostrou, como assinalou Lênin, o condicionamento histórico

> *"... e o valor limitado do parlamentarismo burguês e da democracia burguesa...". **

Comprovou-se na prática que o Estado erigido pela Comuna de Paris representava o tipo superior da democracia, a da esmagadora maioria do povo. As liberdades e os grandes direitos democráticos que a burguesia proclama, mas nunca concretiza, foram materializados pela Comuna.

Mais tarde, Lênin, combatendo as tergiversações oportunistas dos chefetes da II Internacional, defendeu de maneira brilhante a teoria de Marx sobre o Estado. Rechaçou as concepções desses dirigentes, segundo as quais o Estado não é o órgão de dominação de uma classe sobre outra, mas o órgão de conciliação de classes; que o aparelho do Estado burguês não deve ser destruído, mas utilizado no interesse dos trabalhadores. Em seu célebre livro *O Estado e a Revolução,* Lênin argumentou que o Estado é produto das contradições entre as classes e expressão da irreconciliabilidade destas contradições. Demonstrou que o aparelho do Estado burguês, como um aparelho destinado a manter oprimida e explorada a classe operária e as demais massas trabalhadoras, não pode servir-lhes para suprimir a opressão e a exploração. O proletariado tem que construir seu próprio Estado, novo por sua forma e conteúdo, pela

---

* ***K. Marx e F. Engels,*** **Obras escolhidas,** ***Ed. albanesa, t. II, Tirana, 1975, p. 24.***

** ***V. I. Lênin,*** **Obras,** ***ed. albanesa, t. 28, p. 535.***

sua estrutura e organização, pelos homens que o dirigem e pelos seus métodos de trabalho, um Estado que garanta a liberdade das massas trabalhadoras e esmague os inimigos do socialismo nas suas tentativas de restaurar o sistema capitalista.

O livro de Lênin *O Estado e a Revolução* e as teses leninistas sobre a ditadura do proletariado desempenharam um importante papel na preparação da Revolução de Outubro e na instauração do Poder dos sovietes na Rússia. Estas teses continuam sendo poderosas armas nas mãos dos autênticos revolucionários para combater as teorizações dos revisionistas contemporâneos, que tentam ressuscitar os pontos de vista de Kautsky e companhia a respeito do Estado, já desmascarados e desbaratados por Lênin.

As teorizações dos eurocomunistas sobre o Estado são uma conseqüência da linha antimarxista desses renegados, que pretendem que no capitalismo não existe a luta de classes, mas a paz de classes, que o exército e a polícia deixaram de ser forças regressivas da burguesia, e que portanto a ditadura do proletariado e a verdadeira democracia que o proletariado instaura são desnecessárias. Eles querem apenas um Estado, uma democracia, o Estado de democracia burguesa-revisionista.

A via "democrática" para o socialismo, máscara para a defesa do Estado burguês

A questão fundamental da ideologia e da política de cada partido, independentemente dos interesses de classe que representa, é sempre a questão do Poder estatal. Tampouco o eurocomunismo poderia evitar esta questão. Precisamente neste terreno começou a luta, convertendo-se em uma nova arma nas mãos da burguesia para preservar seu Poder de opressão e exploração e impedir que o proletariado faça a revolução, destrua este Poder e implante o socialismo.

Em sua propaganda contra o marxismo-leninismo, os eurocomunistas insistem que nas condições da sociedade moderna, como denominam a sociedade capitalista atual, a teoria de Marx sobre a derrocada do capitalismo através da revolução violenta requer novas "interpretações". Entre os primeiros que começaram o ataque frontal, que pisotearam e consideraram sem valor a tese de Marx e de Lênin sobre a necessidade da revolução violenta e a deformaram radicalmente, como assinalamos mais atrás, encontram-se os revisionistas soviéticos. Para tomar "convincente" sua teoria de transição pacífica ao socialismo, chegaram ao

extremo de pretender que a Revolução de Outubro foi uma revolução pacífica, a despeito da história que a conhece como a primeira revolução que esmagou de maneira violenta a burguesia russa e instaurou a ditadura do proletariado. Ao mesmo tempo começaram a teorizar que a ditadura do proletariado era um fenômeno passageiro que cederia lugar ao chamado Estado de todo o povo. Com estas teorias pretendiam rebaixar o conteúdo de classe revolucionário da ditadura do proletariado, negar a ditadura do proletariado.

Esta deformação consciente do marxismo-leninismo por parte dos revisionistas soviéticos foi a base sobre a qual se assentaram as teorias eurocomunistas a respeito desta questão. As teses kruschovistas, de que a edificação do socialismo na União Soviética punha fim à luta de classes, de que a vitória do socialismo estava garantida e de que não havia nenhum perigo de retrocesso, de que a ditadura do proletariado e o partido da classe operária já não eram necessários, converteram-se em alimento para os demais revisionistas e os estimularam a ir mais longe. Especulando com as mudanças que se operaram no mundo e com uma correta frase de Lênin a respeito das particularidades da transição ao socialismo, insistem que na época atual pode-se chegar ao socialismo também através do parlamentarismo e das reformas.

O caminho da transformação da sociedade capitalista em socialista, os eurocomunistas apresentam-no como o **summum** do desenvolvimento da democracia política burguesa, como, segundo dizem eles, uma via pacífica que não conduz a uma mudança qualitativa, mas quantitativa. "A democracia política, dizem os revisionistas italianos, apresenta-se, por isso, como a mais alta forma institucional de organização de um Estado, inclusive de um Estado socialista".*

Se analisarmos esta suposta tese, resulta que já no capitalismo existiria a "democracia política" para os trabalhadores, que se chegaria ao socialismo ampliando esta democracia e, finalmente, que o traço fundamental da sociedade socialista seria a democracia burguesa, a qual se identifica com a democracia socialista.

Por sua vez, os revisionistas espanhóis pretendem, que a "democracia política e social não é uma terceira via, nem capitalista nem socialista, mas a etapa de transição entre o capitalismo e o socialismo".** "A democracia é ao mesmo tempo o objetivo e o meio das transforma-

* **La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani, *Roma, 1979, p. 11.***

** **Noveno Congresso del Partito Comunista de Espana, *Barcelona, 1973, p. 83.***

ções",* diz Marchais.

Como se vê, para "tornar razoáveis" seus pontos de vista revisionistas, Berlinguer, Carrillo, Marchais e outros apresentam idéias bastante confusas sobre a democracia e o Estado. Tais argumentos, que não se apóiam nas relações de classe existentes na sociedade burguesa, que estão à margem das relações entre a base econômica e a superestrutura capitalista, à margem da realidade e de toda lógica, têm por objetivo demonstrar que a verdadeira democracia não seria a que instaura a ditadura do proletariado, a democracia da grande maioria das massas exploradas sobre a minoria capitalista exploradora ou sobre seus remanescentes, mas que seria a democracia à la Marchais, à la Carrillo, ou seja, "a democracia para todos, onde todos convivam em paz e em harmonia de classe". Todavia, a história tem comprovado que não há nem pode haver democracia burguesa fora da ditadura burguesa, assim como não pode haver democracia socialista fora da ditadura do proletariado. Os direitos e os deveres dos cidadãos estão em relação direta com a dominaçao da classe que está no Poder. No lugar onde domina a classe capitalista existem direitos para a burguesia e limitação dos direitos, opressão e difamação para as massas; em troca, onde domina a classe operária há direitos e liberdades para os trabalhadores e limitações dos direitos e coerção para a minoria outrora dominadora e exploradora, assim como para os inimigos do socialismo.

Os eurocomunistas não são os primeiros oportunistas a negar a necessidade da revolução como meio único e fundamental para superar o capitalismo e edificar o socialismo. Antes deles, o mesmo fez Proudhon, que foi desmascarado por Marx, fizeram Bernstein e seus companheiros, que acabaram sendo os defensores declarados do sistema capitalista.

Bernstein, por exemplo, preconizava que melhorando a legislação trabalhista, acrescentando-se o papel e a atividade dos sindicatos e das cooperativas, aumentado a representação da classe operária no parlamento, poder-se-ia resolver de maneira pacífica e por via evolucionista todos os problemas econômicos, políticos e sociais do proletariado. Dizia expressamente que bastaria que a classe operária ganhasse a maioria absoluta no parlamento, isto é, 51% dos votos, para poder realizar todos os seus objetivos. Sustentava que, na democracia, posto que reina a "vontade da maioria", o Estado perde seu caráter de classe, transforma-se de órgão de dominação de classe, em órgão acima das

* **L'Humanité,** ***13.2.79.***

classes, que representa os interesses de toda a sociedade. Em semelhante Estado, dizia, a classe operária e seu partido podem e devem colaborar com todas as demais classes e partidos. E todos, conjuntamente, devem defender e consolidar este Estado contra os "reacionários".

Bernstein sustentava que o caminho da transformação da sociedade passa pelas reformas parciais e paulatinas, pela via da evolução, da integração gradual do capitalismo no socialismo. Por isso, segundo ele, também o partido da classe operária deveria ser não um partido da revolução social mas das reformas sociais. Estes pontos de vista de Bernstein, adotados mais tarde por Kautsky e companhia, foram criticados energicamente por Lênin, que mostrou toda a sua falsidade. O veredito histórico no grande debate entre os marxistas, com Lénin à frente, que defendiam a idéia da revolução e da ditadura do proletariado, e os oportunistas revisionistas, que eram partidários da via pacífica, reformista, da democracia "pura" etc., foi dado pela grande Revolução de Outubro.

Esta revolução mostrou ao proletariado e aos povos do mundo que o caminho da vitória sobre o imperialismo e o capitalismo passa não pelas reformas e pelos acordos com a burguesia, mas pela revolução violenta.

Para "argumentar" sua oposição à teoria marxista-leninista sobre a revolução e a ditadura do proletariado, os eurocomunistas pretendem que também o próprio Marx "somente uma vez mencionou este termo"! Porém, sabe-se que a idéia da ditadura do proletariado constitui a questão fundamental em toda a doutrina de Marx sobre o socialismo.

> *"O que fiz de novo — escrevia Marx em 1852 — foi demonstrar: 1)* **que a existência das classes** *só acompanha* **determinadas fases históricas do desenvolvimento da produção***; 2) que a luta de classes conduz, necessariamente, à* **ditadura do proletariado***; 3) que esta mesma ditadura nada mais é do que o trânsito para a* **abolição de todas as classes** *e para uma* **sociedade sem classes***..."**

Marx não via a ditadura do proletariado como uma simples mudança de algumas pessoas no governo, mas sim como um Poder qualitativamente novo, que se eleva sobre os escombros do velho Poder burguês. A destruição violenta da velha máquina estatal burguesa considerava-a como uma condição imprescindível para o triunfo não só da revo-

---

* ***K. Marx e F. Engels,*** **Obras Escolhidas,** ***ed. albanesa, t. II, Tirana, 1975, p. 486.***

lução proletária, mas de toda autêntica revolução popular dirigida pela classe operária. A esta conclusão delineada por Marx em sua celebre obra *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte,* Lênin qualificou de "um gigantesco passo adiante". Precisamente esta pedra angular da doutrina marxista-leninista que tem sido atacada e negada por todos os velhos revisionistas, é atacada também pelos novos revisionistas eurocomunistas.

A atitude dos eurocomunistas frente à questão da revolução, do Estado e da democracia coincide no fundo com a dos revisionistas soviéticos, que têm declarado que atualmente na União Soviética o partido "comunista" teria sido transformado em "partido de todo o povo" e que a ditadura do proletariado foi substituída pelo "Estado de todo o povo". Baseando-se nestas declarações dos revisionistas soviéticos, Marchais e Carrillo têm motivos para objetar: "Por que vocês transformam o partido e o Estado do proletariado em partido e Estado de todo o povo e nós do Ocidente não teríamos o direito de fazer o mesmo sem recorrer à revolução violenta e à ditadura do proletariado? Nós marcharemos dentro do "pluralismo" e em bom entendimento com a burguesia, mobilizando a opinião pública em prol de uma "verdadeira democracia", que em seu país não foi realizada. Vocês procuram em vão convencer que aplicam a democracia e ao mesmo tempo reforçam a opressão".

Quanto aos titistas, estes também se encontram em posições difíceis tanto quanto os eurocomunistas na questão relativa à "democracia" e ao "pluralismo". Os revisionistas iugoslavos falam da unidade do "mundo não alinhado" e com esta fórmula "eliminam" a luta de classes e a ditadura do proletariado. A única coisa que pedem ao imperialismo e ao capitalismo mundial é que os países "não alinhados" "mantenham o atual status quo e sejam ajudados economicamente". Neste sentido os titistas compartilham a opinião dos eurocomunistas, com a única diferença que, enquanto os iugoslavos falam de uma suposta "dependência com respeito às superpotências e aos blocos", os eurocomunistas nem formalmente o admitem.

Com as idéias que expressam, os eurocomunistas dizem aos revisionistas iugoslavos, ainda que sem atacá-los diretamente, que a existência de um só partido na Iugoslávia está longe do caminho da verdadeira democracia e que, portanto, também o sistema político da Iugoslávia deve ser modificado.

Berlinguer, Marchais, Carrillo e seus apaniguados, atacando diretamente Lênin e toda a teoria marxista-leninista do Estado e da revo-

lução, convidam os kruschovistas a levar até o fim sua traição, dizendo-lhes que em sua empreitada imunda não se ocupem somente dos "erros" de Stálin, mas do próprio sistema socialista, o qual, se bem fosse um sistema apropriado depois de Outubro, hoje já não o é, porque supostamente nega a democracia.

É claro que esta tese não convence os kruschovistas, que, para encobrir sua traição e fazer-se passar por marxistas-leninistas, se atêm ainda a algumas fórmulas supostamente leninistas.

Para conservar esta máscara, o grupo de Brezhnev dirige de vez em quando aos partidos desobedientes alguma crítica suave e supostamente os aconselha a preservarem os princípios de classe de Lênin sobre as vias e as formas de transição ao socialismo. Porém, os partidos revisionistas dos países ocidentais não se deixam fisgar e dizem a Brezhnev que nada fazem que não tivessem já feito os revisionistas soviéticos, que atuam conforme suas próprias condições, que supostamente ditam o caminho pacífico, o caminho das reformas democráticas, do pluralismo político e ideológico etc. etc.

Berlinguer, Marchais, Carrillo, que foram mais longe que Togliatti, dizem aos soviéticos: "Não são vocês os que têm falado da coexistência pacífica? Então, ponhamos mãos à obra com esta coexistência e levê-mo-la até o fim". E com quem se coexistirá de maneira pacífica? Com os adversários do comunismo, ou seja, com a burguesia capitalista, com o imperialismo norte-americano etc. Mas para que cheguemos à coexistência pacífica, dizem eles, primeiro devemos revisar os "dogmas" em matéria de política, ideologia, economia, arte, visto que os "dogmas" são incompatíveis com a sociedade atual, e dado que também as idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin sobre a ditadura do proletariado, sobre a luta de classes, sobre a tomada violenta do Poder seriam, segundo eles, uns "dogmas", tampouco estas idéias seriam adequadas. Por conseguinte, o Poder deve ser tomado não por meio da violência, mas pela via parlamentar, através de eleições gerais, isto é, chegando a classe operária ao Poder e retirando-se a burguesia de maneira democrática.

Com fins demagógicos e para criar uma certa ilusão nas massas, os eurocomunistas dizem entre os dentes que a "terceira via", ou o "socialismo democrático", não é a social-democracia porque esta "não tem levado a sociedade para fora da lógica do capitalismo".* Sem dúvida, acrescentam imediatamente, devemos unir-nos com a social-democracia e com as outras forças políticas e, com esta união, não devemos destruir

* **La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani,** ***Roma, 1979, p. 7.***

o aparelho estatal da burguesia capitalista, como sustentam os clássicos do marxismo-leninismo, mas influir sobre ele através da propaganda, das reformas, da igreja, da cultura etc., para que paulatinamente, este Poder adquira a verdadeira forma democrática, para que sirva a toda a sociedade e vá criando as condições para edificar por via pacífica o "socialismo".

Numa palavra, preconizam a criação de um regime social adulterado que não tenha nada em comum com o socialismo científico.

O ideal de todos os revisionistas eurocomunistas são as teses togliattistas, a linha do Partido Comunista Italiano, a tal ponto que têm suscitado a inveja de Carrillo e de Marchais. "Demoramo-nos em 1956, escreve Georges Marchais em *L'Humanité*, em tirar lições do ocorrido na União Soviética e em elaborar uma via francesa ao socialismo", ou seja, em fazer o que fez Togliatti. Quando Marchais e Carrillo dizem que a polícia está com o Partido Comunista Italiano e que em Roma vota com ele, apreciam os esforços e o sucesso de Berlinguer tendo por fim a colaboração com a social-democracia, com os democratas-cristãos, com os socialistas nas questões públicas e também na administração dos assuntos da burguesia.

Os "êxitos" de Berlinguer nestes aspectos, ou seja, em sua submissão ao capitalismo italiano e ao capitalismo mundial, servem aos demais revisionistas de apoio concreto às suas teses políticas oportunistas. Berlinguer trabalha com grande zelo, não ataca a Constituição burguesa, não ataca o Poder da burguesia, e não diz uma só palavra sobre a necessidade de derrocar este Poder e sua aparelhagem, nem de destruir o exército repressivo italiano mas, pelo contrário, firma declarações com os partidos da reação para que se reforce o exército, para que se mantenham as bases norte-americanas, para que aumentem as atribuições e os fundos da polícia, para que esta tenha o direito, à margem da lei, de controlar tudo o que seja suspeito, inclusive as conversas telefônicas e a correspondência privada.

O programa e a forma de atuar dos revisionistas italianos já se constituem num modelo experimentado ao alcance dos outros revisionistas. Na Itália, Espanha, França está se desenvolvendo e adquirindo forma concreta a integração do revisionismo no capitalismo e não a do capitalismo no socialismo, como pretendem os eurocomunistas em seus programas e discursos.

Os partidos comunistas italiano, francês e espanhol não mencionam de forma alguma os revisionistas chineses; todo o rigor de sua luta dirigem-no contra Marx, Engels, Lênin e Stálin e quando seus objetivos o

exigem lançam um ou outro ataque aos revisionistas soviéticos. Com os revisionistas chineses convergem em todas as frentes. Estes últimos lutam por uma aliança com os Estados Unidos, com os países capitalistas desenvolvidos, com as camarilhas dominantes dos países neocolonialis. Tal aliança é defendida também pelos renegados eurocomunistas. O fato é que a política exterior chinesa coincide inteiramente com a política que preconizam os eurocomunistas rumo à unidade dos partidos revisionistas com os regimes burgueses-capitalistas no Poder. Da mesma forma os revisionistas chineses e o Partido Comunista da China são a favor do pluralismo no socialismo. Os partidos da burguesia na China não só têm existência legal, como também compartilham o Poder e a direção com o partido comunista, que não pode viver nem dirigir sem contar com sua colaboração. Nestas questões fundamentais os revisionistas chineses estão de acordo com os revisionistas europeus.

Por outro lado, na China, ao lado do setor capitalista de Estado, existem empresas privadas chinesas, empresas privadas mistas com capitais chineses e estrangeiros, empresas privadas estrangeiras, setores cooperativistas etc. Isto coincide inteiramente com a "terceira via", com o "socialismo" preconizado pelos eurocomunistas.

Mao Tsetung formulou sua teoria das "cem flores e das cem escolas". Que significa isto? Significa que na China são permitidas e se desenvolvem todas as idéias idealistas, social-democratas, republicanas, religiosas etc. "Que concorram todas as escolas" é dialético, diz Mao Tsetung, e, dado que o pluralismo seria dialético, coisa que sustentam também os eurocomunistas, então a marcha para o socialismo empreender-se-ia também com a burguesia e em unidade com ela e seus partidos, em paz e em competição pacífica.

Se na China existem partidos burgueses que compartilham a direção com o partido comunista, isto significa que o Estado não pode ser um Estado de ditadura do proletariado, mas um organismo híbrido que, se em palavras é um Estado de ditadura do proletariado, de fato é uma democracia burguesa.

A prática chinesa corresponde à linha dos eurocomunistas e serve para "confirmar" que é possível marchar para o "socialismo sem recorrer à revolução nem à ditadura do proletariado. Alguém poderá dizer: "Mas a China chegou ao socialismo mediante a revolução", "na China existe a ditadura do proletariado" etc. Isto não corresponde absolutamente à realidade. Ainda que seja certo que a China lutou contra os ocupantes japoneses e combateu o Kuomintang, neste país jamais se instaurou a ditadura do proletariado nem se edificou o socialismo. O

Poder na China era denominado ditadura do proletariado, mas seu conteúdo era diferente e hoje vemos como as máscaras que o Partido Comunista da China e o Estado chinês utilizavam estão caindo no chão. Após a morte de Mao Tsetung, que era um eclético, e de Chou Enlai, que era um democrata burguês, vemos que a China vem revelando suas verdadeiras características e aparece como uma república burguesa e um Estado imperialista.

Em relação às divergências que os eurocomunistas têm com os revisionistas soviéticos a respeito do caráter do Estado no socialismo, deve-se dizer que não têm absolutamente um caráter de princípios. Atacam o Estado soviético revisionista, apresentando-o como uma deformação e pretendem que nem Marx, nem Engels aprovariam semelhante Estado e que nem o próprio Lênin consideraria justas muitas coisas. Mas isto não deixa de ser uma especulação trivial. O atual Estado soviético não é um Estado socialista. Transformou-se em uma ditadura da burguesia revisionista, que oprime e explora as massas trabalhadoras. Com esta especulação os eurocomunistas tratam de demonstrar que sua linha pluralista é a única linha "científica marxista", a única linha adequada para a edificação do socialismo autêntico. Segundo eles, esta linha é uma conseqüência dialética do desenvolvimento materialista da história, que Marx e Engels "não haviam previsto", e "tampouco Lênin". Seriam, portanto, Berlinguer, Marchais, Carrillo e outros revisionistas da Europa Ocidental os descobridores deste desenvolvimento e que, vangloriando-se, dizem que "somos os que vemos a verdadeira transformação da sociedade e analisamos a fundo os fenômenos do mundo atual". Na realidade, opõem-se a toda transformação revolucionária. Querem conservar a atual sociedade burguesa de "consumo", preservar a dominação do capitalismo e a exploração dos trabalhadores. Este é seu ideal e seu objetivo; por ele trabalham e lutam. Tudo o demais é somente propaganda, demagogia, mistificação, são meios que a burguesia emprega em sua luta contra o socialismo e a revolução.

A "independência" dos eurocomunistas é a dependência ao capital e à burguesia

A luta contra o imperialismo em geral e seus instrumentos dentro de cada país é uma das questões fundamentais da estratégia de cada partido comunista e uma das condições decisivas para a vitória de toda revolução, seja democrática-popular, antiimperialista ou socialista.

Ao mesmo tempo a atitude para com o imperialismo serve também como pedra de toque para apreciar política e ideologicamente toda força política que atua tanto nos marcos nacionais de cada país, como em escala internacional. Numa palavra, a atitude para com o imperialismo tem sido e continua sendo uma linha de demarcação entre as autênticas forças revolucionárias, patrióticas e democráticas, por um lado, e as forças da reação, da contra-revolução e da traição nacional, por outro.

Qual é a atitude dos eurocomunistas nesta questão vital e com uma importância de princípios tão grande?

A partir do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, quando Kruschov expôs a linha da conciliação e aproximação com o imperialismo norte-americano e colocou tudo isto como uma linha geral para todo o movimento comunista, os partidos revisionistas dos países do Ocidente abandonaram toda posição antiimperialista, tanto no plano teórico, como no prático. Foi como se estivessem esperando libertar-se das cadeias para correr à conciliação com a grande burguesia imperialista, colonialista e neocolonialista. A nova estratégia que Kruschov apresentava para o movimento comunista era o que desejavam há muito tempo os dirigentes dos partidos comunistas ocidentais, era o que tinha começado a ser levado à prática, mas que ainda não tinha obtido, digamos, um certificado oficial. Mesmo antes do XX Congresso do PCUS, devido a diversas vacilações e concessões na França e na Itália, começara a descender a luta contra a OTAN, contra o rearmamento e a reanimação do imperialismo alemão, contra a ingerência do capital norte-americano e contra suas bases militares na Europa etc. E se algo se fazia nesta época, esse algo ficava reduzido ao terreno da propaganda, enquanto que as ações não se efetivavam em nenhuma parte. O Partido Comunista Francês tinha na questão argelina, quase que as mesmas posições que os partidos burgueses do país. Porém seu chauvinismo e nacionalismo nesta questão abrandava cada vez mais sua atitude para com o grande aliado da burguesia francesa, o imperialismo norte-americano, para com a sua expansão política e econômica. Posto que se defendia a "Argélia francesa", também seria defendida a "África francesa", far-se-ia vista grossa e ouvidos moucos ante a "Ásia inglesa" e a "América norte-americana".

Os revisionistas italianos, que tratavam por todos os meios de convencer a burguesia de sua sinceridade e lealdade, esforçavam-se por prová-las precisamente não se opondo à política exterior do governo democrata-cristão, que consistia na aliança incondicional com o imperialismo norte-americano, na total submissão à OTAN, em abrir as

portas ao grande capital norte-americano e transformar o país em uma grande base militar dos Estados Unidos.

Em relação aos revisionistas espanhóis, toda a sua preocupação naquela época era legalizar seu partido e regressar à Espanha. Pensando que a "democratização" de seu país só poderia ser alcançada sob a pressão dos Estados Unidos que, segundo eles, estavam interessados em suprimir o "obstáculo" Franco, não queriam absolutamente ver, nem muito menos combater, a política expansionista e hegemônica norte-americana.

As "vias nacionais rumo ao socialismo" que os partidos revisionistas dos países da Europa Ocidental adotaram inspirados no XX Congresso do PCUS, conduzia-os não somente à submissão à burguesia nacional, como também à internacional, principalmente ao imperialismo norte-americano. Além disso, era natural que a renúncia ao marxismo-leninismo, à revolução e ao socialismo fosse acompanhada do abandono dos princípios do internacionalismo proletário, de toda a ajuda e respaldo aos movimentos revolucionários e de libertação.

Se os partidos comunistas francês, italiano e espanhol começaram um gradual distanciamento em relação à União Soviética, a criticar Moscou em alguns aspectos de sua política interna e externa, a desaprovar algumas de suas ações nas relações internacionais, jamais chegaram a caracterizar e a denunciar a União Soviética de hoje como um país imperialista. É certo que condenaram, por exemplo, sua agressão à Tchecoslováquia, mas aprovaram, em troca, suas intervenções na África; exigiram a retirada de sua frota do Mediterrâneo, mas guardam silêncio ante o envio de armas soviéticas a todos os confins do mundo. A política soviética, segundo os eurocomunistas, é antidemocrática dentro do país, mas no exterior é, em seu conjunto, socialista, antiimperialista. Uma postura deste tipo tem feito e faz com que os partidos eurocomunistas, não obstante alguma oposição, venham respaldando no geral a política expansionista e hegemônica da União Soviética.

Deste modo, os partidos revisionistas da Europa Ocidental, como defensores que são do regime burguês de seus respectivos países, têm-se tomado combatentes não menos ardorosos da defesa do sistema imperialista em escala internacional. Os eurocomunistas converteram-se em defensores do **status quo** burguês-imperialista em todas as frentes.

Se em relação aos problemas internos os eurocomunistas conservam ainda algum disfarce, tratam de se fazer passar por adversários, ainda que indecisos, da burguesia e do regime capitalista, na correlação a nível mundial entre a revolução e o capitalismo internacional, entre os

povos oprimidos e o imperialismo, entre o socialismo e o capitalismo, declaram ser contrários a toda mudança.

Os partidos revisionistas da Itália, França, Espanha e os outros partidos da corrente eurocomunista transformaram-se atualmente em forças políticas pró-imperialistas, que por sua linha e suas ações não se diferenciam em nada dos partidos burgueses destes países. Tomemos sua atitude em relação à OTAN e ao Mercado Comum Europeu, que representam duas das bases políticas, econômicas e militares nas quais se apóia e através das quais se realiza a dominação da grande burguesia européia e a hegemonia do imperialismo norte-americano na Europa.

Desde sua criação até hoje, a OTAN não mudou de natureza, nem de planos, nem de objetivos. Os acordos firmados em 1949 continuam em vigor. Todos sabem porque foi criado o Pacto do Atlântico e por que o mantêm de pé. Porém, caso ainda não se soubesse, recordam-no diariamente tanto o Pentágono como os Estados Maiores de Bruxelas. A OTAN tem sido e continua sendo uma aliança política e militar do grande capital norte-americano e europeu para defender antes de tudo o sistema e as instituições capitalistas da Europa, para impedir que a revolução irrompa e afogá-la em sangue no caso de que ela avance. Esta organização contra-revolucionária é, por outro lado, uma guardiã armada do neocolonialismo e das zonas de influência das potências imperialistas e uma arma a serviço de sua expansão política e econômica. Ter esperanças de transformar a sociedade capitalista européia ocidental e edificar o socialismo aceitando a OTAN e as bases norte-americanas significa sonhar acordado. Os eforços dos eurocomunistas em destacar somente a função anti-soviética da OTAN, silenciando sobre sua missão de oprimir a revolução na Europa Ocidental, têm como propósito enganar os trabalhadores, impedir que vejam a realidade.

Os eurocomunistas não querem ver a existência de um grande problema nacional, a questão da dominação norte-americana na Europa Ocidental e a necessidade de rechaçá-la. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial até hoje, o imperialismo norte-americano mantém amarrada esta parte da Europa com todo tipo de cadeias: políticas, econômicas, militares, culturais etc. Sem romper estas cadeias é impossível instaurar não só o socialismo, mas tampouco a democracia burguesa que os eurocomunistas colocam nas nuvens. O capital norte-americano tem penetrado tanto na Europa, tem-se entrelaçado tanto com o capital local que já não se distingue onde começa um e termina o outro. Os exércitos europeus têm-se integrado de tal modo na OTAN, domina-

da pelos norte-americanos, que praticamente têm deixado de existir como forças nacionais independentes. Um processo de integração cada vez maior está se dando igualmente no campo financeiro e monetário, tecnológico, cultural etc.

É verdade que entre os países europeus membros da OTAN e os Estados Unidos existem contradições de diversas índoles, contradições normais e inevitáveis entre os grandes grupos e agrupamentos capitalistas, porém, de fato, em todas as grandes questões políticas e econômicas em escala mundial os países da OTAN sempre se têm submetido a Washington. A grande burguesia européia, assim como as demais burguesias, quando se trata de optar entre seus interesses de classe e os interesses nacionais, sempre tende a sacrificar estes últimos. Por esta razão, os comunistas têm lutado em todos os momentos em defesa dos interesses nacionais, vendo-os estreitamente ligados à causa da revolução e do socialismo.

A negação pelos partidos eurocomunistas da existência em seus países de um problema nacional, concretamente, a necessidade de lutar contra a dominação e o **diktat** norte-americanos e de consolidar a independência e a soberania nacional, é outra prova de sua degenerescência política e ideológica, de sua traição à causa da revolução. Agora os revisionistas italianos não somente insistem em que a Itália permaneça na OTAN, mas se têm tomado mais atlantistas que os democratas-cristãos e os outros partidos burgueses pró-norte-americanos. "A permanência da Itália na Aliança Atlântica, dizem os revisionistas italianos, deve-se à necessidade de conservar o equilíbrio de forças do qual depende a salvaguarda da paz na Europa e no mundo".*

Com esta tese os berlingueristas dizem aos trabalhadores: não se oponham à OTAN, não exijam que os norte-americanos se retirem de Nápoles, Caserta, não denunciem a instalação de foguetes com ogivas nucleares próximas de suas casas, não protestem contra o estacionamento dos aviões norte-americanos nos aeroportos italianos, prontos a decolar para onde os interesses dos imperialistas norte-americanos se vejam afetados. Não importa, dizem os revisionistas italianos, que sejam sacrificados os interesses nacionais da Itália em nome da política hegemônica norte-americana, que Washington dite quem e como deve governar a Itália, e até mesmo que o fogo atômico arrase toda a Itália; basta que seja conservado o equilíbrio entre as superpotências.

A tese do equilíbrio entre as grandes potências, como fator e meio para salvagurdar a paz, é uma velha pretensão imperialista que o

* **La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani,** ***Roma, 1979, p. 39-40.***

mundo e sobretudo a Europa conhecem de sobra. Com esta tese sempre se pretendeu justificar a política hegemônica das grandes potências imperialistas, o direito que se outorgam de se imiscuírem nos assuntos internos dos outros e de mantê-los dominados.

Admitir a necessidade da existência e do fortalecimento dos blocos imperialistas como forma de salvaguardar a paz, tal como dizem os revisionistas, significa aprovar também sua política. Se os blocos militares imperialistas existem, não são para salvaguardar a paz e defender a liberdade, a independência ou a soberania dos países membros, como pretendem fazer crer os revisionistas eurocomunistas, mas para arrebatá-las, para preservar a dominação e a hegemonia das superpotências nestes países. É sabido que um dos principais objetivos do imperialismo norte-americano ao criar a OTAN foi o de defender com sua política, mas também recorrendo às armas, os interesses do capital e dos Estados Unidos na Europa e reprimir a ferro e fogo toda revolução que aí pudesse ser deflagrada. Estes objetivos da OTAN são precisamente os que os revisionistas eurocomunistas apóiam.

A política dos blocos é a política agressiva das superpotências, que emana de sua estratégia expansionista e hegemônica, de seus objetivos de estabelecer a dominação global e exclusiva em todo o mundo. Os eurocomunistas não vêem ou não querem ver esta natureza rapace do imperialismo, porque, segundo suas "teorias", o grande capital, que é a base do mesmo, está se "democratizando", tomando-se "popular", porque a grande burguesia está se "integrando ao socialismo". Tampouco os revisionistas franceses se diferenciam de seus irmãos italianos no que se refere a sua fidelidade à OTAN, mas para estar em uníssono com os giscardianos ou os gaullistas defendem também a posição preferencial que deve ter a França nestas organizações. Por sua vez, o partido de Carrillo não recua de suas intenções de converter-se no porta-voz do ingresso da Espanha na OTAN. Assim, o frustrado sonho de Franco poderia finalmente realizar-se.

O Mercado Comum Europeu e a Europa Unida, esta grande união de monopólios capitalistas e das sociedades multinacionais para explorar os povos e as massas trabalhadoras da Europa e do mundo, são para os eurocomunistas uma "realidade" que deve ser admitida. Porém, admitir esta "realidade" significa admitir a supressão da soberania e das tradições culturais e espirituais dos diversos países europeus em favor dos interesses dos grandes monopólios, a liquidação da personalidade dos povos europeus e sua transformação em uma massa de oprimidos pelas multinacionais, dominadas pelo grande capital norte-americano.

As bandeiras dos eurocomunistas de que sua participação no "parlamento e nos outros organismos da comunidade européia conduzirá à transformação democrática" e à criação de uma "Europa dos trabalhadores", são puro engodo e demagogia. Assim como a sociedade capitalista de cada país não pode transformar-se numa sociedade socialista através do "caminho democrático", a Europa tampouco pode chegar a ser socialista através dos discursos que os eurocomunistas pronunciam nas reuniões propagandísticas do parlamento da Europa Unida. Por isso a atitude dos eurocomunistas para com o Mercado Comum Europeu e a Europa Unida é uma atitude própria de oportunistas e direitistas, que emana de sua linha de conciliação de classe e de submissão à burguesia, que busca desorientar as massas trabalhadoras, conter seu ímpeto combativo em defesa de seus próprios interesses de classes e dos da nação inteira.

A ideologia reformista, a submissão à burguesia e a capitulação ante à pressão imperialista têm transformado os partidos eurocomunistas não só em partidos antirevolucionários, mas também em partidos antinacionais. Raras vezes se pode encontrar, inclusive nas fileiras da burguesia, pessoas que se considerem políticos e que aceitem o conceito de "soberania limitada", tal como faz Carrillo. "...Temos consciência, escreve, de que essa independência será sempre relativa...". Na Espanha "democrática e socialista", programada por ele, a inversão de capitais estrangeiros e o funcionamento das multinacionais..." não serão obstaculizados..." e acrescenta: "Teremos que paga rum tributo em mais-valia ao capital estrangeiro durante bastante tempo... mas isto facilitará o desenvolvimento daqueles setores que convém ao interesse nacional".*

Com suas atitudes de defesa dos monopólios e dos interesses das potências imperialistas, os eurocomunistas vêm se opondo às tradições antiimperialistas é democráticas dos operários franceses, espanhóis e italianos. Vêm se opondo inclusive às tradições patrióticas e à luta que os trabalhadores e os homens progressistas destes países têm travado contra a OTAN, as bases norte-americanas da Europa, as ingerências e as pressões do imperialismo norte-americano. Os eurocomunistas abandonaram estas posições e passaram para o campo da reação.

A idéia da conciliação de classes e da submissão à dominação estrangeira que perpassa toda a linha política e ideológica dos eurocomunistas fica patente também na atitude que adotam para com os

* ***S. Carrillo*, "Eurocomunismo" y Estado*, ed. esp., p. 135-8***

movimentos revolucionários, de libertação nacional e antiimperialistas. Como não lutam pela revolução em seu próprio país, tampouco apóiam a revolução em outros países. Não procuram debilitar a burguesia imperialista e neocolonialista de seus países, portanto jamais podem considerar a revolução nos países oprimidos como uma ajuda direta ao desmoronamento do sistema capitalista. Para eles não existem o processo único da revolução, os vínculos naturais de suas diversas correntes e a necessidade da ajuda mútua.

Vez ou outra, para enganar o povo, fazem, com fins propagandísticos, uma ou outra alusão a favor dos movimentos antiimperialistas. Mas isto soa como frases ocas, sem um conteúdo concreto e sobretudo não vai acompanhado de ações políticas. Seu "respaldo" é fundamentalmente uma postura de certo modo "esquerdista", uma maneira de estarem na moda e fazerem-se passar por progressistas, democratas.

Em sua atitude em relação ao movimento revolucionário e de libertação, os eurocomunistas, em seu conjunto, fizeram sua a ideologia do não alinhamento, que surgiu para justificar a submissão dos povos à dominação das potências imperialistas e apresentar o neocolonialismo como a via que permite aos países ex-coloniais sair da pobreza e assegurar seu desenvolvimento. "Momento fundamental da luta pela paz, pela cooperação internacional e por uma política de coexistência pacífica é cada vez mais o esforço pela construção de um novo sistema e de uma nova ordem internacional, também no campo econômico",* escreveram os revisionistas italianos nas teses de seu último congresso. Estes revisionistas são conseqüentes em sua linha oportunista. Da mesma forma que procuram reformar o regime capitalista em seu país, pensam que com algumas reformas pode-se modificar o caráter explorador das relações econômicas internacionais do sistema capitalista. A respeito da nova ordem econômica mundial, e do que pensam os eurocomunistas, também fala Carrillo. Inclusive o faz de modo mais explícito: "De todo modo, diz ele, tem-se que partir de uma realidade objetiva: apesar de o imperialismo já não ser o sistema único mundial, continua existindo um mercado mundial que se rege pelas leis objetivas de intercâmbio de mercadorias, leis, enfim, capitalistas".**

Segundo Carrillo estas "leis" objetivas capitalistas não podem mudar nem ao menos serem substituídas nas condições do socialismo.

---

* **La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani,** ***Roma, 1979, p. 40.***

** ***S. Carrillo,*** **"Eurocomunismo" y Estado,** ***ed. esp., p. 159***

Para "fundamentar" esta tese, toma como exemplo o caráter capitalista das relações econômicas entre os países revisionistas. Em outras palavras, conforme Carrillo, resulta inútil que os povos se lancem em luta contra a opressão nacional e neocolonialista, contra os intercâmbios desiguais entre os países capitalistas desenvolvidos e os pouco desenvolvidos, que se traduzem sobretudo no feroz saque das matérias primas destes útlimos. Este é o regime internacional que Carrillo busca preservar e que Berlinguer trata de dar-lhe algum retoque para que pareça jovem e bem disposto.

Uma linha que está em oposição aos verdadeiros interesses nacionais do país, uma linha que defende a hegemonia e a expansão imperialista, que elogia o neocolonialismo e canoniza a exploração capitalista estrangeira está condenada ao fracasso. As leis objetivas de desenvolvimento da história são imutáveis. A nova ordem mundial pela qual combatem o proletariado e os povos não é a ordem imperialista que apregoam os eurocomunistas, mas a ordem socialista a que pertence o futuro.

A atitude dos partidos revisionistas italiano, francês e espanhol para com a União Soviética e suas relações com este país, tem-se convertido nos últimos anos em um importante objeto de discussão e interpretação por parte de toda a burguesia internacional. Os esforços dos eurocomunistas por se mostrarem "independentes" de Moscou, "originais" e inclusive adversários da União Soviética, aparentemente para enganar a burguesia de seus países, têm de fato como objetivo iludir o proletariado de seus países e o proletariado internacional. Não se exclui em absoluto a possibilidade de que seja uma manobra dos revisionistas soviéticos para fazer crer que têm diferenças e contradições profundas e de "princípio" com os partidos comunistas da Europa Ocidental, em particular com os partidos italiano e francês, com a finalidade de propiciar a participação destes partidos nos governos burgueses de seus países. Se isto fosse conseguido, favoreceria os interesses do social-imperialismo soviético, a exercer a dominação mundial, porque debilitaria seus rivais, aumentando a influência e a hegemonia da União Soviética em diversos países. Os revisionistas kruschovistas necessitam disto também para apoiar sua tese antimarxista da "tomada do Poder pela via pacífica", e "provar" assim o que não pôde ser provado no Chile. No XXV Congresso do PCUS, Brezhnev assinalou que a experiência chilena não invalida a teoria da tomada do Poder pela via parlamentar.

Por outro lado, o eurocomunismo é uma espécie de idéia que se

encaixa perfeitamente na grande burguesia capitalista européia, que incita e inflama por todos os meios as contradições entre os eurocomunistas e os social-imperialistas soviéticos, segundo seu interesse em debilitar a potência ideológica revisionista e a influência da União Soviética. Trata de apresentar o revisionismo italiano, espanhol, francês etc., como um bloco ideológico que está sendo criado na Europa contra o bloco revisionista soviético. E posto que se trata de um agrupamento ideológico anti-soviético, compreende-se que este eurocomunismo está sob influência da burguesia reacionária dos países industrializados da Europa.

Seja lá como for, ao Kremlin não interessa que o eurocomunismo saia completamente de sua inflência. Por isso, a propaganda montada no Ocidente em tomo do eurocomunismo, apresentando-o como corrente ideológica "independente", acende as iras de Moscou. E isto se deve também a que assim se torna pública a cisão que de fato existe, já há muito tempo, entre os partidos revisionistas da Europa Ocidental e o partido revisionista da União Soviética e seus satélites da Europa Oriental.

Entre estes partidos nunca houve, não há, nem haverá unidade. Porém, interessa ao Partido Comunista da União Soviética que externamente se note uma certa unidade entre os partidos revisionistas, não somente da Europa, como também de todo o mundo. O Partido Comunista da União Soviética, dissimulando suas verdadeiras intenções, trata de conservar sua hegemonia ideológica sobre todos os demais partidos revisionistas do mundo. Está ansioso por firmar declarações e comunicados conjuntos com os outros partidos revisionistas para aparentar que existe a unidade com eles e o respeito para com a direção soviética.

Fissuras e desacordos entre o Partido Comunista Italiano e o Partido Comunista Francês, por um lado, e os revisionistas kruschovistas, por outro, existiram já na época de Togliatti e de Thorez, e os desacordos e divergências vêm aumentando e agravando-se continuamente. Sem dúvida, jamais haviam chegado a tal ponto de exacerbação como no presente. Agora o agravamento de suas relações saiu à luz. O *Pravda* atacou Carrillo e condenou o eurocomunismo. Carrillo, por sua vez, respondeu a Moscou em termos igualmente duros. Pôs os pingos nos "is" quanto à orientação ideológica e política revisionista de seu partido e rompeu os laços de dependência com o Partido Comunista da União Soviética.

Depois da crítica do *Pravda* e da resposta de Carrillo, a Liga dos Comunistas da Iugoslávia assumiu a defesa apaixonada do Partido

Comunista da Espanha. Os revisionistas iugoslavos tomaram abertamente a defesa de Carrillo, porque sempre foram favoráveis a esta separação, à rutura dos partidos revisionistas com Moscou. Este tem sido desde há muito seu objetivo.

Os partidos revisionistas francês e italiano, por sua parte, são algo mais comedidos nesta polêmica, umas vezes a endurecem, outras vezes baixam o tom ou a extinguem completamente. Isto não quer dizer que possuam uma "prudência" especial, mas, pelo que parece, é devido à existência de alguns vínculos materiais ou de outra índole, que querem conservar porque lhes trazem benefícios. Precisamente para manter estes elos ligados à força dos rublos, que existem desde há muito tempo entre eles e os soviéticos, desejam acalmar um pouco os ânimos e impedir que a polêmica com os kruschovistas adquira proporções incontroláveis. As visitas de Berlinguer, Pajetta e outros a Moscou buscaram este mesmo objetivo. Os líderes revisionistas italianos declararam que iam a Moscou para explicar aos dirigentes soviéticos que entre eles não deve existir uma dura polêmica e que Moscou não tem o direito de imiscuir-se e intervir na linha de um partido comunista de outro país, visto que cada um destes partidos tem direito de definir sua própria estratégia e sua linha conforme a situação do país e tendo em conta, segundo dizem, também a experiência do movimento comunista internacional. Moscou está disposta a subscrever estas teses, mas como contrapartida exige o reconhecimento de seu "socialismo" e sobretudo a aprovação de sua política exterior em suas principais direções. Quando Marchais aplaude a invasão soviética no Afeganistão e apresenta a política expansionista do Kremlin como a mais alta expressão da "solidariedade internacional", Brezhnev não pode deixar de pelo menos recompensá-lo aprovando a "via democrática" tão querida pelos revisionistas franceses e que, além disso, coincide inteiramente com as teses do XX Congresso kruschovista.

Os partidos revisionistas italiano, francês e espanhol, ainda que atualmente tenham uma estratégia idêntica, em suas táticas apresentam certas diferenças, devido às peculiaridades da burguesia destes três países. A burguesia francesa é uma burguesia forte, uma burguesia com uma grande experiência. Além do mais tem um grande poderio político-ideológico, sem falar de sua força econômica e de seu potencial militar e policialesco. Por outro lado, a burguesia italiana é menos poderosa que a francesa. Não obstante deter o Poder, apresenta bastantes pontos débeis. Esta situação tem permitido ao partido revisionista italiano entabular negociações, estabelecer muitas formas de colaboração, inclusive

as parlamentares, com os outros partidos, para não falar da colaboração através dos sindicatos com a burguesia capitalista italiana e em primeiro lugar com seu partido democrata-cristão. É por esta razão que o partido de Berlinguer trata de avançar junto com a burguesia, fazendo ao mesmo tempo uma política **de bascule*** entre Moscou e a burguesia de seu país, por saber que também a burguesia italiana tem seus interesses com respeito à União Soviética. Não esqueçamos os grandes interesses que a burguesia italiana tem na União Soviética.

Também a burguesia francesa, que conhece a União Soviética revisionista, não marcha de olhos fechados em sua política, como gostariam e como apregoam os revisionistas chineses, que pretendem que a França agrave suas relações com a União Soviética. Naturalmente as relações entre estes dois países não são suaves, mas tampouco tensas como desejariam os chineses. Enquanto isso, também o Partido Comunista Francês, em sua política de entendimento com os socialistas, toma cuidado para não se opor a Moscou de maneira aberta e categórica, mas procura manter com este um certo **status quo**, ao mesmo tempo que trata de alinhar-se e unir-se à burguesia francesa.

As coisas são diferentes com a burguesia espanhola. Depois de Franco, o partido de Suárez no Poder, em colaboração com outros partidos, é o representante de uma burguesia que tem suas próprias tradições, mas que são tradições mais para o lado da ditadura fascista. É uma burguesia que tem passado por muitas perturbações, que não lhe foi permitido criar a estabilidade que criou a burguesia francesa e atrás dela a burguesia italiana. Agora está levantando-se. Carrillo, com sua ideologia revisionista, tem-se integrado neste processo, no processo de consolidação e de fortalecimento de um regime capitalista que mantém estreitos vínculos com o imperialismo norte-americano e que está esforçando-se para entrar na OTAN, na Europa Unida etc. Tudo isto limita o campo de manobra tanto da burguesia como do partido revisionista espanhol; não lhe fica muito espaço para o jogo com Moscou.

O eurocomunismo é também do agrado do Partido Comunista da China, como ideologia e como atividade prática. O Partido Comunista da China está de acordo tanto com a denominação como com o conteúdo da linha destes três partidos. A China, enquanto Estado e como partido que determina a linha e a estratégia deste Estado, marcha segundo as conjunturas mundiais que variam sem cessar. O Partido Comunista da China vê no agrupamento chamado eurocomunismo um adversário

* ***Em francês no original: de equilíbrio***

ideológico da União Soviética, a quem considera o inimigo número um.

Por isso, a China, ao mesmo tempo que apóia sem a menor vacilação, que sustenta sem a menor reserva toda força que se oponha à União Soviética (com exceção dos marxistas-leninistas e dos revolucionários autênticos) respalda e aprova também o eurocomunismo. Há tempos que o Partido Comunista da China estabeleceu laços com Carrillo, como os está estabelecendo também hoje com Berlinguer. Deu um passo neste sentido enviando o embaixador chinês a Roma como representante oficial do Partido Comunista da China no último congresso do Partido Comunista Italiano. Recentemente, Berlinguer foi recebido em Pequim. Não resta dúvida de que estabelecerá vínculos também com o partido revisionista francês. Estes vínculos irão aumentando gradualmente e se reforçando. Isto é inteiramente realizável quando existem identidade de estratégia e táticas similares. Se há atrasos em estabelecer estreitas relações, a causadora é a China, que teme avançar muito rapidamente em direção aos partidos eurocomunistas para não desgostar os altos círculos da burguesia dominante destes países, e principalmente os partidos da direita, aos quais dá prioridade e considera como seus mais próximos aliados.

Os autênticos partidos marxistas-leninistas da Europa e de todos os continentes não se deixam enganar pelas táticas e manobras dos revisionistas soviéticos, que pretendem fazer crer que estão em polêmica e em oposição ao chamado eurocomunismo. Não acreditam que entre eles possa haver alguma brecha. Em seus princípios, os revisionistas não apresentam brechas, mas sim em suas táticas, com o fim de realizar melhor sua estratégia, que busca a dominação global do revisionismo contemporâneo sobre o proletariado mundial. Por isso, os partidos marxistas-leninistas desmascaram e combatem igualmente tanto o revisionismo contemporâneo soviético como o iugoslavo, chinês e eurocomunista. Nesta questão não existe nem deve existir nenhuma ilusão.

III

A IDEOLOGIA REFORMISTA E O OPORTUNISMO POLÍTICO, CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DOS PARTIDOS EUROCOMUNISTAS

Como vimos, o revisionismo contemporâneo manifesta-se através de várias correntes e adquire diversos matizes conforme as condições políticas, econômicas e sociais concretas de cada país ou grupo de países. Assim aconteceu também com os partidos que atualmente são conhecidos com o nome de eurocomunistas. Apesar de representarem uma corrente em si do revisionismo contemporâneo, a que mais se ajusta aos interesses da burguesia dos países capitalistas desenvolvidos, como são os países da Europa Ocidental, os partidos revisionistas italiano, francês e espanhol têm também algumas peculiaridades.

A Constituição do Estado burguês, base do "socialismo" togliattista

Falando sobre a "terceira via", que constitui a nova estratégia do revisionismo eurocomunista, em seu informe intitulado *O progresso rumo ao socialismo na paz e na democracia...* apresentado ao XV Congresso do PCI, Berlinguer dá algumas explicações mais completas do que ele e seus parceiros entendem por terceira via. "Trata-se, diz ele, de uma expressão afortunada... que acabamos aceitando... Tivemos primeiro a experiência da II Internacional: a **primeira fase** da luta do movimento operário para sair do capitalismo... Mas esta experiência... terminou fracassando com a Primeira Guerra Mundial e os nacionalismos.

A **segunda fase**, prossegue Berlinguer, inaugurou-se com a revolução russa de Outubro...".* A este respeito, segundo ele, deve-se proceder a uma análise crítica da história e da realidade da União Soviética, porque tampouco esta experiência é valiosa. E assim, para Berlinguer, a terceira fase começou agora, com o eurocomunismo. A tarefa do movimento operário na Europa Ocidental, declara ele, é a "busca de

---

* ***E. Berlinguer,*** **Per il socialismo nella pace e nella democrazia in Italia e in Europa,** ***Roma, 1979, p. 38***

novas vias de avanço rumo ao socialismo e de construção do socialismo".*

A via para chegar a esta "sociedade", segundo os revisionistas italianos, é "a linha traçada pela Constituição republicana, para conduzir a transformação da Itália numa sociedade socialista baseada na democracia política".** Os revisionistas franceses, por sua vez, que não podem apresentar a Constituição de De Gaulle como base de seu socialismo, não somente porque não participaram de sua elaboração, mas também porque votaram contra, não a mencionam, mas na prática também não a negam.

Há muito tempo que os revisionistas italianos vêm defendendo a idéia de chegar ao "socialismo" através da Constituição burguesa. Já em 1944 Togliatti declarava em seus discursos que os tempos eram outros, que a classe operária havia mudado, assim como tinham-se modificado as vias para a tomada do Poder. Com isto, queria dizer que "havia passado o tempo das revoluções e era chegado o momento das evoluções", que "o Poder somente pode ser tomado através do caminho das reformas, da via parlamentar, através dos votos".

Mais tarde, na reunião do Comitê Central do Partido Comunista Italiano de 28 de junho de 1956, imediatamente após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Togliatti dizia: "deve-se prever um progresso socialista que possa desenvolver-se precisamente no terreno definido e previsto pela Constituição e que é o terreno das liberdades democráticas e das transformações sociais progressistas... Esta Constituição ainda não é uma Constituição socialista, mas, visto que é a expressão de um amplo movimento unitário, renovador, difere radicalmente das outras Constituições burguesas; representa uma base efetiva para o desenvolvimento da sociedade italiana no caminho que conduz ao socialismo".

Que a Constituição italiana seja diferente, por exemplo, da Constituição dos tempos da monarquia e do fascismo e que nela figurem uma série de princípios democráticos, isto é compreensível; estes princípios foram impostos pela luta da classe operária e do povo italiano contra o fascismo. Porém, não só a Constituição italiana contém tais princípios. Depois da Segunda Guerra Mundial, a burguesia de todos os

---

* ***E. Berlinguer,*** **Per il socialismo nella pace e nella democrazia in Italia e in Europa,** ***Roma, 1979, p. 39***

** **La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani,** ***Roma, 1979, p. 3***

países capitalistas da Europa esforçou-se desta ou daquela maneira para deter o avanço da classe operária, reconhecendo-lhe alguns direitos no papel e negando-os na prática.

As liberdades e os direitos que a Constituição italiana prevê são liberdades e direitos puramente formais, diariamente violados pela burguesia. A Constituição prevê, por exemplo, uma certa limitação da propriedade privada, o que, no entanto, não tem impedido que os Fiat e os Montedison enriqueçam e os operários empobreçam cada vez mais. A Constituição prevê o direito ao trabalho, mas isto não constitui um obstáculo para que o patronato capitalista e o Estado a seu serviço atirem às ruas cerca de dois milhões de operários. A Constituição garante uma série de direitos democráticos, mas não impede que o Estado italiano, os carabineiros e a polícia, com base nos direitos reconhecidos pela Constituição, atuem quase abertamente, na estruturação de um mecanismo que está pronto para instaurar um regime fascista. Também os diferentes comandos fascistas, desde os de extrema direita, até os autodenominados **brigate rosse*** e os terroristas da praça **Fontana**, encontram justificativas para seus atos na Constituição italiana.

Não passa de um simples absurdo imaginar que a burguesia italiana elaborou sua conhecida Constituição para conduzir a sociedade ao socialismo, como acreditam os togliattistas. A Constituição italiana, assim como as demais leis fundamentais dos países burgueses, sanciona a dominação política, legislativa e executiva indivisível da burguesia do país, sanciona a defesa de sua propriedade e de seu Poder para explorar as massas trabalhadoras. Confere bases legais aos órgãos repressivos para restringir a liberdade e os direitos democráticos do povo, para exercer sua repressão e sua dominação sobre todos e sobre tudo. Algumas belas palavras, como liberdade, igualdade, fraternidade, democracia, justiça etc., podem muito bem figurar duzentos anos na Constituição, mas na prática não serão concretizadas nem daqui a dois mil anos, se a burguesia capitalista não for derrocada junto com suas Constituições e suas leis.

Para os revisionistas italianos a Constituição vigente é sua bíblia e a burguesia não poderia encontrar advogados melhores para defendê-las e propagandistas mais empenhados em divulgá-la. A defesa ardente que os revisionistas italianos fazem da Constituição de seu Estado capitalista testemunha que não podem conceber nenhum outro sistema social, fora da sociedade burguesa, fora de suas instituições políticas, ideológicas, eco-

* ***Em italiano, no original: Brigadas vermelhas***

nomicas, religiosas e mulitares. Para eles o socialismo e o atual Estado capitalista italiano são a mesma coisa. O oportunismo, em cuja sombra nasceram e cresceram os chefetes do partido revisionista italiano, ofuscou-lhes a visão e fechou-lhes todos os horizontes. Os revisionistas italianos converteram-se em guardiães do regime capitalista. Inclusive, apresentam este papel e o mencionam em seus documentos como uma virtude."... nestes trinta anos — afirma-se nas teses para o XV Congresso do PCI — o partido comunista tem seguido uma linha de coerente defesa das instituições democráticas (leia-se burguesas); uma linha de organização e desenvolvimento da vida democrática entre as massas trabalhadoras e os cidadãos, de lutas pelas liberdades individuais e coletivas, pelo respeito e aplicação da Constituição. O PCI tem aplicado tal política através da busca constante da unidade com o Partido Socalista Italiano, com as outras forças democráticas, leigas e católicas, e através de qualquer possível convergência, mesmo com a Democracia Cristã, ainda que lute na oposição, **a fim de evitar a rutura do marco democrático constitucional**".* É impossível ser mais explícito. Não pode haver maior testemunho de fidelidade servil à burguesia. "Evitar a rutura do marco democrático constitucional" significa evitar a derrocada do regime burguês existente, evitar a revolução, evitar o socialismo. Que mais pode pedir a burguesia aos revisionistas?

Há 35 anos, a burguesia italiana, os revisionistas, a igreja e outros vêm enganando o povo italiano dizendo-lhe que a vida humilhante que leva, a miséria em que vive, a exploração feroz, a corrupção, o terrorismo e todas as demais mazelas que caracterizam a Itália decorrem da "não aplicação conseqüente da Constituição". Porém, a situação na Itália foi e continua sendo deplorável, não porque a Constituição não tenha sido levada à prática, mas devido ao sistema que esta defende. O presente é o resultado de todo o desenvolvimento da Itália no pós-guerra.

A Itália, que conheceu os males do regime monárquico dos Saboya e os horrores do regime fascista, a pobreza econômica e a degenerescência moral e política trazidas por este regime, que sofreu as destruições da Segunda Guerra Mundial, saiu dessa guerra economicamente arruinada e mergulhou numa profunda crise política, moral e social, que persiste até hoje.

Uma vez terminada a guerra, a Itália sucumbiu ao caos, mas também se converteu em circo, onde o papel dos acrobatas e dos palhaços

---

* **La política e l'organizzazione dei comunisti italiani,** ***Roma, 1979, p. 11.***

passou a ser desempenhado pelos novos hierarcas, que faziam brilhar os uniformes dos partidos reformados com distintivos "rutilantes", socialistas, social-democratas, democratas-cristãos, liberais, comunistas etc. Um partido se fazia passar por continuador do partido de Gramsci, outro de Dom Sturzo, outro de Croce, outro de Mazzini. De país do silêncio e da boca fechada como era a Itália nos tempos do fascismo, converteu-se no país típico do alvoroço ensurdecedor.

Se o capital norte-americano fincou apenas um pé nos diversos países da Europa, na Itália fincou os dois. Isto porque a burguesia italiana é a mais degenerada, a mais cosmopolita, a mais apátrida e a mais entregue à corrupção geral.

Os democratas-cristãos sempre levaram e continuam levando as rendas da Itália. Também os outros partidos burgueses exigem ter sua parte nesta feira onde tudo se vende por atacado e a varejo, inclusive a própria Itália. Uma expressão desta luta pelo Poder, da competição e da rivalidade entre os partidos, são as inumeráveis e freqüentes mudanças de governo. Fazem-se mudanças, mas o eixo continua sendo o partido democrata-cristão, que fica com a parte do leão. Os democratas-cristãos têm dado evidências de serem ágeis equilibristas na formação dos gabinetes ministeriais, dando em troca aos seus rivais algo em conta-gotas, tratando de fazê-los crer que são e não são os incontestáveis dominadores do país. Desta forma, às vezes colocam em evidência a **centro-esquerda,** outras, a **centro-direita,** algumas vezes constituem um gabinete **monocolore** e outras **bicolore.** Tudo isto não passa de mera ilusão, com a qual querem demonstrar que estariam encontrando uma solução para o caos, a miséria, a fome, o desemprego, a crise terrível e multilateral por que atravessa o país.

Atualmente florescem na Itália crimes de todos os tipos. O neo-fascismo se organizou em partido parlamentar de um sem-número de grupos terroristas e quadrilhas, que os italianos qualificam de "cordeiros" do secretário geral do partido fascista, Almirante. A máfia criminosa cravou suas garras em todas as partes e o crime, os roubos, os assassinatos e os seqüestros transformaram-se numa indústria moderna. Nenhum italiano se sente seguro. O exército, o corpo de carabineiros e os órgãos da policia s eta incharam tanto que sufocam o país. Foram inflados para supostamente defender o povo e a "ordem democrática" contra os "brigadistas", ultraesquerdistas e ultradireitistas. Mas, na realidade, sem estes órgãos, é impossível defender os grandes ladrões e assassinos que ocupam cadeiras no parlamento ou exercem cargos nos Estados-Maiores do exército, da polícia etc.

Ao mesmo tempo, a Itália está atolada em dívidas e sua moeda é a mais débil da Europa Ocidental. Hoje a Itália é chamada a "doente" da Europa dos Nove. Ninguém confia nessa Itália com esse regime putrefato, nessa Itália que pode enveredar por caminhos perigosos não só para o povo italiano mas também para os seus vizinhos.

Os diferentes governos italianos, para não mencionar os do período do fascismo mussoliniano, têm mantido em geral atitudes inamistosas com a Albânia, abertas ou camufladas. Os reacionários traidores albaneses, que fugiram em barcos ingleses, concentraram-se na Itália, onde foram organizados e treinados pelos governos italianos do pós-guerra, pelo Vaticano, permanente inimigo da Albânia, e pelos anglo-americanos, para atuar contra a nova Albânia. Nos primeiros anos posteriores à libertação, nosso povo teve que travar uma dura luta contra os elementos subversivos introduzidos em nosso país a partir da Itália. Todos conhecem a sorte que tiveram, que não foi melhor que a de outros. Alguns dos traidores albaneses exilados permaneceram na Itália, enquanto os demais se dirigiram aos Estados Unidos, à Bélgica, à Inglaterra, à Alemanha Federal e a muitos outros países, para onde foram enviados pelos serviços de espionagem imperialistas.

Os governos italianos, sabendo que com atos de subversão nada conseguiriam contra a nova Albânia, passaram a adotar uma atitude política que "consistia em ignorar" nosso Estado. É certo que entre os dois países foram estabelecidas relações diplomáticas, mas as relações em outros campos sempre permaneceram num nível baixo. Os governos italianos jamais deram mostras de boa vontade para desenvolvê-las. Nenhum desses governos jamais condenou publicamente a selvagem agressão de Mussolini contra a Albânia. No entanto, interessaram-se em desenterrar e levar à Itália os restos mortais dos soldados italianos abatidos por nossos guerrilheiros durante a Luta de Libertação Nacional, consagrá-los como "heróis que haviam lutado pela grandeza da Itália" e render-lhes homenagens todos os anos.

Os órgãos da imprensa italiana, em sua maioria, raramente publicam algo de positivo sobre a Albânia. Entre toda a imprensa mundial, têm-se destacado por uma atitude de desinformação e difamação de nosso país.

As posições dos revisionistas italianos a esse respeito não se distinguem em nada dessa atitude da imprensa e dos governantes italianos. Em 1939, os dirigentes do Partido Comunista Italiano observaram de longe os exércitos fascistas que partiam para arrebatar a liberdade de um pequeno povo vizinho. Nem sequer se colocaram ao nível dos

socialistas italianos, que condenaram o imperialismo de seu país nos tempos da guerra de Vlora em 1920. Após a guerra, os principais dirigentes do Partido Comunista Italiano tampouco se dignaram a visitar a Albânia, denunciar os crimes do fascismo e expressar sua solidariedade ao povo albanês, que havia sofrido massacres e devastações e tinha combatido heroicamente o fascismo italiano.

O Partido Comunista Italiano tem-se esforçado continuamente para despojar seus membros e o proletariado italiano do espírito revolucionário, para inculcar-lhes a idéia da conciliação de classes e apagar de suas mentes a idéia de arrebatar o Poder dos capitalistas mediante a violência. Não passa de um partido social-democrata como os outros partidos, mas que tem ficado na oposição e não é chamado a participar do festim do poder por ter sido membro da III Internacional e porque, segundo parece, a burguesia pretende conseguir maiores garantias dele.

O Estado burguês "democrático" italiano subvenciona o Partido Comunista Italiano com bilhões de liras, assim como faz com os outros partidos parlamentares. Mas, o partido revisionista tem muitas outras fontes de renda que procedem de empresas comerciais e de diferentes subvenções, concedidas sob diversas formas de comissão. Conta com sua aristocracia e seus plebeus. Os aristocratas são os deputados, os senadores, os prefeitos e os vereadores das Câmaras Municipais, assim como os funcionários permanentes.

As idéias de Togliatti, a linha social-democrata e o explícito distanciamento em relação ao marxismo-leninismo foram codificados pelo X Congresso do Partido Comunista Italiano realizado em 1962. Togliatti era um intelectual reformista e permaneceu assim até o final de seus dias, até o *Testamento de Yalta,* em que reiterou seu "policentrismo" e propugnou o "pluralismo" partidário para a suposta passagem ao socialismo, a "liberdade de religião", "de expressão", os "direitos humanos" etc. Esta era a via do chamado socialismo italiano.

O X Congresso apresentou a "via italiana para o socialismo" como um caminho original, como um novo desenvolvimento do marxismo, como a superação dos ensinamentos da Revolução de Outubro e de todas as experiências das revoluções socialistas ocorridas até então. Na realidade, tratava-se da via das "reformas estruturais", da via revisionista, oportunista, adaptada às necessidades e à situação do capital monopolista italiano.

Segundo a "teoria" das "reformas estruturais", chegar-se-ia ao socialismo por meio de reformas graduais, que seriam pacificamente obtidas do capital monopolista. Tais reformas graduais só seriam

possíveis através do parlamentarismo, graças à força do voto, independentemente de os monopólios capitalistas possuírem as riquezas e as armas, e de exercerem a direção no parlamento e na administração. Segundo eles "a reforma das estruturas sociais e econômicas", que supostamente poderia ser realizada nos limites do Estado burguês, "eliminará a exploração e a desigualdade, permitirá... uma gradual superação da divisão entre governantes e governados, tomará possível caminhar rumo a uma plena emancipação do homem e da sociedade".*

Os revisionistas italianos caíram totalmente nas posições do tradeunionismo e da social-democracia, que limitam a luta dos operários unicamente às reivindicações econômicas e democráticas, que pensam ser possível evitar as conseqüências da ordem capitalista mantendo-a intata. Porém, a história tem confirmado que isto não passa de uma utopia, posto que os efeitos não podem ser eliminados sem liquidar as causas, que repousam no próprio sistema capitalista. Atualmente, os próprios dirigentes revisionistas italianos admitem a eloqüente passagem para as posições da social-democracia, inclusive com uma certa jactância por terem conseguido dar este passo "histórico". No último congresso do Partido Comunista Italiano, o ex-presidente do parlamento italiano e membro da direção do partido, Ingrao, declarou: "Temos muito que aprender com a social-democracia". É certo que os dirigentes do partido revisionista italiano são ainda alunos principiantes comparados com os velhos professores social-democratas na revisão do marxismo-leninismo e na luta contra a revolução. Mas, ambos se igualam no irrefreável afã de servirem incondicionalmente à burguesia como lacaios.

Os revisionistas podem pregar dia e noite, podem gastar toda a saliva de tanto falar em todas as praças e rezar em todas as igrejas da Itália, porém jamais poderão realizar seu sonho reformista de chegar ao socialismo através do parlamento, da Constituição e do próprio Estado burguês.

A linha das "reformas estruturais" de Togliatti transformou-se hoje no "compromisso histórico" com a burguesia, proclamado por Berlinguer. Esta bandeira com que a direção revisionista italiana se ilude foi lançada precisamente num momento em que o Estado burguês capitalista italiano se encontrava numa crise muito profunda. Com o "compromisso histórico", o Partido Comunista Italiano ofereceu à Democracia Crista, representante do grande capital e da alta hierarquia eclesiástica, sua colaboração para sair desta situação e salvar este Estado.

* **La politica e l'organizzazione dei comunisti italiani,** ***Roma, 1979, p. 11.***

O "compromisso histórico" de Berlinguer é a continuação das velhas orientações do Partido Comunista Italiano, que, mal terminada a guerra, solicitou participar do Poder burguês e unir-se com os socialistas de Nenni. É também a continuação de seu conhecido namoro com o então presidente dos democratas-cristãos, Alcide de Gasperi, é a mão estendida de Togliatti e de Longo aos católicos. Berlinguer converteu esta orientação de tática em estratégia. O "compromisso histórico", proposto pelo Partido Comunista Italiano, é a velha política liberal que sempre se ajusta á Itália **comme um gant**.*

O "compromisso histórico" de Berlinguer foi uma tentativa e uma esperança surgida sob a influência dos acontecimentos do Chile. Quando os revisionistas italianos viram que o socialista Allende não pôde manter-se no Podei: sem colaborar com o Partido Democrata Cristão de Frei, pensaram que tampouco poderiam chegar ao Poder e nele manter-se sem o apoio e a colaboração dos democratas-cristãos. O medo da instauração do fascismo com a ajuda do imperialismo norte-americano, induziu-os a retrocederem e a fazerem grandes concessões de princípios e no terreno prático, a abandonarem a posição de certo modo independente que tinham até então, a pensarem que poderiam conquistar a maioria parlamentar e governar conjuntamente com uma coalizão de esquerda. A partir deste momento, para evitar que na Itália se repetissem os acontecimentos do Chile, aceitaram desempenhar um papel secundário de quem se submete a uma coalizão não mais de esquerda, mas de direita com os democratas-cristãos.

Quando o Partido Comunista Italiano lançou a palavra-de-ordem do "compromisso histórico", a Itália dava a impressão de estar se transformando num poderoso país industrial. Tanto a reação, como os próprios "comunistas", acreditavam que o "compromisso histórico" era naquele período uma "estratégia" a longo prazo. Mas, veio a crise e o fascismo se reanimou, tornou-se ameaçador, as bombas começaram a explodir, pessoas eram assassinadas e desapareciam. O "compromisso histórico" começou a tornar-se mais atual e parecia "razoável" também a um setor da burguesia e dos democratas-cristãos. Um dos representante dessa corrente era Aldo Moro; este, porém, foi eliminado, porque os democratas-cristãos não estavam, nem estão, dispostos a entrar nesse compromisso, apesar dos reveses que têm sofrido nas eleições.

Nas atuais condições de crise, os democratas-cristãos descobriram alguns métodos e formas de coordenar sua atividade com os

* ***Francês no original: como uma luva.***

"comunistas", em certas questões, quer sejam a nível de sindicatos ou a nível de partidos. Mas, seja como for, eles temem até mesmo um partido comunista italiano **de l'eau de rose**.*

Aceitará o capital monopolista italiano a mão que lhe foi estendida pelo partido comunista? Aquele exige que os revisionistas apóiem o governo no parlamento, votem nos seus programas e leis, ingressem na "maioria parlamentar", na "maioria governamental", mas não no governo, nem no Poder, nem nos centros onde são tomadas as decisões políticas para a direção do país. Os Estados Unidos têm-se pronunciado contra a presença dos revisionistas europeus nos governos dos países membros da OTAN. A burguesia italiana cumpre fielmente esta ordem de seus patrões.

Sempre que se realizam eleições parlamentares, o Partido Comunista Italiano encontra-se ante um grande dilema: não sabe como atuar diante da eventualidade de ganhar um número de votos maior do que os democratas-cristãos. Atemorizado, Berlinguer, atém-se à fórmula de que em todo o caso é necessário formar um governo amplo, com todos os partidos do "arco democrático", que promova certas reformas, naturalmente nos limites de uma "democracia pluralista" e desde que a Itália não saia da OTAN.

Por que Berlinguer desenvolve esta perspectiva? Porque esta é a linha revisionista do Partido Comunista Italiano, que teme assumir responsabilidades frente à crise e à bancarrota do sistema burguês, que não podem ser sanadas com reformas. Por outro lado, o Partido Comunista Italiano teme igualmente a massa de operários e trabalhadores da Itália que, em caso de triunfo desse partido, já não pedirão uma colaboração com os patrões, mas a tomada do Poder. O Partido Comunista Italiano não deseja nem jamais permitirá uma tal situação. Menos ainda a desejam as burguesias monopolistas norte-americana e italiana, que farão tudo o que estiver ao seu alcance para que ela não ocorra.

Um compromisso anti-histórico poderia ser conseguido de início, na eventualidade de o Partido Comunista Italiano ganhar as eleições; tal "compromisso", porém, seria efêmero, suficiente para tranqüilizar a opinião pública até que não lhe apertassem as cravelhas. O capital jamais entrega as armas, se estas não lhe são arrancadas pela força. O Partido Comunista Italiano não é daqueles partidos que caminham para a revolução. Nunca lutou pela instauração de uma sociedade socialista na Itália, assimo como não luta hoje, nem tampouco lutará jamais.

---

* ***Francês no original: água de rosas.***

Os sucessores de Phoudhon na França

A elaboração teórica das "vias" rumo a uma "nova sociedade socialista" preconizada pelos eurocomunistas, vem sendo feita desde há muito tempo por Togliatti e seus discípulos italianos. Mas, na atualidade, são os revisionistas franceses, que, com discursos "filosóficos" megalomaníacos, pretendem recuperar o tempo perdido e apresentar-se como porta-vozes do eurocomunismo, com seus intérpretes e legisladores. Precisamente este papel que têm assumido toma-os ridículos e os desmascara ainda mais aos olhos da classe operária de seu país e dos trabalhadores de todo o mundo.

Georges Marchais converteu-se em zeloso seguidor das teorizações de Roger Garaudy, que impunha seus critérios ideológicos ao Partido Comunista Francês nos tempos de Thorez e que mais tarde foi expulso desse partido. Garaudy pretendia "confirmar" que nos países capitalistas desenvolvidos o proletariado deixou de existir, que se nivelou com os empregados da administração, com os engenheiros e os técnicos, os quais, segundo ele, são todos explorados na mesma medida. Agora, Georges Marchais faz sua esta teoria e inclusive tem ido mais longe. Pelo socialismo que preconiza, se inclinariam todos, não somente a classe operária e os demais trabalhadores, mas também a burguesia e inclusive seu próprio exército e sua polícia. Em suas arengas, Marchais repete: "Queremos chegar ao socialismo, mas somente as vinte e cinco famílias que constituem o grosso do capital na França nos impedem". "Como é possível que nós, que constituímos toda esta força, não possamos fazer ouvir nossa voz e vencer a casta que detém o Poder?" — pergunta-se surpreendido Marchais. E responde a si mesmo que, para chegar ao socialismo, a França precisa apenas de reformas econômicas e políticas. Considera a questão de vencer o capital como algo fácil, que se consegue com algumas palavras, como algo que se derruba com um sopro. A via que os revisionistas franceses preconizam poderá ser tudo o que se quiser, menos o verdadeiro caminho para o socialismo.

Marchais compara e iguala os representantes do atual Poder na França à aristocracia francesa dos tempos anteriores ao triunfo da burguesia, há dois séculos e, ao referir-se aos seus dirigentes, utiliza o termo "estes príncipes que nos governam". Contudo os revisionistas franceses, por sua vez não estão nem sequer nas posições daqueles que fizeram a revolução burguesa da França em 1789. É sabido que esta revolução decapitou a rainha, o rei e todos os "príncipes" que então governavam a França. A burguesia progressista daquele tempo, que pôs

abaixo a monarquia e o feudalismo, não se limitou a isto, mas levou adiante a revolução decapitando também todos os dirigentes das frações reacionárias da burguesia que estavam surgindo: os Feuillants, Vergniaud e Danton. Esta revolução chegou ao seu ponto culminante com a ditadura jacobina dirigida por Robespierre, que foi conduzido à guilhotina pela reação burguesa.

Marchais qualifica o príncipe Poniatowski, ex-ministro do interior de Giscard d'Estaing, de versalhês. Mas se esquece da Comuna de Paris que lutou com as armas contra Thiers e os versalheses. "Os comunardos assaltaram os céus", disse Marx, enquanto que Marchais, com suas teorias revisionistas, trava contra os Poniatowski uma guerra **en dentelles**.*

Os dirigentes do partido revisionista francês se esforçam por explicar as "profundas razões" da decadência da França. "Desde 1976 — escreve-se nas teses do XXIII Congresso do Partido Comunista Francês — o índice de inflação tem-se mantido praticamente num nível elevado; o desemprego tem superado quase 30%; o poder aquisitivo dos trabalhadores tem-se reduzido; o desenvolvimento econômico quase estancou... A austeridade, o desemprego, a superexploração são acompanhados de um aumento dos lucros capitalistas... A França, que dispõe de uma economia industrial diversificada, está vendo hoje serem desmantelados ramos inteiros da produção, como a siderurgia, a construção naval, o setor têxtil, o de calçados, de maquinarias etc. O número de trabalhadores na indústria caiu em mais de 500.000".**

O que se diz sobre a situação na França é algo conhecido. O problema situa-se não em constatar a gravidade da situação econômica e dos trabalhadores na França, mas em como mudar esta situação.

Marx não se restringiu unicamente a diagnosticar a sociedade capitalista, mas indicou também o caminho para superá-la. Os revisionistas contemporâneos abandonaram este caminho científico e se limitam apenas a falar e falar para fazer com que o partido e a classe operária creiam que se interessam por sua situação.

Além disso, os revisionistas franceses referem-se à grave crise que o mundo capitalista atravessa. "A crise atual dos países capitalistas, diz Georges Marchais, é também uma crise internacional... é definitivamente a crise de um sistema de exploração, de dominação e de saque dos trabalhadores e dos povos".*** Mas, como pensa aproveitar este

---

* ***Francês no original: com finezas***

** **Cahiers du communisme,** ***junho-julho, Paris, 1979, p. 361, 363.***

*** ***Idem, p. 356, 358.***

momento crucial por que passa não só a França mas também todo o mundo? Com que tipo de luta? Através da luta de classes ou de discursos? Acaso Marchais acalenta a esperança de, com seus discursos, poder liquidar a burguesia monopolista francesa que reprime o proletariado e os trabalhadores franceses com todo o seu exército e a polícia, que ele acredita estar do seu lado? Não, trata-se de demagogia, por um lado diante do "público" e, por outro lado, para não amedrontar os patrões.

Esses revisionistas se apóiam nas pseudoteorias que eles mesmos inventaram, segundo as quais as situações amadureceram em tal medida que teriam tomado desnecessárias a revolução e a ditadura do proletariado para edificar a nova sociedade socialista. Segundo eles, agora cada classe da sociedade, inclusive cada indivíduo, pensa como um socialista. Na sua opinião, o socialismo se arraigou tão profundamente na consciência das pessoas que ambos constituem um todo único. "O socialismo — afirma-se na resolução adotada pelo XXIII Congresso do Partido Comunista Francês — já se realiza e se realizará ainda mais com uma grande diversidade de formas".* Com estas pseudoteorias pretende-se dizer aos operários que aquilo que Lênin fez com revolução e sangue, agora se consegue sem revolução, sem violência, inclusive sob a cruel repressão do capital.

Os dirigentes revisionistas do Partido Comunista Francês tentam convencer os operários de que todo membro da atual sociedade da França, da Europa e do mundo inteiro chegou a compreender que a sociedade industrial deixou de ter como base o lucro capitalista. Esta é uma teoria completamente falsa, porque o capital monopolista que domina esta sociedade não exige simplesmente lucros, mas o máximo de lucros. Georges Marchais fala ainda da exportação de capitais, entretanto não diz que esta exportação é um meio para explorar barbaramente não só os operários das metrópoles, mas também os operários dos países atrasados ou em vias de desenvolvimento. A exportação de capitais converteu-se na característica fundamental do neocolonialismo.

Georges Marchais chega ao ponto de afirmar que na atual situação "o imperialismo é obrigado a buscar novas soluções internacionais, de acordo com as situações dos povos". Quão humanitário tornou-se este imperialismo que supostamente atua segundo as necessidades dos povos! Mas, o imperialismo continua sendo imperialismo e não muda com verborréia e com análises próprias de sofistas. Com estas prédicas,

* **Cahiers du communisme, *junho-julho, Paris, 1979, p. 371.***

os revisionistas eurocomunistas franceses não fazem mais do que ajudar o imperialismo, embelezando-o, difundindo-o e alimentando a ilusão de que aspira a construir um mundo novo.

Considerando como infundada e caluniosa a acusação de que os revisionistas franceses querem acabar com os ricos, Marchais, em uma intervenção no XXII Congresso do PCF, chega a dizer sem rodeios que desejam que exista a propriedade privada, que exista a média burguesia com todas as suas propriedades, que exista o campesinato proprietário de terras; afirma ainda que os revisionistas franceses desejam apenas que as riquezas comuns ao Estado sejam nacionalizadas e administradas pelo povo. Estas estruturas capitalistas que Marchais defende são defendidas também pela social-democracia. Nesse caso, tem razão de desgostar-se com os que o acusam de não ser inteiramente fiel à burguesia, na mesma medida em que o são os seus irmãos social-democratas.

Em princípios de 1979, Georges Marchais escrevia: "Queremos uma democracia social, uma democracia econômica, uma democracia política e desejamos continuar até uma transformação radical das relações sociais, que permitam ao povo francês viver num socialismo democrático, de autogestão".* Assim, Marchais se apresenta também como o continuador de Tito, que levou à prática na Iugoslávia precisamente as teorias anarco-sindicalistas de Proudhon e de Bakunin sobre a "autogestão operária", severamente condenadas por Marx e posteriormente por Lênin. Agora, sob o disfarce do marxismo "criador", mas sem "dignar-se" a utilizar jamais as palavras dos grandes mestres do marxismo, Georges Marchais não se atreve a defender abertamente os pontos de vista antimarxistas de Proudhon nem a afirmar que é o seu continuador. Todavia, defendendo a "autogestão", não faz mais do que mudar os termos da teoria pequeno-burguesa de Proudhon, ao mesmo tempo que a desenvolve.

Os dirigentes do Partido Comunista Francês falam muito sobre os salários e levantam o problema da luta reformista pelo aumento dos mesmos. É preciso reforçar o poder aquisitivo dos trabalhadores e de suas famílias, remunerando mais os que recebem menos, dizem eles. É preciso intensificar as medidas que visam reduzir a desigualdade das rendas e das remunerações. Deve-se reduzir a hierarquia dos assalariados de cima a baixo. Os revisionistas levantam estes problemas porque no momento atual o aumento dos salários representa uma reivindicação geral das massas.

---

* **L'Humanité**, ***13.2.1979.***

Georges Marchais se surpreende e pergunta como é possível a existência de tal fenômeno, ou seja, que os trabalhadores e os anciãos não possam viver decentemente e não tenham o direito de falar pelo rádio e pela televisão. Todos estes direitos devem ser conquistados, diz ele. "Meu partido tem lutado e luta pela elevação dos salários, pela redução dos impostos e para que o parlamento não se veja mais, como atualmente, submetido a intoleráveis condições de funcionamento e não tenha restringidas as suas prerrogativas. Limitando a luta da classe operária somente às reivindicações do dia-a-dia, os revisionistas franceses passam por cima dos ensinamentos de Marx, que explicara que os salários, de forma disfarçada, encobrem a exploração dos operários pelos capitalistas, que se apropriam de uma parte do trabalho, precisamente do trabalho não remunerado dos operários, que cria a mais-valia para o capitalista. Intencionalmente não falam sobre o pensamento de Marx, para quem a solução do problema não reside no aumento dos salários nem na sua equiparação, como acreditava Proudhon, este reformista clássico. Marx insistia que limitar a luta da classe operária unicamente aos salários não passa de uma tentativa destinada a prolongar a escravidão dos assalariados. Somente a supressão definitiva da exploração dos operários assalariados, diz Marx, constitui a solução justa e radical do problema.

Os revisionistas franceses deixam na obscuridade a teoria de Marx referente ao caráter social da produção e ao caráter capitalista, privado, dos meios de produção no capitalismo, referente às relações entre as classes. Não mencionam, intencionalmente, o fato de que em relação a esta questão existem diferentes interesses de classe, que estão continuamente em luta entre si para mudar o caráter da propriedade. Estes problemas são tratados de maneira geral, como assuntos meramente econômicos, tal como faziam os teóricos do economicismo. Sua "teoria" não é a teoria de Marx, mas a "teoria" dos desviacionistas que o sucederam. Marchais reduz a missão e a luta do proletariado a uma luta por direitos econômicos e não para derrocar o Poder do capital. No *Manifesto do Partido Comunista,* Marx lançava o chamamento: "Proletários de todos os países, uni-vos!" E para que? Para fazer a revolução. Enquanto que Marchais diz: "Operários, camponeses, burgueses, policiais, soldados e oficiais, uni-vos... para fazer reformas! Os revisionistas franceses consideram a noção "proletariado" como uma noção romântica, um tema de poesias.

Ao invés de lutarem para que o proletariado se coloque à frente da revolução e forje uma estreita aliança com as massas trabalhadoras

da cidade e do campo, os revisionistas franceses esforçam-se para que o proletariado se aglutine em "outro bloco histórico", na "união de esquerda", como os revisionistas franceses denominam a colaboração com os partidos burgueses, ou nos marcos do "compromisso histó-co", como colocam os revisionistas italianos.

Os revisionistas franceses desenvolveram a teoria sobre as alianças, tendo por base seu ponto de vista, segundo o qual no regime capitalista atual os operários "vêem a cada dia como melhoram suas condições de vida" e que "o proletariado, na verdadeira acepção da palavra, está desaparecendo". Esta é a mesma tese do revisionista Garaudy, que em vão é mantido fora do partido revisionista francês. Não faria diferença se estivesse dentro ou fora do partido, se os próprios dirigentes revisionistas do Partido Comunista Francês admitem também em sua dança os partidos burgueses para alcançar o socialismo. Aqui vegetam também Garaudy e companhia. Não foi partindo de posições de princípios que a direção revisionista francesa criticou e explulsou Garaudy do Partido, mas porque este se precipitou e hasteou a bandeira da "nova linha", o que, conforme a hierarquia, cabia a Marchais e aos outros líderes de um escalão superior ao seu. Hoje essa direção atua da mesma maneira também com Elleinstein e Althussér, os quais exigem que se avance mais depressa pelo caminho revisionista. No entanto, não há a menor dúvida de que logo a direção do Partido Comunista Francês se reconciliará e se unirá não só a Garaudy e Elleinstein, mas também com Mitterrand, Rocard e todos os social-democratas. Não importa se no início passarão por uma "união de esquerda", por um "programa comum" ou por alguma outra fórmula. Desde que existam pontos de vista e objetivos comuns, o resto virá por si só.

Com suas teorias, os revisionistas em geral e os revisionistas franceses em particular se opõem a que o Estado dirija a economia no socialismo. "Nós — diz Marchais — lutamos hoje contra este autoritarismo, esse centralismo asfixiante... Queremos, pelo contrário, que as empresas estatais disponham de autonomia administrativa... que os trabalhadores — operários, funcionários, engenheiros e quadros — participem cada vez mais ativamente na gestão da empresa. Além disso, queremos que as comunas, os departamentos e as regiões se convertam em verdadeiros centros de tomada de decisão e de gestão democrática".* Estes pontos de vista dos revisionistas e do Partido Comunista Francês coincidem inteiramente com a linha da "autogestão" iugoslava e com o federa-

* **Le socialisme pour la France,** ***Paris, 1976, p. 84-85.***

lismo de Proudhon Este assinalava que "deve existir apenas uma democracia industrial, uma anarquia positiva. Quem diz liberdade, diz federalismo ou não diz absolutamente nada; quem diz república, diz federalismo, ou não diz propriamente nada; quem diz socialismo, diz federalismo ou não diz nada". Portanto, segundo Proudhon, o princípio federativo é aplicado na economia e na política. Pode ser que Georges Marchais não se refira a essas questões com os mesmos termos que Proudhon, mas quando fala de seu "socialismo democrático" diz: "Desejamos uma sociedade boa, com justiça, com liberdade etc." e pergunta se é justo que os operários sejam reprimidos por estas aspirações tão simples e que estas aspirações continuem sendo somente um sonho.

Proudhon exigia democracia e liberdade e, segundo ele, estas poderiam ser facilmente conquistadas, poderiam ser arrebatadas dos capitalistas com muita facilidade. Marchais não se limita a isto, mas insiste em que há duzentos anos os operários gozavam de maiores liberdades na democracia burguesia, participavam nos assuntos do Estado e das fábricas e, por último, se "indigna" pelo fato de que hoje não gozam dessa liberdade. Porém Marchais não vai além dessa indignação, porque não quer entrar em choque com os capitalistas, porque deseja conviver em paz com eles. Tudo isto se assemelha a um conto destinado aos **gogos***.

Marchais sustenta que, através das reformas, é possível que o proletariado, ainda nas condições da existência do regime capitalista, participe inclusive na direção da economia. Sonha ao dizer que nos limites desse regime pode existir uma democracia social, na qual todos os operários sem exceção se beneficiem; pode existir uma democracia política onde cada cidadão exerça seu controle, esteja verdadeiramente na direção, numa palavra, participe da "autogestão". Por acaso esta não é a própria teoria de Proudhon?

Relacionado com seu "socialismo democrático", Marchais aborda igualmente a questão da propriedade e da direção planificada da economia. Divide a propriedade nessa sociedade em estatal e privada. Porém, as propriedades que reserva à iniciativa privada são colossais. Com isto, diz à burguesia no Poder: não nos acusem em vão a nós, comunistas franceses, porque respeitamos a propriedade privada, não estamos pretendendo a revolução proletária, não pretendemos "levantar os punhos", mas "estender as mãos". Marchais fala das propriedades municipais, departamentais, regionais. Não utiliza o termo de Proudhon, "federalismo", mas dá no mesmo, a questão não se altera. Quando diz:

* ***Francês no original: tontos.***

lutamos contra o autoritarismo e o centralismo asfixiante, Marchais, em oposição aos ensinamentos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, na verdade quer dizer: luta contra o centralismo democrático. Marchais assinala ainda que o plano deve ser estruturado de maneira democrática, com a participação não somente dos operários e demais trabalhadores, mas também daqueles que possuem propriedades.

Marchais sabe que a planificação da economia não é um método que pode ser aplicado em qualquer sistema social, que depende dos bons desejos que se encontram na direção do país. A planificação única e centralizada somente é possível onde existe o pleno domínio da propriedade social sobre os meios de produção, característico apenas do socialismo. A propriedade privada, seja qual for a sua forma, jamais se submeteu nem se submeterá à planificação centralizada. Estas são verdades objetivas que não podem ser mudadas somente porque assim o desejam Marchais e os demais "teóricos" eurocomunistas.

Não somente na França, mas em todos os países capitalistas e revisionistas, o revisionismo contemporâneo está atacando o marxismo-leninismo também no terreno da literatura e da arte, porque também com elas procura envenenar e fazer degenerar as pessoas. Os escritores, os poetas e os artistas revisionistas enveredaram pelo caminho da decadência burguesa. Na atualidade é difícil distinguir um Aragon de uma Beauvoir, um André Stil de uma Sagan. Aqui não se trata da uniformidade de estilos nem de formas, mas do conteúdo e dos idênticos propósitos de suas obras, inspiradas em correntes filosóficas antimarxistas, que desembocam no mesmo caminho: o combate à revolução, o abatimento dos ânimos das pessoas, sua conversão em "almas mortas", degeneradas na mesma medida.

Todos os "teóricos" revisionistas defendem a tese de que Marx e Engels dedicaram um lugar muito reduzido à estética, para não dizer que não lhe dedicaram a mínima atenção. Os estetas do Partido Comunista Francês vão mais longe ainda. Pretendem "confirmar" que Marx não se interessava em absoluto pela arte ou que era um ignorante no assunto. Contrariando os fatos, pretendem que Marx "não conseguiu compreender o que determina que a arte tenha um valor eterno, independentemente dos momentos históricos; não conseguiu compreender como a arte grega, ligada à infra-estrutura daquele tempo, continua a nos emocionar". Tal deformação do pensamento de Marx não é gratuita. Por um lado, pretendem fazer crer que não existe um pensamento marxista sobre a arte, pensamento que supostamente estaria sendo elaborado pelos revisionistas; por outro lado, tentam negar o caráter de classe da arte e pôr em dúvida se a arte "faz parte da superestrutura ou

da estrutura, se é ideologia ou não, se está ligada ou não à classe e à revolução", em que medida e até que ponto isto ocorre etc.

Vários "teóricos" do Partido Comunista Francês têm sustentado diferentes opiniões sobre a literatura e a arte em períodos diversos, o que tem causado confusão e caos nas fileiras do partido e oscilações na própria criatividade literária e artística dos escritores e artistas comunistas. Num determinado período, o Partido Comunista Francês lutava para que as criações se apoiassem na arte popular, na arte revolucionária; mais tarde, no realismo socialista. Depois, nas criações dos artistas comunistas penetraram correntes antimarxistas.

A burguesia, com sua arte decadente, influía não só sobre os militantes de base do partido comunista, como também sobre os quadros que se ocupavam da agitação e propaganda. Estes elementos, influenciados por essa arte, teorizavam, deturpavam e interpretavam Lênin de maneira distorcida. Lênin ressaltava que a revolução cria sua arte e que os comunistas não repudiam o patrimônio progressista anterior do povo. Mesmo assim, essa gente interpretava de maneira revisionista e burguesa os critérios de Lênin, Stálin e Zhdanov, que diziam que os escritores e os artistas da sociedade socialista devem ser livres em suas criações, ter iniciativa pessoal, mas sem deixar de ser realistas e de criar obras que sirvam realmente à revolução e ao socialismo.

Alguns estetas pseudomarxistas chegaram ao ponto de defender a tese de que Lênin havia preconizado a absoluta liberdade de criação. O filósofo antimarxista Garaudy proclamou o "realismo sem fronteiras". Outros defendem a tese de que, quando a literatura e a arte são dominadas pela ideologia, pelo partido, não há liberdade; logo, não há criatividade.

Naturalmente, tudo se podia esperar no terreno da estética, quando no Partido Comunista Francês tinham influência e posavam de comunistas gente como André Gide, Malraux ou Paul Nizan, que, juntamente com Aragon, assistiram ao primeiro congresso dos escritores soviéticos em Moscou, mas que, no fim das contas, traíram e acabaram como anticomunistas declarados. Tais "teóricos" na França, dentro e fora do partido comunista, nem sequer poderiam ter idéia do valor da arte apoiada nos princípios do marxismo-leninismo. Esses elementos tiveram como objetivo separar a arte e a literatura da política e da ideologia, naturalmente da política proletária e da ideologia marxista. Esforçavam-se por deixar o terreno livre à propagação da ideologia e da política burguesa, ao desenvolvimento da arte decadente, dos romances psicoanalíticos, sexuais, policiais e pornográficos, de modo que os

mercados, as livrarias, as vitrinas, os teatros e os cinemas ficassem repletos de obras desse gênero.

Vejamos Picasso. Esse era membro do Partido Comunista Francês e morreu como tal, porém jamais chegou a ser um marxista. Isto se reflete em suas obras. No entanto, o Partido Comunista Francês sentia-se orgulhoso dele, e a única crítica que lhe fez foi a propósito de uma garatuja intitulada "Retrato de Stálin", que seu amigo e companheiro Aragon publicou no jornal *Les Lettres françaises,* quando era seu diretor.

O realismo socialista não foi apoiado com firmeza e convicção pelo Partido Comunista Francês. Uma parte dos escritores, filósofos e críticos, membros do partido, como Marguerite Duras e Claude Roix desertaram. Depois que Kruschov lançou suas calúnias contra Stálin, o Partido Comunista Francês vacilou e os primeiros que capitularam foram os intelectuais desse tipo. O Partido Comunista Francês, levantou a bandeira da "completa liberação na arte e na cultura", e os antigos defensores do realismo socialista como Aragon, André Stil, André Wurmser, não somente trocaram de camisa, mas também se venderam de corpo e alma ao revisionismo. Assim, os literatos franceses pseudocomunistas começaram a sentir-se atraídos pelos Lukács, os Kafka, os Sartre. Em todo o partido surgiram discussões críticas no rumo que a burguesia desejava, como por exemplo: "qual deve ser a correlação entre literatura e ideologia? Que forma deve admitir-se na arte: "o sectarismo na interpretação" ou o "ecletismo oportunista"? Rolland Leroy, como uma "autoridade", resumiu tudo dizendo que "não pode haver arte especificamente proletária, nem arte que seja inteiramente revolucionária".

O Partido Comunista Francês, imerso no oportunismo e no revisionismo, permitiu que essas teses antirevolucionárias se disseminassem e se convertessem em teses dominantes entre seus artistas e criadores.

Como conclusão, podemos dizer que na literatura e na arte a linha do Partido Comunista Francês apresentou altos e baixos. Sempre esteve numa situação de **ballotage***. Suas oscilações se originavam, de um lado, na "ortodoxia" da preservação dos princípios e, por outro lado na influência direta ou indireta da ideologia burguesa na literatura e na arte, através de seus intelectuais.

Para o Partido Comunista Francês, os intelectuais que trabalharam no terreno da criatividade artística desempenharam no geral um papel mais negativo que positivo. Independentemente de sua origem de

* ***Em francês no original: vacilação***

classe, eles faziam seus estudos e procuravam a "fama". O partido jamais conseguiu influir sobre eles e dirigi-los através da ideologia e da cultura proletárias. Para estes intelectuais do partido, o importante era a livre criação, subjetiva, individual, e nunca os verdadeiros interesses do proletariado e da revolução. Estes elementos viviam e trabalhavam longe da classe operária e separados dela. Para eles, a classe era a "economia", enquanto que os intelectuais, eram a "cabeça de Zeus", que deveria dirigir o "econômico". Os intelectuais franceses do partido cresceram e se inspiraram na boêmia de Montparnasse, na *Closerie des Lilas, Pavillon de Flore, Bateau-Lavoir* e em outros locais onde se entrecruzavam toda a espécie de correntes decadentes, das quais surgiram os Aragon, os Picasso, as Elsa Triolet e muitos outros amigos dos Lazareff, dos Tristán Tzara, dos dadaístas, cubistas e de mil e uma escolas decadentes da literatura e da arte. Esta tradição e este caminho prolongaram-se no Partido Comunista Francês de maneira ininterrupta até que se chegou ao XXII Congresso, onde o revisionista Georges Marchais pôs a descoberto toda a podridão antimarxista que o Partido Comunista Francês vinha acumulando desde há muito tempo.

Nesse Congresso, os revisionistas franceses apareceram inclusive oficialmente, contra o papel dirigente do partido da classe operária no terreno da arte e contra o método do realismo socialista. Com o pretexto de lutar contra a "uniformidade", pretenderam que a cultura socialista deveria ser aberta a todas as correntes, a todo tipo de experimentos e criações.

O pseudomarxista Georges Marchais publicou no livro que contém seu informe ao XXII Congresso também um verso escrito por Aragon em *O louco de Elsa.* Elsa era a mulher de Aragon. Eis o que diz Aragon, membro do Comitê Central do Partido Comunista Francês, neste verso: "Sempre haverá guerras, discórdias / Feitios de reis e frontes subjugadas/ e o filho da mulher inutilmente nascido/ searas sempre destruídas pelos gafanhotos/ Sempre os banhos e a carne sob a roda/ O massacre sempre justificado com ídolos/ (e os ídolos são Marx, Engels, Lênin e Stálin) Sempre cadáveres cobertos deste manto de palavras/ Para a boca a mordaça, para a mão o cravo/ Sem dúvida um dia virá cor de laranja..." Assim, Aragon diz que ele e seu partido renunciaram à cor vermelha, ao comunismo.

Deste modo, os revisionistas franceses atiraram pela janela os princípios da teoria imortal do marxismo-leninismo. Agora esse partido está mergulhado num revisionismo mesclado com as velhas teorias utópicas bernsteinianas,proudhonistas, kautskistas, anarquistas. Fazendo causa

comum com a ideologia dos outros partidos burgueses, luta para que na França e em todas as partes se crie a idéia de que o marxismo está ultrapassado e para que o eurocomunismo apareça em seu lugar em primeiro plano.

Em 1968, em Paris, os estudantes defrontaram-se com as "forças da ordem". Estes confrontos foram aproveitados pelos trotskistas, por Sartre, teórico do existencialismo, Simone de Beauvoir, Cohn Bendit etc., para dar-lhes uma tintura anarquista. E de fato se desenvolveram em meio a uma grande confusão. O Partido Comunista Francês não participou. E por quê? Talvez porque se opõe, em princípio ao anarquismo? Penso que não é esta a razão. É que esse partido não queria fazer causa comum com a juventude estudantil que atacou o governo De Gaulle. Foi este movimento que de fato obrigou De Gaulle a convocar o referendum e, não saindo vencedor como esperava, retirou-se para "Colombey-les-deux-eglises", onde morreu.

O Partido Comunista Francês impediu que a classe operária entrasse em ação e assumisse a direção da rebelião. Contava com forças suficientes para fazer com que o fogo se propagasse a toda a França e para abalar, senão chegar a conquistar, o Poder dos "príncipes" ou, como o chamavam naquela época, o Poder dos "barões". Não fez isto porque era partidário do mesmo caminho e dos mesmos métodos que hoje o revisionista pequeno-burguês Georges Marchais recomenda.

O Partido Comunista Francês deposita grandes esperanças em uma "coalizão de esquerdas", pela qual unificou seus esforços com o partido socialista de Mitterrand nas eleições presidenciais francesas e nas eleições parlamentares. O Partido Comunista e o Partido Socialista Francês chegaram a um certo acordo, mas o mesmo era conjuntural. Não só não ganharam as eleições, como também, após a vitória de Giscard d'Estaing, notou-se que os amores entre comunistas e socialistas tinham esfriado, iniciando-se inclusive uma guerra entre eles. Nem a grande burguesia, nem seus partidos, nem tampouco o partido socialista de Mitterrand, consentiram que um partido comunista, ainda que sendo de cor alaranjada, como o qualifica Aragon, participasse no governo da França. Isto não ocorreu na época da Frente Popular, quando Léon Blum encontrava-se na direção do partido socialista, tampouco ocorre hoje, quando em sua chefia está Mitterrand, nem tampouco ocorrerá no futuro com qualquer outro.

Os interesses da burguesia capitalista francesa e das 200 famílias, que Marchais reduzia para 25 a fim de fazer crer que atualmente se está diante de um Poder reacionário exíguo, estão estreitamente ligados

entre si para proteger seus privilégios, para proteger suas grandes propriedades e seus capitais, para aumentar os lucros às custas do proletariado e de todos os trabalhadores da França. É certo que os socialistas têm contradições com os outros partidos da burguesia, porém, quando o Poder burguês se sente ameaçado pelo proletariado, chegam à unidade, não à unidade entre comunistas e socialistas, mas entre estes e a burguesia. Isto é o que ocorre na Itália, onde o partido socialista se une aos democratas-cristãos, ao partido liberal, ao partido social-democrata, mas não faz frente com os "comunistas" togliattistas.

No entanto, supondo-se que ainda por um momento um cartel de "esquerdas" chegasse a tomar o Poder na França, e ainda que fosse de cor alaranjada, isto seria efêmero para os comunistas franceses e nada mudaria. Por quê? Porque foi isso que sucedeu quando De Gaulle, para remediar suas dificuldades, aceitou no governo alguns comunistas, com Thorez à frente, e que depois dispensou tão logo os utilizou como bombeiros. E quando foi que fez isto? Num momento em que o Partido Comunista Francês saía da Segunda Guerra Mundial com não pouca autoridade, mas como o único partido que combatera os ocupantes de maneira conseqüente. Por isso, as pretensões que tem hoje Marchais de "tomar o Poder e edificar o socialismo" baseando-se na estratégia eurocomunista, na ideologia revisionista, proudhoniana, bemsteiniana, jamais se realizarão. Os dirigentes do Partido Comunista Francês chegarão no máximo a converter-se em sócios na exploração do trabalho e do suor do proletariado e do povo francês, e engrossar o corpo de bombeiros da revolução e nada mais.

Revisionismo sem disfarces

Devemos dedicar atenção particular à linha dos revisionistas espanhóis, não porque estes sejam diferentes dos italianos ou franceses, mas pelo papel especial que têm assumido, como porta-vozes e lacaios de todos os revisionistas. Carrillo e seus cupinchas falam sem disfarces, falam abertamente e. quer queiram ou não os demais revisionistas, com os soviéticos à frente, expressam a verdadeira opinião do revisionismo contemporâneo. Se os revisionistas soviéticos algumas vezes "criticam" Carrillo, não o fazem por suas idéias revisionistas traidoras, mas porque desvenda as opiniões e os objetivos de todos os revisionistas.

Carrillo é o produto da sociedade burguesa-capitalista corrompida e em putrefação, é produto da lumpem-intelectualidade a serviço da burguesia capitalista.

Carrillo residiu na França e, ao que parece, sofreu ali a forte influência das podres teorias antimarxistas, sartristas, anarquistas, trotskistas e sabe-se lá quantas outras. Agora ele utiliza essas teorias em seus discursos e entrevistas com que preenche as páginas da imprensa burguesa e sobretudo do seu tão badalado livro "*Eurocomunismo y Estado*". Nesta "obra", completamente antimarxista, o secretário geral do Partido Comunista da Espanha fez um resumo e uma codificação das teses e dos pontos de vista oportunistas de Togliatti, Berlinguer, Marchais, Kruschov, Tito e demais chefetes do revisionismo contemporâneo. Seu principal objetivo é justificar sua renúncia ao marxismo-leninismo, atacar a idéia da revolução e do socialismo, legitimar o revisionismo.

Carrillo deu este título de *"Eurocomunismo y Estado"* a seu livro para contrapô-lo à famosa e genial obra de Lênin *O Estado e a Revolução,* na qual este expôs a estratégia da revolução socialista e do Estado da ditadura do proletariado. O megalomaníaco Carrillo, com todo um arsenal de frases recolhidas de um e outro dos renegados do comunismo, tem a pretensão de destruir um dos maiores monumentos do pensamento marxista, como é *O Estado e a Revolução,* que a vida e a prática revolucionária ratificaram com o grande selo da história, tornando-a imortal.

Segundo o renegado Carrillo, que apregoa as teses dos intelectuais pequeno-burgueses, hoje já não é o proletariado a classe mais revolucionária da sociedade que dirige a luta pelo socialismo, mas seriam todas as classes e em primeiro lugar a intelectualidade. Pretende que o proletariado, na época de Lênin, era uma classe atrasada, enquanto que, na atualidade, diz este renegado, a classe operária é uma classe avançada e, ao seu lado, também a intelectualidade elevou seu nível de consciência. Numa palavra, também Carrillo adere às teses do filósofo revisionista Roger Garaudy. Segundo Carrillo, hoje os comunistas devem conquistar o Poder sem recorrer à violência, sem destruir o Estado burguês e sem instaurar a ditadura do proletariado, mas utilizando outras formas de acordo com as mudanças que o sistema capitalista tem sofrido. A atual sociedade burguesa conteria em si o germe do socialismo, por isso não é o proletariado a única classe interessada em instaurar o socialismo.

Devemos compreender, diz Carrillo, que o atual Estado capitalista se transformou; segundo ele, os outros não vêem esta transformação do Estado capitalista, mas sua mente a descobre. E o que descobre é uma realidade imaginária, sobre a qual ergue sua "teoria" de palha. O Estado capitalista, na sua opinião, vem estatizando uma série de empresas, que

têm tomado outras formas, diferentes dos velhos consórcios do capitalismo ou do imperialismo. Estas empresas são administradas pelo Estado mais ou menos corretamente por seus funcionários, de mentalidade burguesa. Agora, para Carrillo, trata-se unicamente de modificar esta mentalidade e tudo se ajustará. Esta mentalidade burguesa dos funcionários, diz Carrillo, sofreu grandes transformações, mas é necessário trabalhar ainda mais para que se eleve a um nível que permita a seus portadores compreenderem a necessidade de realizar reformas ulteriores para se atingir o socialismo.

Carrillo tenta "demonstrar" que o atual Estado dos países capitalistas não representa o Poder da burguesia, seu aparelho repressivo para proteger sua propriedade e sua dominação, mas um Poder acima das classes, de todas as classes. Não conseguindo fazer passar o preto por branco, Carrillo admite em todo caso que existe uma certa preponderância da burguesia neste Poder, fato que considera um resquício das condições históricas em que este Poder surgiu, mas que nos momentos atuais pode ser remediado.

Porém, como esta transformação se realizará, como será suprimida esta preponderância e criado o Estado do "socialismo democrático"? Segundo Carrillo, a teoria leninista, supostamente válida apenas para o passado, não pode ser aplicada, dado que as condições sócio-econômicas etc., mudaram. Agora torna-se necessária uma nova teoria, que Carrillo já tem pronta.

A propriedade burguesa sobre os meios de produção, diz ele, já não é a única. Ao lado dela existe também a propriedade estatal, que Carrillo considera "socialista"; existe ainda a propriedade cooperativista e assim por diante. O proletariado deixou de existir, visto que se fundiu com toda a intelectualidade, com os funcionários, os padres, os juizes, os policiais etc. Enquanto isso, os capitalistas reduziram-se a um pequeno grupo de burgueses teimosos, que ainda se apegam ao que é velho. Nessas condições, segundo Carrillo, é preciso prosseguir no rumo da democratização, através das reformas e da educação, das instituições da superestrutura burguesa, que já enveredaram por este caminho. Assim, a única tarefa que resta aos comunistas é a de acelerar esse processo.

Conforme o renegado Carrillo, o conflito entre as massas trabalhadoras e o atual Estado burguês sofreu uma radical transformação. Este conflito já não é o de antes, porque agora o Estado seria um empresário que já não defende os interesses da burguesia em seu conjunto, mas somente os de uma fração da mesma que controla os grandes grupos monopolistas. Por isso, agora, segundo ele, esse Estado não se opõe

unicamente aos proletários avançados, mas também, de modo direto, às classes e camadas sociais mais amplas, incluída uma grande fração da própria burguesia. No aparelho do Estado, declara ele, é possível não somente penetrar, como, desde agora já penetraram os elementos procedentes de diversas classes, que estão em oposição à grande oligarquia financeira e ao Estado empresário. Graças a este "elemento progressista", o Poder pode ser tomado mediante reformas.

Para "fundamentar" estes sonhos, Carrillo cita como exemplo a Itália, onde, como ele diz, inclusive a polícia de Roma vota no Partido Comunista Italiano. Com isto busca chegar à conclusão de que também as forças coercitivas e repressivas da burguesia capitalista sofreram transformações. Segundo ele, é certo que muitas vezes estas forças atuam seguindo os desejos do capital, mas fariam isto traindo sua consciência, porque quando se lhes apresenta a ocasião de expressar essa consciência, sem expor-se ao Poder capitalista, atuam em oposição à vontade desse Poder.

Pode-se dizer o mesmo dos tribunais. Estes, afirma Carrillo, aplicam naturalmente as leis da burguesia, mas também aí já começou a operar-se uma metamorfose na consciência do corpo judicial.

Com este mesmo espírito, Carrillo aborda também o problema da religião e da igreja. Segundo ele, a igreja tem mudado, tem deixado de ser aquela velha igreja dogmática. Os próprios clérigos são partidários na atualidade de uma mudança dos dogmas, já não se opõem à ciência, mas estão a seu favor. Por isso, devido às suas novas convicções, estão a favor de uma vida muito distinta da que outrora recomendavam e pregavam o Evangelho e o Vaticano, tendo este evoluído para uma sociedade mais progressista e mais humana, para uma sociedade em que exista uma democracia mais ampla e mais completa.

Segundo Carrillo, também a igreja estaria dando sua contribuição às transformações sociais rumo ao socialismo! Apoiando-se em tal fantasia, chega à conclusão de que a alta hierarquia clerical, ainda que sem ter chegado a admitir o socialismo, o marxismo, como saída para os problemas do futuro, já começou a pôr em dúvida as capacidades do capitalismo. Declara que estende as mãos aos clérigos, porque estes têm realizado uma evolução em seus dogmas; por isso, os eurocomunistas devem repelir seus "próprios dogmas", ou seja, o marxismo-leninismo, para que sejam mais "progressistas" do que são a igreja e o Vaticano.

Para Carrillo, o ensino, uma das armas ideológicas mais consistentes da burguesia, não representa nenhum problema, posto, que já estaria quase transformado. Na sua opinião, atualmente o ensino, ao adquirir um caráter de massa, mudou também seu conteúdo ideológico.

No que diz respeito à família, segundo Carrillo, esta mudou completamente seu modo de vida e de pensar. As crianças de hoje, longe de obedecerem a seus pais, opõem-se também às suas idéias. Pode-se dizer que mentalmente já estão quase vivendo no socialismo.

Noutras palavras, para Carrillo toda a sociedade capitalista se transformou, já não é a sociedade da época de Marx nem da época de Lênin, já não é o Poder em putrefação de 1917, quando a grande Revolução Socialista de Outubro derrubou o czarismo, Carrillo relaciona tanto a Revolução de Outubro na União Soviética, como as demais revoluções que triunfaram em outros países, com as guerras mundiais, proferindo assim uma monstruosa calúnia contra os verdadeiros revolucionários, os quais, segundo ele, estão querendo a guerra como meio de conseguir o triunfo da revolução. É certo que as guerras mundiais, exacerbando ao extremo as contradições sociais e aumentando de modo sem precedentes a miséria das massas, incitam e aceleram a deflagração das revoluções, como única alternativa para evitar as guerras e salvar-se do regime que as engendra. Porém, as guerras mundiais e locais não são a causa das revoluções sociais. A causa mais profunda das revoluções são as contradições do próprio sistema capitalista, sobretudo o conflito entre as velhas relações de produção e as novas forças produtivas, conflito que pode ser resolvido, como a história tem confirmado mesmo sem ser acompanhado de guerras entre Estados.

O socialismo, declara Carrillo, não pode relacionar-se com uma guerra mundial, porque uma conflagração desse tipo em nossa época conduziria a humanidade a sua total destruição. Assim, Carrillo não deixa de assumir, por outro lado, o papel de propagandista da chantagem atômica do imperialismo. Seguindo as pegadas de Kruschov, declara que nas condições atuais, em que existe a bomba atômica, não são convenientes as revoluções nem as lutas de libertação nacional, pelo fato de que podem originar guerras atômicas, das quais nenhuma das partes sairia vencedora. Se ansiamos por um "mundo sem armas e sem guerras", diz Carrillo, devemos levar esta idéia, até o fim. Visto que pretendemos edificar um mundo sem guerras, como se afirmou no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, trabalhemos para tal, não somente exigindo o desarmamento e pronunciando discursos pacifistas, mas também minando e sabotando a revolução por todas as partes.

Por outro lado, segundo Carrillo, apagou-se qualquer perspectiva para a revolução violenta, pois o imperialismo norte-americano não a permitiria. Carrillo busca elevar a nível de teoria o seu temor de

pequeno-burguês e transformar em norma sua capitulação ante o imperialismo e a burguesia. Há tempos que o imperialismo, e não só o norte-americano, mas toda a reação mundial, vem ameaçando intervir e esmagar toda revolução, o que é parte integrante da estratégia agressiva dos imperialistas norte-americanos e dos demais imperialistas. Mas, a história tem demonstrado que os povos se têm lançado à revolução, têm enfrentado também a intervenção norte-americana e têm triunfado. Tomemos o exemplo recente da revolução iraniana. O imperialismo norte-americano recorreu a todo tipo de ameaças, mas não se atreve a intervir diretamente com as armas, pois sabe que, frente à resoluta atitude do povo iraniano, sofreria uma derrota maior do que aquela que sofreu com seu gendarme, o Xá, a quem havia armado até os dentes e dotado dos meios mais modernos.

O que há de novo nas prédicas de Carrillo é que este apregoa e defende a política imperialista, semeia o pânico e serve à reação para propagar entre as massas a semente da desmoralização e da capitulação. E a quem previne contra os estrangeiros? Ao heróico povo espanhol, que lutou com tanto valor e ousadia, não só contra Franco, mas também contra a intervenção armada de Hitler e de Mussolini, contra os socialistas do tipo de Blum, que sabotaram a revolução espanhola e de quem Carrillo se converteu hoje em discípulo.

A Carrillo parece desnecessário que a burguesia mantenha de pé um volumoso aparelho policial e repressivo. Para que se necessita de tudo isto quando a opinião pública não o deseja? — indaga Carrillo. Este novo cura cristão prega que o Poder da oligarquia financeira e do capital deve entender-se com os operários. As greves, segundo ele, podem prosseguir, mas devem ser coordenadas e organizadas tanto pelos patrões como pela representação operária, ou seja, pela aristocracia operária. É muito fácil, diz Carrillo, que os dirigentes se entendam com os operários, que se renuncie à arrogância e o mandonismo. Para ele, isto pode ser conseguido facilmente e sem problemas;no entanto, Carrillo faz seus cálculos sem levar em conta o patrão, sem ter perguntado o que pensam os detentores do Poder, que têm em suas mãos os aparelhos repressivos, a máquina de propaganda, a igreja etc. Estes não se deixam enganar pelas mentiras de Carrillo, mas lhe dão apoio para que invente tais conceitos e os difunda no seio da classe operária e das demais camadas trabalhadoras, a fim de que estas vivam dos sonhos de Carrillo.

No que se refere ao exército, o problema para Carrillo é muito simples. O exército atual, escreve em seu livro, deve ser transformado baseado numa política democrática. Não se trata aqui de dar-lhe outra

cor política, diz ele; que mantenha a que já tem (isto é, a cor reacionária), mas que não pense em absoluto em urdir golpes militares nem voltar a repetir a história do século XIX e de uma parte do século XX. Segundo Carrillo, devem ser evitadas as insurreições e as guerras civis. Deve desaparecer também o binômio histórico: oligarquia mais forças armadas igual a conservadorismo e reação, e chegar-se a uma identificação do exército com a sociedade civil, identificação que supostamente facilitaria o avanço democrático das forças progressistas rumo a uma sociedade onde reine a igualdade e a justiça.

Segundo ele, não há por que dar motivos para que o exército entre em ação, num sentido ou noutro, mas deve-se trabalhar para uma "transformação democrática" da mentalidade militar, de modo que o exército chegue a compreender que a guerra deve deixar de existir na sociedade, pois do contrário se caminharia para um suicídio. Este exército do capital não deve abrir suas portas unicamente aos quadros da burguesia, mas também às amplas camadas do povo, para que nele penetre a ideologia das massas, a ideologia socialista etc., e para que não continue sendo uma reserva da polícia, mas uma arma exclusivamente a serviço da ordem pública. Como isto será feito é outra história. Mas Carrillo imagina que, se ele aconselha, a burguesia deve ouvir seus "sábios" conselhos, renunciar pacificamente à principal arma de seu Poder e, um belo dia, quando se tiver convencido de que "assim o requer a justiça", diga a Carrillo: "tome o Poder, nós nos retiramos, guie-nos a todos para o socialismo!"

Para corroborar suas teses sobre a possibilidade de democratizar o exército e de transformá-lo num exército a serviço do povo, Carrillo expõe alguns argumentos tão ingênuos quanto ridículos. O exército francês, afirma ele, democratizou-se após a guerra da Argélia, porque foram reelaborados e instituídos regulamentos tais "que lhe infundiram um espírito democrático". Pretender que o exército burguês francês mudou sua concepção do mundo e que já não é uma arma da grande burguesia, mas uma arma em mãos da opinião pública, é uma traição.

Segundo este revisionista, a doutrina militar e o próprio exército dos Estados capitalistas estão em crise, porque em suas fileiras, entre os quadros militares, existem falcões mas também existem pombos. Por conseguinte, diz Carrillo, devemos trabalhar pacificamente para transformar os falcões em pombos. Para isso, Carrillo opina que os partidos comunistas devem seguir sua própria política militar, sem, contudo, jamais pensar em levar a política ao exército. Afirma que devem ser feitos esforços para incorporar a questão militar ao campo da política

da esquerda para que esta não seja de exclusiva competência da direita mas também da esquerda. Segundo Carrillo, esta política dos partidos comunistas fará com que o exército abandone a política de direita e passe em maior grau para o lado da nação. Assim, as duas alas, a esquerda e a direita, devem lutar e controlar-se mutuamente e, à maneira tradicional, controlar também o Estado, não o Estado burguês, mas o Estado de Carrillo, aquele que será "criado" através das reformas.

Como conclusão dessas "análises" sobre a atual sociedade capitalista e o Estado burguês, Carrillo, que se arvora ideólogo e teórico do eurocomunismo, elabora também sua estratégia para chegar ao socialismo. A atual estratégia dos revolucionários, indica Carrillo, não é a de derrubar o Poder da burguesia, posto que esta já não o detém, nem subverter as relações burguesas de produção, visto que já mudaram. A única coisa que se deve fazer é transformar de maneira gradual e através de reformas as instituições políticas e ideológicas existentes, para adaptá-las à realidade social, para que passem a servir ao povo.

O chefete dos revisionistas espanhóis aconselha que agora é plenamente viável transformar gradualmente a superestrutura capitalista em socialista, sem modificar sua base. Isto é antidialético e está em contradição inclusive com a lógica mais simples. Entretanto, o que interessa a Carrillo são os esquemas que ele inventou e não a ciência. Se adota tal atitude, não é com a intenção de indicar uma saída para os problemas, mas de ofuscar sua solução, de conduzir o proletariado por caminhos errados e sem saída, de afastá-lo da revolução.

Como acabamos de assinalar, Carrillo se inspirou em todas as "teorias" dos kruschovistas, dos trotskistas, de Browder e de mil e um traidores da classe operária. No entanto, pretende que se fale abertamente, que se ponham os pingos nos "is"; em outras palavras, que se unifiquem as ações com o capitalismo e o imperialismo mundial. Em primeiro lugar, com argumentos supostamente teóricos, conclama todos os revisionistas e pseudocomunistas do mundo a levantarem-se contra Marx, Engels, Lênin e Stálin. Deforma e interpreta à sua maneira os escritos de Marx sobre os acontecimentos de 1848, sobre a insurreição de junho na França, sobre a Comuna de Paris, e chega ao ponto de afirmar claramente que tomou suas teses traidoras de Trotski ou de Kautsky. Ao mencionar estes conhecidos renegados e adversários do marxismo, já desacreditados, mostra onde foi que meteu seu focinho e qual é a fonte de suas descobertas "teóricas".

A negação total da luta de classes é a base de todas as idéias de Carrillo. Para ele, todas as classes se encontram juntas à frente do atual

Poder burguês. Carrillo, considera que a camada dos intelectuais é tudo, a mais inteligente, a mais instruída, a melhor e mais capaz administrativamente. Caso tais idéias tivessem sido apresentadas na época em que viviam Marx, Engels e Lênin, declara o próprio Carrillo, estes as teriam considerado idéias utópicas. Nossos clássicos não só teriam considerado utópicas essas idéi;as contra-revolucionárias, mas as teriam também qualificado de traidoras assim como qualificaram de traidores os predecessores de Carrillo.

Carrillo é um revisionista cuja traição não conhece limites. Todos os revisionistas são traidores, mas de uma ou de outra forma têm tratado de encobrir sua traição. Têm-se resguardado de atacar de maneira tão aberta Marx, Engels, Lênin, enquanto que Stálin todos têm atacado.

Em seu caminho, Carrillo vai mais longe do que Kruschov e muitos outros. Kruschov, apesar de haver tentado, não se atraveu a reabilitar também Trotski publicamente. Acusando Stálin de criminoso, condenando todos os julgamentos revolucionários efetuados na época da construção do socialismo na União Soviética, Kruschov praticamente reabilitou Kamenev e Zinoviev. Reabilitou também muitos outros traidores, desde Rajk até outros de igual espécie. Sem dúvida, Carrillo está descontente com Kruschov. Em seu livro parece fazer-lhe esta reprimida: "Já que reabilitaste esta gente tão boa, que Stálin passou pelas armas, já que traíste Marx, Engels e Lênin, por quê não reabilitaste teu pai, Trotski?" Assim, Carrillo clama pela reabilitação de Trotski, pelo desenvolvimento de uma campanha para que seus "méritos" sejam reconhecidos.

Noutras palavras, Carrillo é um dos mais vis e ordinários agentes do capitalismo mundial. Porém suas "teorias" não aportarão muitos benefícios ao capitalismo, visto que, tal como são apresentadas por Carrillo, na realidade desmascaram o pseudomarxismo dos revisionistas contemporâneos. Por um lado, Carrillo serve ao imperialismo e ao capitalismo mundial, porque se opõe à revolução e nega as idéias marxistas-leninistas que inspiram o proletariado e os povos de todo o mundo; por outro lado, tira as próprias máscaras e dos demais revisionistas contemporâneos, põe a nu seus verdadeiros objetivos ante os olhos do proletariado e dos povos.

Santiago Carrillo, secretário geral do Partido Comunista da Espanha, é o bastardo dos bastardos dentre todos os revisionistas. Tomou do revisiomsmo contemporâneo o que de mais vil e contra-revolucionário possuía e converteu-se em apologista da traição e da completa capitulação.

IV

SOMENTE OS MARXISTAS-LENINISTAS LEVANTAM E MANTÊM BEM ALTO A BANDEIRA DA REVOLUÇÃO

A atual sociedade capitalista, burguesa e revisionista, está prenhe de revolução e esta sempre tem sido e será guiada somente pelas idéias de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Toda a gama de idéias que procuram revisar nossa grandiosa teoria, terminarão, como sempre ocorreu, na lixeira da história e, juntamente com o capitalismo, o imperialismo e o social-imperialismo, serão destruídas pela grande força do proletariado mundial, que dirige a revolução e se inspira na imortal doutrina do marxismo-leninismo.

As táticas e as manobras das eurocomunistas não podem obscurecer nossa grande doutrina nem poderão prosperar. Somente os que se orientam por esta doutrina e a ela se atêm fielmente, vêem quão perigosos e pérfidos oportunistas têm diante de si na gigantesca luta pelo triunfo do mundo novo, do mundo socialista, sem opressores nem exploradores, sem imperialistas nem social-imperialistas belicistas, sem revisionistas demagogos e traidores, velhos ou novos.

Na França, Itália, Espanha e em outros países capitalistas, depende em grande medida do proletariado e de seu partido marxista-leninista o fracasso das teorias que lhes são hostis, as teorias anti-revolucionárias e antimarxistas dos revisionistas. Sem um autêntico partido marxista-leninista que dirija o proletariado nas batalhas de classe e na revolução, não se pode combater estas teorias antimarxistas que são propagadas pelos partidos revisionistas, não se pode liquidar o Poder da burguesia.

Conscientes do grande dano que o surgimento e a propagação do revisionismo contemporâneo, sobretudo o kruschovista têm acarretado para a causa da revolução e do comunismo, os revolucionários marxistas-leninistas têm sabido e podido opor resistência a essa grande investida contra-revolucionária, organizar-se e combatê-la decididamente.

Com um elevado sentido de responsabilidade ante o proletariado de seus países e o proletariado mundial, puseram-se à frente da encarniçada luta de princípios para desmascarar a traição revisionista e assumiram a tarefa de criar novas organizações e partidos marxistas-leninistas.

Neste grande processo de diferenciação com o revisionismo contemporâneo e de luta pela causa do comunismo, nasceu e tem-se desenvolvido o movimento marxista-leninista, que assumiu a missão de

levantar e manter bem alto a bandeira da revolução e do socialismo, traída e repudiada pelos ex-partidos comunistas, que a degenerescência revisionista transformou em bombeiros da revolução e das lutas de libertação dos povos. A formação dos novos partidos marxistas-leninistas constituiu uma vitória de importância histórica para a classe operária de cada país, como também para a causa da revolução a nível mundial.

Os partidos nos quais se arraigou o revisionismo contemporâneo browderiano, titista, eurocomunista e maoísta, foram liquidados enquanto partidos comunistas. O revisionismo despojou esses políticos de seu espírito marxista-leninista revolucionário, transformando-os, de destacamentos organizados da classe operária para levar a cabo a revolução em armas, em partidos voltados para a "extinção" da luta de classes, para a instauração da "paz" de classes, para a sabotagem da revolução e a destruição do socialismo.

Não perdendo de vista a luta que os revisionistas contemporâneos estão empreendendo contra a teoria e a prática leninistas do partido, os autênticos revolucionários comunistas combatem pela defesa, pela consolidação e desenvolvimento dos partidos proletários, edificados com base nos ensinamentos do marxismo-leninismo. São conscientes de que sem um particlo deste tipo, sem um destacamento organizado e de vanguarda da classe operária, não se pode fazer a revolução, não se pode levar a cabo corretamente e até as últimas conseqüências a luta de libertação nacional, não se pode fazer avançar a revolução democrático-burguesa e passar à revolução proletária.

Não é casualmente nem por um simples capricho que o partido marxista-leninista nasce e se forma. Isto ocorre como resultado de alguns fatores objetivos e subjetivos muito importantes. O partido marxista-leninista surge do seio da classe operária, representa suas elevadas aspirações, seus objetivos revolucionários, desenvolve e leva adiante a luta de classes. À margem da classe operária, de seus objetivos revolucionários, da teoria marxista-leninista, que é a teoria da classe operária, jamais pode haver um partido marxista-leninista.

Um partido da classe operária se converte realmente num destacamento organizado desta, em seu Estado-Maior, quando se educa na teoria marxista-leninista e a assimila, e quando esta poderosa e insubstituível arma é utilizada com habilidade e criatividade na luta de classes pelo triunfo da revolução, pela instauração da ditadura do proletariado e pela construção do socialismo.

O partido que assimila essa teoria, mas não a aplica ou o faz erroneamente e persiste em seus erros, não poderá avançar por um

caminho correto e terminará por desviar-se do marxismo-leninismo.

Um autêntico partido marxista-leninista se caracteriza por sua atitude firme e resoluta frente ao revisionismo contemporâneo, frente ao kruschovismo, ao titismo, ao pensamento Mao Tsetung, ao eurocomunismo etc. Traçar uma clara linha de demarcação nesta questão é de grande importância de princípios.

Se um partido permite que em suas fileiras se abriguem ilusões, tais como a de que "na União Soviética, independentemente da ideologia kruschovista, o socialismo está sendo construído", que na direção do Partido Comunista da União Soviética existem "burocratas", mas também "revolucionários e marxistas-leninistas", então, queira-se ou não, esse partido já não se mantêm em posições marxistas-leninistas, afastou-se da estratégia e da tática revolucionárias e, ainda que não abertamente, de maneira direta ter-se-á transformado em um partido filo-soviético, por mais que em palavras possam estar contra as teses do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e do kruschovismo. A experiência revolucionária tem confirmado que não se pode combater o kruschovismo se não se combate ao mesmo tempo a política hegemônica, chauvinista e social-imperialista que seguem os dirigentes da atual União Soviética capitalista e imperialista — Brezhnev, Suslov e companhia.

Da mesma natureza e igualmente danosos são também os pontos de vista daqueles que separam a linha reacionária e a política pró-imperialista da atual direção chinesa, de Mao Tsegung, do pensamento Mao Tsetung. Não se pode combater nem desmascarar as atitudes contra-revolucionárias de Teng Siaoping e Hua Kuofeng se também não se combate e não se desmascara a base ideológica de suas atividades, o pensamento Mao Tsetung.

O Partido do Trabalho da Albânia chegou a essa conclusão após uma profunda análise do pensamento Mao Tsetung e da linha que o Partido Comunista da China tem seguido. Defender Mao Tsetung e suas idéias sem ir ao fundo da questão, sem analisar seriamente os acontecimentos e os fatos, significa cair em um desvio revisionista. Não se pode ter uma verdadeira atitude marxista-leninista caso não fique claramente definida esta posição.

Os partidos marxistas-leninistas e o proletariado de cada país jamais subestimam a pressão da burguesia e da sua ideologia, a força opressora do capitalismo, do imperialismo, do social-imperialismo e das ideologias revisionistas mistificadoras. Estas pressões e influências negativas tomam-se nocivas, muito perigosas, se o partido do proletariado

não leva adiante uma luta decidida contra elas, se não conta com uma forte organização e uma férrea disciplina proletária, se não se caracteriza por uma sólida unidade de pensamento e ação, que exclua todo espírito de fracionismo e de seita.

Por esta razão, os partidos marxistas-leninistas, além de elevarem seu nível ideológico e de fortalecerem sua luta contra o revisionismo e as influências da ideologia burguesa, dedicam o maior cuidado à consolidação organizativa interna com base nos princípios e nas normas leninistas. Um partido se toma e é revolucionário quando em suas fileiras militam elementos revolucionários abnegados, ativos e provados. Esses partidos combatem resolutamente as concepções intelectualistas e sectárias que amiúde, sob o pretexto da necessidade de admitir "elementos preparados", fecham as portas do partido aos operários e aos elementos sadios procedentes de outras camadas das massas trabalhadoras, que, militando nas fileiras do partido, podem adquirir todas as qualidades que caracterizam a vanguarda do proletariado revolucionário.

O sentimentalismo, o liberalismo, a tendência a buscar a quantidade para ter a sensação de que as fileiras do partido estão engrossando com novos elementos, são manifestações funestas, de graves conseqüências. Recrutamentos desse gênero, sem aplicar rigorosamente as normas marxistas-leninistas, longe de impedirem que a influência e a pressão da burguesia afetem o partido a partir de fora, permitem que se infiltrem nele todo tipo de elementos que o dividem e terminam por liquidá-lo.

Os partidos marxistas-leninistas dos países capitalistas trabalham e lutam em condições difíceis e enfrentam numerosos perigos, provenientes de todas as partes. Não são perigos imaginários, mas reais, com os quais se chocam a cada dia, a cada passo, em cada ação. Não podem ser enfrentados se os comunistas não compreendem que seu programa de ação e de luta se fundamenta na necessidade de fazer sacrifícios pelos grandes ideais da causa do proletariado e do comunismo, se estes sacrifícios não são aceitos de maneira consciente e não são feitos sem vacilar em qualquer momento, situação e circunstância que o grande interesse do proletariado e do povo exija.

Nos países capitalistas, a existência de muitos partidos ocasiona uma grande confusão entre as pessoas. Esses partidos atuam unicamente visando as eleições, estão a serviço do capital local e mundial, que dominam com a ajuda do Poder do Estado e do dinheiro e graças à força organizada do exército, da polícia e dos demais órgãos de repressão. Os partidos que estão ligados aos capitais, aos consórcios e às diversas

sociedades multinacionais praticam o jogo da "democracia" a fim de afastar as massas do principal objetivo de sua luta, do objetivo de sacudir o jugo do capital e conquistar o Poder do Estado, do objetivo de fazer a revolução.

Os partidos burgueses, não sem intenção, aplicam determinadas orientações e formas organizativas e políticas. Permitem, por exemplo, que ingressem ou saiam de suas fileiras quem quiser e quando quiser. Todos gozam da "liberdade" de divagar e de perturbar, de fazer seus discursos em reuniões e comícios, mas a ninguém é permitido, ultrapassar os limites da chamada liberdade de expressão. A passagem da liberdade de expressão às ações concretas é classificada e tratada como um ato anarquista, próprio de criminosos e terroristas.

O partido marxista-leninista jamais deve ser um partido desse tipo. Não é um partido de tagarelice, mas de ação revolucionária. Se seus membros não empreendem ações e uma luta concreta, não será um verdadeiro partido marxista-leninista, mas um partido marxista-leninista somente de fachada. Indubitavelmente um tal partido, em determinados momentos, dividir-se-á em diversas frações, terá muitas linhas que coexistirão e o tomarão um partido liberal, oportunista e revisionista. Um partido desse tipo não é adequado à classe operária nem esta tampouco dele necessita.

Um partido marxista-leninista revolucionário está em permanente luta com o reformismo, o anarquismo e o terrorismo. Opõe-se a todas essas correntes contra-revolucionárias sob quaisquer formas que se apresentem. O partido deve ter em conta que a burguesia não permanecerá impassível, golpeá-lo-á, qualificará seus atos de anarquistas e terroristas. Mas isto não deve levá-lo a manter-se na retaguarda dos acontecimentos e do movimento das massas, a deixar de empreender ações e a cair no círculo vicioso dos partidos revisionistas e reformistas.

São as próprias ações complexas da luta política, ideológica e econômica dos partidos marxistas-leninistas, à frente da classe operária, contra a burguesia, a social-democracia, o revisionismo e o Estado burguês, que definem aos olhos das massas o verdadeiro caráter revolucionário dessas ações. As massas sabem distinguir as verdadeiras ações revolucionárias, que coincidem com seus interesses, do terrorismo e do anarquismo. Por isso participam das ações revolucionárias que os partidos marxistas-leninistas dirigem e se levantam contra o Poder da burguesia independentemente dos ataques e da dura repressão, às vezes sangrenta, que a burguesia capitalista move contra a classe operária e os verdadeiros comunistas.

O partido comunista marxista-leninista não teme a guerra civil. A repressão e a feroz violência da burguesia conduzem a esta guerra. É sabido que a guerra civil não é travada entre a classe operária e os demais trabalhadores honestos, mas pelas massas trabalhadoras contra a burguesia capitalista dominante e seus órgãos de repressão. A luta revolucionária do proletariado deve conduzir à conquista do Poder por meio da violência. Este rumo da luta é precisamente o que tanto temem os capitalistas, os burgueses e os revisionistas. Por isso, a social-democracia e os revisionistas contemporâneos esforçam-se para impedir que a classe operária adquira consciência revolucionária, compreenda o significado dos problemas econômicos, políticos e ideológicos, alcance a maturidade revolucionária e a sólida organização que contribuem para criar as condições subjetivas da luta pela tomada do Poder.

A estratégia e as táticas da burguesia, que têm sido adotadas também pelos eurocomunistas, tendem a dividir a classe operária com a finalidade de impedir que se forme uma força de choque única com a qual tenham que confrontar-se. Enquanto isso, os partidos marxistas-leninistas, muito pelo contrário, lutam pela unidade da classe operária.

A burguesia teme as organizações revolucionárias e a unidade do proletariado que, ao contrário das prédicas dos eurocomunistas e dos demais revisionistas, continua constituindo a principal força motriz revolucionária de nossa época. Por isso, trata de manter sob seu permanente controle a organização sindical, as centrais sindicais, que nos países capitalistas podem ser numerosas, com nomes e programas aparentemente distintos, mas que não apresentam diferenças essenciais entre si. Através dos partidos burgueses e revisionistas e das próprias estruturas estatais, a burguesia impulsionou, como jamais o havia feito, o papel diversionista dos sindicatos, que são abertamente manipulados por ela.

Como demonstram os fatos, em muitos países os sindicatos desse tipo integraram-se totalmente na organização econômica e estatal do capitalismo e converteram-se em seu apêndice. É bem conhecida a colaboração cada vez mais aberta das centrais sindicais com o patronato, com o capital financeiro e os governos burgueses. O movimento sindical, tal como se apresenta na atualidade, não desafia o capitalismo, mas trabalha para ele, busca submeter o proletariado, limitar e sabotar sua luta contra o capitalismo. Alguns deles, mais que organizações sindicais, têm todo o aspecto de consórcios capitalistas.

É sabido que, em decorrência da atividade de sapa dos revisionistas e da social-democracia, das centrais sindicais burguesas-reformistas

que manipulam uma parte considerável dos operários, o proletariado europeu continua dividido. O controle que os revisionistas e os social-democratas exercem sobre o movimento sindical obstaculiza extremamente o desenvolvimento da luta de classes e impede a formação e a têmpera da consciência revolucionária dos trabalhadores. Por isso, a única alternativa que se impõe aos marxistas-leninistas e aos revolucionários é desmascarar a atividade dos revisionistas, desbaratar suas posições no movimento sindical e criar sindicatos revolucionários. Subentende-se que estes novos sindicatos não podem passar por cima do objetivo de alcançar a unidade da classe operária contra o Poder do capital, contra sua demagogia e a dos partidos burgueses e revisionistas.

Combater os chamados sindicatos tradicionais não implica em que se tenha de opor se por princípio à existência dos sindicatos como organizações de massa de caráter amplo, Como centros de organização e de resistência da classe operária, historicamente inevitáveis e imprescindíveis nas condições do capitalismo, para unir a classe operária e lançá-la à luta de classe contra a burguesia.

Os marxistas-leninistas, ao colocarem a tarefa de criar sindicatos revolucionários, não abandonam em absoluto o trabalho nos sindicatos existentes onde estão filiadas grandes massas de operários, visto que tal abandono suporia deixar as mãos livres aos pelegos sindicalistas para manipularem a seu bel-prazer a classe operária e dela se servirem em benefício próprio e do capital. Que os comunistas atuem nos sindicatos existentes não é algo que dependa das conjunturas, nem uma "tática", como pretendem os trotskistas, mas uma atitude de princípios, que se baseia nos ensinamentos leninistas sobre a necessidade da unidade da classe operária, a qual não pode ser alcançada se não trabalhamos entre as massas, se não as afastamos da influência da burguesia e dos diversos oportunistas.

Naturalmente, a luta do partido marxista-leninista nas centrais sindicais reformistas e revisionistas não tem por objetivo corrigir ou educar os chefetes sindicais, tampouco melhorá-las ou reformá-las. Tal atitude seria um novo reformismo. Os marxistas-leninistas trabalham entre as massas de sindicalistas para educá-los e prepará-los para as ações revolucionárias anticapitalistas, antiimperialistas e anti-revisionistas. Nesse processo de trabalho e de luta consegue-se também a coesão e a unidade do proletariado.

Mas, como nos ensina o marxismo-leninismo, a unidade da classe operária é conseguida antes de tudo no terreno prático, através das ações políticas e das reivindicações econômicas, combinando-as e

priorizando as ações políticas. Os marxistas-leninistas, mantendo-se firmemente nas posições de classe e revolucionárias, lutam para que as reivindicações econômicas sejam conjugadas com as reivindicações políticas e nesse terreno denunciam e desmascaram a atividade traidora dos chefetes sindicais, que, valendo-se de diversas manobras sindicais, sacrificam os grandes interesses fundamentais do proletariado.

Atualmente contam-se por milhões as pessoas que participam nas greves e manifestações, levantando reivindicações econômicas, que têm também um caráter político, porque se luta contra o capitalismo, que se nega a reconhecer os direitos dos operários. No entanto, tudo isto desemboca em acordos entre os pelegos sindicalistas e os capitalistas, que, para satisfazer um pouco os grevistas, fazem alguma pequena concessão. Mas, se realmente se desse a estas reivindicações um caráter político, os instrumentos do capital nos sindicatos e o próprio capital se veriam envolvidos em grandes dificuldades.

É precisamente a combinação da luta econômica com a luta política o que tanto receiam a aristocracia operária e a burguesia capitalista. Uma e outra tremem diante da luta política, porque sabem que esta leva longe a classe operária e a conduz a enfrentamentos e choques. As ações políticas, devidamente desenvolvidas, debilitam a direção da burguesia capitalista nos sindicatos, rompem as normas, as leis e tudo o que ela instituiu para escravizar a classe operária; estas ações abrem os olhos da classe operária.

A classe operária é a classe dirigente e como tal deve romper com a psicologia burguesa e pequeno-burguesa. Para isto é necessário combater tanto os pontos de vista oportunistas liberais, que conduzem a desvios sindicalistas de direita, como os pontos de vista sectários, que afastam o verdadeiro partido marxista do trabalho vivo, de massas e concreto. Ambos os pontos de vista acarretam conseqüências extremamente nocivas para a causa da revolução. Do mesmo modo que não é justo reduzir a luta sindical apenas às reivindicações econômicas, tão pouco é justo vacilar em assumir a luta pelas reivindicações econômicas por medo de cair no oportunismo e de desenvolver uma luta meramente sindical.

Lutando pela unidade da classe operária, os partidos marxistas-leninistas consideram tudo isto como base da unidade de todas as massas populares, que é algo radicalmente oposto ás coligações e ás alianças sem princípio e contra-revolucionárias que os Eurocomunistas aconselham.

O aprofundamento da crise que o mundo capitalista e revisionista

atravessa amplia a base social e de classes da revolução. No movimento revolucionário tomam parte cada vez mais ativamente, além da classe operária, outras camadas sociais exploradas pelo capitalismo, como o campesinato, a pequena burguesia urbana, a intelectualidade e os estudantes, a juventude e a mulher. Por isso, ligar-se a essas massas e dirigi-las constitui para os partidos marxistas-leninistas uma tarefa primordial.

O trabalho direto do partido marxista-leninista e de seus militantes no seio das massas é imprescindível e muito valioso, mas é insuficiente para estender a influência do partido entre as amplas massas trabalhadoras, se este, ao mesmo tempo, não organiza e põe em movimento as suas correias de transmissão, as organizações de massas, como a da juventude, a da mulher etc. O partido marxista-leninista trabalha em toda parte onde estão as massas, inclusive nas organizações que são dirigidas e manipuladas pelos partidos burgueses e revisionistas, para afastá-las da influência de sua ideologia reacionária e oportunista, do mesmo modo que trabalha para criar organizações revolucionárias de massas que militem seguindo a linha do partido e atuem conscientemente sob sua direção.

A juventude, as mulheres e as demais massas trabalhadoras dos países onde domina o capital, constituem uma grande reserva da revolução. Contam-se por milhões as massas de jovens e de mulheres que atualmente se encontram marginalizadas, abandonadas e sem nada a esperar da burguesia; entre elas ferve o descontentamento e se acumulam os elementos geradores de irrupções revolucionárias. Considerando o movimento da juventude, dos estudantes, da intelectualidade e das mulheres progressistas como parte importante do amplo movimento revolucionário, democrático e de libertação em geral os marxistas-leninistas lutam por entrelaçar o ímpeto e as aspirações revolucionárias destas massas com o ímpeto e as aspirações da classe operária, para organizá-las, educá-las e dirigi-las por uma via correta. Quando as inesgotáveis energias da juventude, das mulheres e das demais massas se unem às energias da classe operária sob a direção do partido proletário, não há força que possa impedir o triunfo da revolução e do socialismo.

A hegemonia do proletariado não seria completa e eficaz caso não se estenda a todas as camadas da população interessadas na revolução, sobretudo o campesinato, que, na imensa maioria dos países, é o principal e mais poderoso aliado da classe operária. A aliança da classe operária com o campesinato é, ao mesmo tempo, a base para a união num ampla frente, de todas as massas trabalhadoras, de todos aqueles que de uma ou de outra forma lutam contra o capitalismo

e o imperialismo, contra a opressão e a exploração dos monopólios e das multinacionais.

Atualmente, nas ruas dos centros urbanos e rurais dos países capitalistas ocorrem numerosos comícios e manifestações. Naturalmente, são organizados pelos partidos burgueses, social-democratas e revisionistas que, visando determinados fins, levam as massas às ruas. Antes de tudo, buscam manter sob controle as massas trabalhadoras descontentes, limitar suas reivindicações ao aspecto econômico, aceitáveis para a burguesia. A tarefa dos comunistas não pode ser a de manter-se à margem dessas manifestações, sob o pretexto de que são os partidos burgueses e revisionistas que as organizam, mas participar desses movimentos de massas e convertê-los em manifestações e choques de caráter político com a burguesia e seus lacaios.

O imobilismo, a apatia e as discussões estéreis representam a morte para um partido marxista-leninista. Se um partido marxista-leninista não está continuamente em ação, em movimento, com sua agitação e propaganda, se não participa nas diversas manifestações da classe operária e das; demais massas trabalhadoras, independentemente de que estas possam estar sob a influência dos partidos reformistas, não poderá corrigir o rumo que os partidos reformistas dão aos movimentos de massas.

A justa linha do partido marxista-leninista não pode ser levada às massas unicamente através de sua imprensa, que é geralmente bastante limitada. Esta linha é levada às massas pelos próprios comunistas, pelos simpatizantes, pelos membros das organizações de massas, precisamente no curso da atividade e das ações da classe operária e das demais massas trabalhadoras, quando estas se encontram em movimento, em luta, batendo-se por seus direitos econômicos, e, com maior razão, por seus direitos políticos.

Uma ação desse tipo, revolucionária e ativa, assegura dois importantes objetivos: por um lado, tempera o próprio partido em suas ações junto às massas e aumenta sua autoridade e influência; por outro lado, possibilita que o partido veja em ação os elementos da classe operária mais avançados, política e ideologicamente, aqueles que no futuro serão os seus melhores e mais resolutos militantes. É aí onde os partidos marxistas-leninistas adquirem sangue novo para suas fileiras, e não entre os elementos intelectuais descontentes ou entre alguns profissionais que ficaram sem trabalho e exigem justiça, que se sentem indignados, mas que não são persistentes nem aceitam a disciplina férrea de um partido proletário marxista-leninista.

Os dirigentes dos partidos revisionistas acreditam que todo o trabalho do partido deve se limitar a constantes discussões, às teorizações fúteis, às contestações vazias sobre uma ou outra questão. Nada pode resultar de tal atividade estéril. Os partidos revisionistas trabalham as massas através de sua imprensa, que, é preciso reconhecer, não é pequena. Estes mesmos partidos constituem grandes trustes capitalistas e realizam sua propaganda mediante seus funcionários assalariados, que são mestres em aconselhar as massas sobre o que devem e o que não devem fazer. Com sua demagogia, obscurecem o objetivo final das massas trabalhadoras, que é derrubar o sistema capitalista, fazendo-lhes crer que o que se consegue através de uma greve comum é tudo. Esta grande fraude favorece a burguesia capitalista. Por isso esta não se inquieta com as palavras, os artigos, as arengas dos funcionários revisionistas, nem com as greves que são realizadas sob a direção de seus partidos.

Os partidos marxistas-leninistas não caem nessas formas triviais de propaganda dos partidos revisionistas. Estão conscientes de que a insurreição, a revolução, não vem por si sós. É preciso prepará-las. E sua melhor preparação é realizada por meio das ações. Porém, além da ação se necessita também da teoria, que a guia. Marx, Engels, Lênin e Stálin nos ensinam que sem ação revolucionária não há teoria revolucionária e sem teoria revolucionária não há ação revolucionária.

O trabalho do partido marxista-leninista entre as massas, sua união em tomo de objetivos políticos concretos, é uma importante tarefa, porque a revolução não é feita unicamente pela classe operária e muito menos apenas por sua vanguarda, o partido comunista. Para realizá-la, a classe operária alia-se com outras forças sociais, com partidos progressistas ou frações dos mesmos, com homens progressistas, em tomo dos interesses comuns sobre diversos problemas e em diversos períodos. Com esses aliados cria amplas frentes populares baseadas em determinados programas políticos. O partido da classe operária não se dilui nessas frentes, mas sempre conserva sua independência organizativa e política.

A questão das alianças é um problema agudo e bastante delicado. O partido marxista-leninista deve observar, estudar e definir as tendências, as exigências e as contradições existentes no movimento de massas; noutras palavras, a dialética da luta de classes. Sobre esta base escolhe o correto caminho para concretizar diversas alianças. Na análise correta e na avaliação da situação existente no seio das massas e dos diversos agrupamentos políticos, fundamenta-se também a maturidade do partido

marxista-leninista para criar as alianças necessárias. Somente com uma política correta e uma previsão exata dos acontecimentos e de seu desenvolvimento, o partido da classe operária conservará sua personalidade em tais alianças e aumentará sua influência entre as massas que busca aglutinar e conduzir à revolução.

A formação de diversas alianças, e com base nisso, a criação de amplas frentes populares, coloca-se como uma tarefa imperativa, particularmente quando em muitos países é grande e imediato o perigo do fascismo e têm aumentado as pressões e intervenções das superpotências contra todos os países. O alcance dessa unidade e dessas alianças vê-se favorecido pelo fato de que no atual processo revolucionário o problema nacional adquire uma importância particular que aumenta cada vez mais.

Isto se relaciona com a intensificação da política expansionista, hegemônica e agressiva das potências imperialistas. Porém, a ocupação de um país nem sempre se realiza através de agressões militares. A ocupação, a colonização, a opressão e a exploração são realizadas também com outras formas "novas", "modernas", econômicas, culturais e políticas, que encobrem a dominação e a ferocidade imperialista.

Por isso, quando dizemos que a revolução está na ordem do dia, isso também está relacionado com esse problema nacional, ou seja, com a ocupação de um país ou de vários países pelas grandes potências capitalistas e imperialistas, tanto por meio de uma agressão militar direta como por outros meios e vias indiretas. Nesse sentido, países como Itália, Espanha, Portugal etc., apesar de concretamente não terem sido ocupados por exércitos estrangeiros recorrendo à força das armas, encontram-se sob a dominação estrangeira e são objeto de sua intervenção.

Os eurocomunistas podem pregar o quanto quiserem que seus países são livres e soberanos. Porém, de fato, os povos espanhol, italiano, português e outros são oprimidos e explorados. Nesses países existe uma democracia burguesa, mas o Estado está indissoluvelmente ligado ao capital estrangeiro. O povo e a classe operária, não gozam de democracia nem de uma verdadeira soberania. Não são livres, porque tudo está condicionado ao capital estrangeiro.

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando muitos países estavam ocupados pelo exército nazista alemão e pelo exército fascista italiano, os **quislings*** e colaboracionistas uniram-se aos ocupantes.

* ***Inglês no original: traidores***

Também em nossos dias, outros **quislings** e colaboracionistas, com outras máscaras e **slogans**, encontram-se no Poder e estão ligados por mil fios aos novos ocupantes modernos, aos neocolonialistas e seus capitais.

Para preparar e levar a efeito a revolução, reveste-se de grande importância o trabalho revolucionário nas fileiras dos exércitos burgueses que Lénin considerava

> *"... os instrumentos fundamentais da força do Poder estatal".**

Lênin resolveu muitos problemas teóricos e práticos relacionados com a necessidade imperiosa de realizar um trabalho revolucionário nas fileiras dos exércitos burgueses e definiu os caminhos para golpeá-los, desmoralizá-los e desintegrá-los. Esta questão adquire uma particular importância nas condições atuais, quando em muitos países as situações revolucionárias estão amadurecendo com grande rapidez. O exército burguês em geral é a burguesia armada até os dentes, que se ergue frente ao proletariado e às massas populares.

O grande número de efetivos dos exércitos nos países capitalistas poderia fazer crer que, em tais circunstâncias, a revolução e a destruição do Estado opressor e explorador são impossíveis. Esses pontos de vista são propagados e apregoados sobretudo pelos eurocomunistas, que não golpeiam o exército burguês nem mesmo com plumas. A quantidade dos efetivos do exército não muda grande coisa para a revolução, enquanto que para a burguesia representa um problema preocupante. O fato de o exército se ampliar com numerosos elementos procedentes de diversas camadas da população cria condições mais favoráveis para desmoralizá-lo e fazer com que se revolte contra a própria burguesia.

Deste modo, a revolução tem diante de si dois grandes problemas. Por um lado, deve ganhar a classe operária e as massas trabalhadoras, sem as quais não se pode fazer a revolução e, por outro, deve desmoralizar e desintegrar o exército burguês, que reprime a revolução. Se, para alcançar seus fins, a burguesia utiliza nos sindicatos a aristocracia operária, no exército vale-se da casta de oficiais, que, assim, cumprem as mesmas funções que os pelegos nos sindicatos.

Os princípios, as leis e as estruturas organizativas dos exércitos burgueses são de tal natureza, que permitem à burguesia exercer seu controle sobre eles, mantê-los de pé e prepará-los como instrumentos de repressão à revolução e aos povos. Isto mostra o acentuado caráter

---

* *V. I. Lênin,* **Obras***, ed. albanesa, t. 25 , p. 459*

de classe e reacionário do exército burguês e desmascara os esforços por apresentá-lo como um organismo "acima das classes", como uma organização "nacional", "alheio à política", que "respeita a democracia" etc. O exército burguês de qualquer país, independentemente de suas "tradições democráticas", é um exército antipopular e está destinado a defender a dominação da burguesia, a realizar seus objetivos expansionistas.

Sem dúvida, o exército burguês não constitui uma massa compacta; nele não há nem pode haver unidade. As contradições antagônicas entre a burguesia capitalista e revisionista, por um lado, e o proletariado e as demais massas trabalhadoras, por outro, refletem-se também nos exércitos desses países. A massa de soldados, constituída por filhos de operários e de camponeses, tem interesses diametralmente opostos ao caráter e à missão que a burguesia reservou ao seu exército. Esta massa está interessada, assim como os operários e demais trabalhadores, em derrocar o regime explorador; por isso, a burguesia a mantém encerrada nos quartéis, afastada do povo, transformando o exército, como assinalava Lênin, em "prisão" para a massa de milhões de soldados.

Aqui tem sua origem o conflito, que se aprofunda continuamente entre os soldados, que são filhos do povo, e os comandos, os oficiais, que são executores das ordens da burguesia capitalista, e que foram preparados e educados para servir zelosamente aos interesses do capital. O trabalho do partido marxista-leninista procura fazer com que o soldado se rebele contra o oficial, não cumpra as ordens, a disciplina e as leis da burguesia, sabote as armas para que não sejam utilizadas contra o povo. Lênin disse:

> *"Sem a 'desorganização' do exército não se produziu nem se poderá produzir nenhuma grande revolução. Porque o exército é o instrumento mais fossilizado em que se apòia o velho regime, o baluarte mais rígido da disciplina burguesa e da dominação do capital, da manutenção e do cultivo da submissão servil e da submissão dos trabalhadores ao capital".* *

Naturalmente, os métodos, as formas e as táticas utilizadas para desorganizar e desintegrar o exército são numerosas e variadas, e estão em função das condições concretas. Atualmente, as condições não são idênticas nos diversos países, por isso também as táticas dos marxistas-

* ***V. I. Lênin,* Obras, *ed. albanesa, t. 28, p. 321***

leninistas variam de um país a outro. Há países onde a ditadura fascista e o terror são exercidos abertamente; há outros onde se pode e se deve aproveitar também as limitadas formas legais da democracia burguesa. Mas, em geral, o trabalho individual com cada soldado, dentro e fora do quartel, a encarniçada luta dos operários, as greves contínuas, as manifestações, os comícios, os protestos etc., desempenham um importante papel tanto na mobilização das massas, como na desorganização do exército burguês.

> *"... todas essas batalhas e escaramuças de prova, por assim dizer — sublinhava Lênin — incorporam inevitavelmente o exército à vida política e, por conseguinte, ao circulo dos problemas revolucionários. A experiência da luta capacita com maior rapidez e profundidade do que anos inteiros de propaganda em condições diferentes".* *

Com o soldado, filho do povo, deve-se trabalhar antes que ele se aliste no exército, durante o serviço militar, que é uma fase mais decisiva, e finalmente, depois que dá baixa e passa para a reserva. Tampouco se deve descartar o trabalho com os oficiais de escalão inferior para afastá-los da casta dos oficiais de alta patente e persuadi-los a não levantarem a mão contra o povo.

Não resta dúvida de que o trabalho político no exército é tão importante como perigoso. Enquanto no seio dos sindicatos, a máxima sanção por atividade e propaganda política é a dispensa do trabalho, no exército, onde a atividade e a propaganda políticas estão rigorosamente proibidas, a condenação pode chegar até ao fuzilamento. Mas aos comunistas revolucionários jamais faltou o espírito de sacrifício, nem a convicção de que, sem atuar nesse setor, não se pode abrir o caminho à revolução.

A desorganização do exército burguês é ao mesmo tempo parte integrante da estratégia, que tende a frustrar os planos belicistas da burguesia capitalista, a sabotar as guerras de rapina e transformá-las em guerras revolucionárias. Assim atuaram os bolcheviques com o exército do czar nos tempos de Lênin. A derrocada de Kerenski e seu governo, que tinha a intenção de prosseguir a guerra imperialista; a política de Lênin acerca da paz, da questão agrária, da distribuição das terras aos camponeses pobres etc., levaram os soldados para o lado da revolução, enquanto que a casta dos oficiais permaneceu com os guardas brancos,

* *V. I. Lênin,* **Obras***, ed. albanesa, t. 9, p. 402-3.*

passou para o lado da contra-revolução. A estratégia e a tática leninistas da luta contra o exército burguês facilitam a tarefa para a classe operária e para os povos, impulsiona-os e mobiliza-os para fazer a revolução, para a luta antiimperialista e de libertação nacional.

O movimento revolucionário mundial conta com uma rica experiência de trabalho nas fileiras do exército burguês. Em 1905, na Rússia, foram criados no exército czarista, os comitês revolucionários de soldados, sob o comando do partido social-democrata russo guiado por Lênin. Durante a revolução de fevereiro de 1917, e sobretudo no curso da Revolução de Outubro, nos destacamentos e unidades do exército czarista criaram-se células do partido e sovietes de soldados e marinheiros, os quais jogaram um papel decisivo em fazer com que o exército burguês passasse em massa para o lado da revolução.

Durante a Luta Antifascista de Libertação Nacional na Albânia, o Partido Comunista da Albânia trabalhou na completa clandestinidade nas fileiras do exército, inclusive entre a gendarmeria, a policia etc., a fim de paralisar essas forças, e de provocar desordens e deserções em suas fileiras. Isto obrigou o inimigo a perder a confiança e, em alguns casos, a deportar unidades inteiras do antigo exército albanês, o qual estava a serviço do ocupante. Além disso, muitos militares das fileiras do antigo exército passaram-se para o nosso Exército de Libertação Nacional.

Tomemos outro exemplo mais recente, o do exército do Xá do Irã e de sua casta de oficiais, que, apesar de estar armado até os dentes, e de dispor das armas mais sofisticadas, não foi capaz de atuar com eficácia e de esmagar a insurreição antiimperialista e antimonárquica do povo iraniano.

O regime dos Pahlevi foi um dos regimes mais bárbaros, mais sanguinários, mais exploradores e corrompidos do mundo atual. A feroz ditadura dos Pahlevi apoiava-se nos senhores feudais, nos grandes ricaços criados pelo regime, no exército reacionário e sua casta dirigente, na Savak que, como o próprio Xá a qualificava, era um "Estado dentro do Estado". Os Pahlevi, que dominavam com o terror, eram sócios do imperialismo norte-americano e inglês e estavam vendidos a estes; eram os gendarmes melhor armados do Golfo Pérsico, sob as ordens da CIA norte-americana.

Sem dúvida, nem o terror selvagem, nem o exército, nem a Savak etc., conseguiram esmagar a revolta do povo iraniano que, intensamente e por diversas formas, prosseguiu na luta até alcançar um elevado nível qualitativo e superar a fase do temor à violência. No curso desse

processo, desintegraram-se o exército e a Savak, muralhas defensivas do sanguinário regime do Xá; uma parte do exército passou para o lado do povo, que empunhou as armas e continua com as armas nas mãos. Esta é uma experiência que confirma que nem o exército nem a polícia, por mais numerosos que sejam e bem armados que estejam, podem impedir a revolução, quando o povo se levanta como um só homem, quando se realiza um cuidadoso trabalho para desmoralizar e desintegrar o exército e a polícia burgueses.

Atualmente é moda nos países capitalistas que todo tipo de gente fale da "revolução" e de ações supostamente revolucionárias. Os chamados "esquerdistas" exigem em altos brados "medidas revolucionárias", mas em seguida fixam os limites. "Explicam" que as medidas revolucionárias não devem ser empreendidas em todas as partes e em todos os terrenos, mas que algumas "transformações são suficientes". Trata-se, pois, de criar ilusões a fim de enganar as massas que exigem transformações revolucionárias radicais.

Assim como a burguesia, os "esquerdistas" consideram o exército como uma "fortaleza intocável" e nem sequer cogitam a tarefa de desintegrá-lo, desmoralizá-lo e destrui-lo. Por outro lado, os partidos marxistas-leninistas, sem descuidar dos outros aspectos da luta, consideram a luta pela unidade da classe operária e a desintegração do exército burguês como dois aspectos de importância determinante para o triunfo da revolução. Lênin dizia:

> *"É evidente que se a revolução não ganha as massas e o próprio exército, não se pode falar de uma luta séria".**

O trabalho dos marxistas-leninistas nas fileiras do exército burguês e revisionista tem por objetivo atrair os militares a uma atividade revolucionária consciente e não simplesmente para a organização de golpes de Estado. Os marxistas-leninistas jamais consideraram nem consideram a derrocada do regime capitalista como uma questão de **putschs** e complôs militares, mas como o resultado de uma atividade consciente, da participação ativa das massas na revolução.

Os golpes de Estado, os complôs organizados pela casta de oficiais estão na moda em muitos países do mundo. Mediante estas ações, os grupos monopolistas derrubam um governo para substituí-lo por outro que esteja a seu serviço. Em muitos países, os imperialistas norte-americanos e os social-imperialistas soviéticos, recorrendo aos golpes

* *V. I. Lênin,* **Obras***, ed. albanesa, t. 11, p. 183*

militares, têm colocado à frente do Estado camarilhas reacionárias que estão a seu serviço. Nesses casos, a massa de soldados amiúde tem servido cegamente aos interesses das classes dominantes locais e das superpotências imperialistas.

Em tais circunstâncias, os verdadeiros revolucionários esclarecem a situação à massa de soldados para que não se deixem enganar pela propaganda reacionária, que apresenta os golpes militares como atos "no interesse da nação", "no interesse do povo e em defesa da pátria" etc.

Explicam também que o anarquismo, o terrorismo e o banditismo, que estão adquirindo vastas proporções nos países capitalistas e revisionistas, nada têm em comum com a revolução. Os fatos cotidianos comprovam que os grupos anarquistas, terroristas e de bandidos estão sendo utilizados pela reação como uma justificativa e uma arma para preparar e implantar a ditadura fascista, para amedrontar a pequena burguesia e convertê-la em instrumento e em massa de manobra para o fascismo, a fim de paralisar a classe operária e mantê-la aprisionada ao capitalismo, sob a ameaça de perder as poucas migalhas que a burguesia lhe tem "concedido".

Todas essas correntes e grupos se disfarçam com nomes atraentes, como "proletários", "comunistas", "brigadas vermelhas" e outros apelativos, que semeiam grande confusão. As ações destes grupos nada têm a ver com o marxismo-leninismo, com o comunismo.

Em sua propaganda, a burguesia, também acusa os comunistas, aqueles que lutam verdadeiramente pela revolução, pelo socialismo e pela destruição do domínio burguês, de terroristas, anarquistas e bandidos, e trata de mobilizar a opinião pública contra as verdadeiras organizações revolucionárias do proletariado e sua vanguarda. É principalmente com este objetivo que incita o terrorismo e o banditismo, que, em países como a Itália, estão adquirindo grandes proporções.

Os marxistas-leninistas levam sempre em conta estas manobras e artimanhas da burguesia e lutam para desmascará-las e frustrá-las. Rechaçam os ataques, as acusações e as calúnias da burguesia e de seus lacaios, que consideram a atividade clandestina do partido marxista-leninista como terrorismo e banditismo.

A existência do partido marxista-leninista na clandestinidade, parcial ou total, depende das condições concretas de cada país. Porém, independentemente destas condições, a organização do trabalho clandestino é a melhor garantia para a vitória. Sem esta organização, a grande força de choque da ditadura burguesa, nos momentos que

considera propícios, faz estragos e ocasiona graves danos ao proletariado e a sua vanguarda.

Um partido da classe operária que não prevê os momentos candentes de choques e enfrentamentos com as forças da burguesia capitalista, não é um partido verdadeiramente revolucionário. Para este partido, o princípio teórico de que o Poder não pode ser arrebatado à burguesia senão pela violência, com luta e sacrifícios, não passa de uma frase vazia, um **slogan**. Os momentos álgidos da luta são inevitáveis e, nestes momentos, não bastam unicamente as bases de propaganda legal. Nestes momentos, o partido comunista deve dispor também de suas bases de combate, deve ter criado suas forças de choque, ter assegurado retaguardas e tê-las dotado dos meios políticos, ideológicos e materiais necessários. As futuras ações requererão sacrifícios; pessoas serão golpeadas, outras cairão e outras serão encarceradas; por isso, é preciso trabalhar para que em tomo do partido se forme uma grande massa de homens fiéis e de revolucionários resolutos, que escutem o partido e se lancem com ele às ações revolucionárias.

Por outro lado, os partidos marxistas-leninistas sabem aproveitar também a "democracia" burguesa, as possibilidades que o trabalho e a luta legal criam para preparar a revolução. Inclusive quando atuam na legalidade, esforçam-se para que suas ações contribuam para a satisfação das suas exigências e para o cumprimento das tarefas da revolução, para a preparação ideológica, política, organizativa e militar do partido e das massas para derrocar a burguesia, independentemente do que permitam ou não permitam as leis burguesas.

Em qualquer ocasião e em todas as circunstâncias, os verdadeiros partidos revolucionários sabem combinar corretamente a organização e o desenvolvimento da luta clandestina com a legal, utilizando aquelas formas de trabalho e táticas revolucionárias que não obscureçam sua estratégia com ilusões sobre o legalismo e a democracia burguesa.

> *"Em todos os países, inclusive para os mais livres, ' legalistas ' e ' pacíficos ', ou seja, naqueles em que a luta de classes é menos aguda, dizia Lênin, chegou sem dúvida alguma o período em que é absolutamente necessário, para todo partido comunista, combinar de forma sistemática o trabalho legal e o clandestino, a organização legal e a clandestina''.* *

* ***V. I. Lênin*, Obras*, ed. albanesa, t. 31, p. 221***

À primeira vista parece que na Europa Ocidental a classe operária está fortemente atada pelas cadeias que a social-democracia e os revisionistas chamados eurocomunistas lhe colocaram; que o movimento operário se encontra sob uma grande influência da ideologia burguesa e revisionista. Mas esta aparência não corresponde à realidade. Além disso, tampouco reflete as tendências do desenvolvimento social, os processos que se agitam no seio das massas trabalhadoras, a necessidade histórica e os imperativos da época.

A burguesia, os revisionistas e todos os demais oportunistas se esforçam para conter a revolução, para sufocar o ideal comunista. Em determinadas etapas e em condições históricas particulares também conseguem aturdir e desorientar o proletariado e as demais massas trabalhadoras, ofuscar em certa medida as perspectivas do porvir socialista. Mas isto é algo temporário e transitório. A revolução e o socialismo, como teoria e ação prática, não se impõe às massas a partir de fora, por parte de indivíduos isolados ou grupos de indivíduos. A revolução e o socialismo representam a única chave de que o proletariado e as massas precisam para resolver as contradições irreconciliáveis da sociedade capitalista, para acabar com sua opressão e exploração, para conquistar a verdadeira liberdade e igualdade. E enquanto houver opressão e exploração, enquanto existir o capitalismo, o pensamento e a luta das massas sempre se voltarão para a revolução e o socialismo.

Os eurocomunistas atiraram pela janela a bandeira do marxismo-leninismo, da revolução e da ditadura do proletariado. Pregam a paz entre as classes, entoam aleluias à democracia burguesa. Porém, com prédicas e com hinos não serão remediados os males da sociedade burguesa, nem solucionadas suas contradições. Isto já o comprovou a história e seus ensinamentos não podem ser eludidos. O proletariado, os oprimidos e os explorados marcham inelutavelmente para a revolução, para a ditadura do proletariado e para o socialismo. De modo natural buscam o caminho que os conduz à satisfação dessas aspirações históricas, caminho que lhes indica a imortal teoria de Marx, Engels, Lênin e Stálin. Cabe aos novos partidos comunistas marxistas-leninistas tomar em suas mãos a direção das batalhas de classe, abandonada pelos eurocomunistas, e dar ao proletariado e às massas a vanguarda militante e combativa que procuram e que aceitam ter à sua frente.

A situação não está fácil, mas recordemos as palavras otimistas de Stálin de que "não há fortaleza que não seja tomada pelos comunistas". Este otimismo revolucionário emana das próprias leis objetivas do desenvolvimento da sociedade. O capitalismo é um sistema que a

história condenou ao desaparecimento. Nada, nem a raivosa resistência da burguesia, nem a traição dos revisionistas contemporâneos, pode salvá-lo de seu inevitável fim. O futuro pertence ao socialismo e ao comunismo.

ÍNDICE

I

A NOVA ESTRATÉGIA IMPERIALISTA E O SURGIMENTO DO REVISIONISMO CONTEMPORÂNEO..... 15
— O oportunismo, aliado permanente da burguesia . . 15
— A vitória sobre o fascismo e a contra-ofensiva do imperialismo..... 17
— O revisionismo contemporâneo no poder, nova arma da burguesia contra a revolução e o socialismo..... 21

II

O EUROCOMUNISMO, IDEOLOGIA DA SUBMISSÃO À BURGUESIA E AO IMPERIALISMO..... 42
— Os primórdios do revisionismo contemporâneo nos partidos comunistas da Europa Ocidental..... 42
— A união com os revisionistas kruschovistas na luta contra o marxismo-leninismo e a revolução..... 51
— Do oportunismo revisionista ao anticomunismo burguês..... 65
— Concepção burguesa da sociedade burguesa..... 68
— O "socialismo" dos eurocomunistas é o atual sistema capitalista..... 78
— A via "democrática" para o socialismo, máscara para a defesa do Estado burguês..... 90
— A "independência" dos eurocomunistas é a dependência ao capital e à burguesia..... 98

III

A IDEOLOGIA REFORMISTA E O OPORTUNISMO POLÍTICO, CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DOS PARTIDOS EUROCOMUNISTAS..... 111
— A Constituição do Estado burguês, base do "socialismo" togliattista..... 111
— Os sucessores de Proudhon na França..... 121
— Revisionismo sem disfarces..... 133

IV

SOMENTE OS MARXISTAS-LENINISTAS LEVANTAM E MANTÊM BEM ALTO A BANDEIRA DA REVOLUÇÃO . 142

impresso na
planimpress gráfica e editora
rua anhaia, 247 - s.p.

O EUROCOMUNISMO É ANTICOMUNISMO

A vasta obra teórica de Enver Hoxha em defesa do socialismo científico distingue-o como um eminente pensador marxista de nosso tempo. Desde novembro de 1960, quando na tribuna do Krêmlin desmascarou publicamente o revisionismo krushovista, o líder comunista albanês vem desenvolvendo uma intensa atividade teórica e prática para combater o revisionismo contemporâneo. Seus escritos dos últimos anos, editados em vários idiomas, têm servido como uma segura bússola para os comunistas e os revolucionários de todo o mundo. Em *O Eurocomunismo é Anticomunismo*, em linguagem simples e direta, acessível aos trabalhadores, Enver Hoxha desvenda as causas objetivas e subjetivas do surgimento do revisionismo contemporâneo. Discorre com aguçado espírito crítico sobre cada uma das suas variantes, detendo-se em particular na corrente batizada pela burguesia de *eurocomunismo.* Conhecedor profundo dos processos históricos e das tendências revolucionárias do mundo atual, Enver Hoxha levanta também neste livro importantes questões relacionadas com a teoria e a prática da revolução, segundo os critérios marxistas-leninistas.

Num momento de aceso debate político e ideológico, a publicação desta obra do dirigente albanês é, sem sombra de dúvida, uma contribuição ao esclarecimento de todos os que lutam pelo socialismo em nosso país.